

ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA: COGNIÇÃO HUMANA

BRUNO PARADA Y DALPIAZ

O PAPEL DA NARRATIVA FICCIONAL NA EMPATIA E NO JULGAMENTO MORAL

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA: COGNIÇÃO HUMANA
GRUPO DE PESQUISA NEUROCIÊNCIA AFETIVA E
TRANSGERACIONALIDADE

**O PAPEL DA NARRATIVA FICCIONAL NA EMPATIA E NO JULGAMENTO
MORAL**

BRUNO PARADA Y DALPIAZ

Orientadora: Professora Doutora Adriane Xavier Arteche

Dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração: Cognição Humana.

Porto Alegre
Janeiro de 2019

Ficha Catalográfica

P222p Parada Y Dalpiaz, Bruno

O PAPEL DA NARRATIVA FICCIONAL NA EMPATIA E NO JULGAMENTO
O Papel da Narrativa Ficcional na Empatia e no Julgamento Moral /
Bruno Parada Y Dalpiaz . – 2019.

118 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Adriane Xavier Arteche.

1. julgamento moral. 2. narrativa ficcional. 3. empatia. 4.
intuição. 5. racionalização. I. Xavier Arteche, Adriane. II.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA: COGNIÇÃO HUMANA
GRUPO DE PESQUISA NEUROCIÊNCIA AFETIVA E
TRANSGERACIONALIDADE

**O PAPEL DA NARRATIVA FICCIONAL NA EMPATIA E NO JULGAMENTO
MORAL**

BRUNO PARADA Y DALPIAZ

COMISSÃO EXAMINADORA:

PROF^a DRA. ADRIANE XAVIER ARTECHE (Presidente) – Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

PROF. DR. EDUARDO VICENTINI DE MEDEIROS – Universidade de Santa Cruz
do Sul (UNISC)

PROF. DR. GUSTAVO GAUER – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS)

Porto Alegre,
Janeiro de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus colegas do grupo de pesquisa. A organização e execução desse trabalho nunca seria possível sem os estudantes de iniciação científica que auxiliaram durante boa parte da realização do mesmo. Ao Rafael Ribas pela dedicação no aprendizado de novas habilidades que ajudaram nossa coordenação do projeto e ao Thomas Crepon pela grande quantidade de coletas realizadas e iniciativa em encontrar candidatos para participar do estudo. Agradeço às colegas que iniciaram o mestrado junto comigo. À Tayse Conter, pelo ouvido amigo e conselhos que me ajudaram a diminuir a ansiedade e a me organizar melhor, também, à Carol Rebeschini pela ajuda em encontrar candidatos que votassem as narrativas quando mais precisei.

Agradeço à prof. Dra. Adriane Arteche, minha orientadora, por abraçar um projeto que fugia um pouco das temáticas normalmente desenvolvidas no grupo. Essa oportunidade cativou minha criatividade e curiosidade, tornando-me um cientista um pouco mais qualificado.

Ao prof. Dr. Eduardo Vicentini, cujas observações e sugestões de esclarecimento conceitual enriqueceram meu trabalho e mostraram que a intersecção entre diferentes áreas como a filosofia e psicologia possibilita um diálogo crítico e construtivo. Esta é a base do fazer científico de qualidade.

Aos meus pais, Lali e Jaime, pelo apoio incondicional desde a época da minha graduação. À Lali pelos conselhos e apoio nos momentos de maior dificuldade, tua compreensão frente as dificuldades que surgiram fizeram deste um processo mais leve e menos estressante. Também ao Jaime, que mesmo desde longe, demonstrou preocupação e cuidado que facilitaram meu engajamento no mestrado.

Agradeço à Ana Cláudia Wiest, que seguiu minha trajetória acadêmica e me incentivou para seguir naquilo que me fascinava. A todos os amigos que participaram,

incentivaram, me acalmaram nesse período e que de alguma maneira influenciaram quem eu sou hoje, são alguns: William Vetter, Érico Silveira, Pedro Moser, Daniel Devincenzi, Bernardo Fava, Diego Duarte, Alcindo Dedavid, Rodrigo Beirão, Dedé Fagundes e Débora Hertzog.

Por último, agradeço aos participantes do fórum do PsychoPy, em especial ao David Bridges (@dvbridges), que respondeu cada uma das dúvidas que tive em relação ao desenvolvimento do experimento que criei para este projeto.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de mestrado.

RESUMO EXPANDIDO

O estudo do julgamento moral na psicologia tem se destacado a partir da revolução cognitiva e, especialmente, após a revolução afetiva com a mudança de um paradigma racionalista para um que destaca as emoções como centrais nos processos de tomada de decisão. O julgamento moral apresenta, portanto, processos de racionalização moral e intuitivos, relacionados ao afeto e à emoção. Considerando a empatia como sendo um processo emocional relevante no julgamento moral, diversos estudos têm discutido como a mesma afeta a nossa moralidade. Por um lado, a empatia como mecanismo evolutivo colaborou para a sobrevivência da nossa espécie facilitando o reconhecimento das emoções de indivíduos pertencentes ao mesmo grupo social. Desta forma, conseguir sentir e compreender como os outros se sentem incentivaria comportamentos pro sociais para com os membros do mesmo grupo. Por outro lado, é facilmente enviesada por conta da sua origem tribal, podendo minimizar o sofrimento de indivíduos de grupos sociais diferentes. A empatia tem sido apresentada como importante ao lermos narrativas

ficcionais, facilitando a simulação dos estados mentais e emocionais do personagem pelo próprio leitor e tornando a leitura uma experiência emocional relevante. No entanto, a empatia utilizada ao ler narrativas ficcionais pode apresentar características diferentes daquela utilizada entre indivíduos. Por exemplo, ao invés de nos sentirmos *como* o personagem, sentiríamos *pelo* personagem. Diferentes estudos apontam que ao lermos narrativas ficcionais a empatia pode ser aumentada, facilitando o reconhecimento de emoções nos outros. Consequentemente, o presente estudo procurou compreender se a empatia e o sexo podem influenciar a moralidade ao lermos narrativas ficcionais. Com este objetivo, na presente dissertação foi desenvolvido um artigo empírico que testa o efeito moderador da empatia no julgamento moral a partir da leitura de narrativas ficcionais. 97 participantes (52 mulheres) foram randomizados para o grupo de narrativa ficcional ou o grupo controle. Cada participante preencheu o questionário de dados demográficos, a IRI, realizou o RMET e respondeu dilemas morais no T0. Três dias depois, no T1, os participantes realizaram uma leitura correspondente ao seu grupo e novamente responderam as medidas realizadas no T0. Nenhuma diferença entre grupos foi encontrada depois da leitura ficcional e não-ficcional. No entanto, um efeito de sexo foi encontrado com as mulheres apresentando menos julgamentos utilitaristas se comparadas aos homens. Além disso, o nível de empatia foi reduzido após a leitura não-ficcional e a Teoria da Mente (ToM) aumentou após ambas as leituras. Estes achados contradizem aqueles mostrando aumento da empatia afetiva e cognitiva promovida pela leitura de narrativas ficcionais.

Palavras-chave: julgamento moral, empatia, narrativas ficcionais, razão, emoção.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.02.00-1 – Psicologia

Subárea conforme classificação do CNPq: 7.07.02.00-4 – Psicologia Experimental

ABSTRACT

The study of moral judgment in psychology had great impact starting from the cognitive and, specially, after the affective revolution with the transition of a purely rationalist paradigm to one that highlights emotion as a central process in decision making. Therefore, moral judgments integrate moral rationalization and intuitive (related to affect and emotion) processes. Regarding empathy as being a relevant emotional process in moral judgment, different studies have discussed how it affects morality. The empathic mechanism as a product of natural selection favored our species survival promoting in-group emotional recognition. Therefore, to recognize and comprehend other individuals feelings and emotions promotes prosocial behavior for in-group members. Nevertheless, empathy is easily biased as a consequence of its tribal origin and might emphasize the suffering of out-group individuals. Empathy is presented as an important mechanism for fictional reading, facilitating the simulation of the characters mental and emotional states by the reader, turning fictional reading an important emotional experience. However, empathic experience in fictional reading might differ from the one used in interpersonal interactions, namely, instead of feeling *as* the character, we feel *by* the character. Different studies show that empathy enhancement occur when we read fictional narratives, facilitating emotional recognition. Therefore, the present study aimed to comprehend empathy's influence on moral judgment through fictional narrative reading. This dissertation addresses this with an empiric article testing the moderator effect of empathy in moral judgment through fictional narrative reading. 97 subjects (52 female) were randomized to the fictional or non-fictional group. Each participant gave its demographic information and then responded the IRI, the RMET and responded moral dilemmas at T0. Three days later, at T1, participants read a piece according to its

allocation group and responded again the measures previously applied. No differences between groups were found after fictional and non-fictional reading. However, a sex effect was found with women presenting fewer utilitarian judgments if compared to men after the intervention. Furthermore, empathy level reduced after non-fictional reading and ToM increased after both readings. These findings contradict previous findings that show an enhancement of cognitive and affective empathy through fictional reading.

Key-words: moral judgment, empathy, fictional narratives, reason, emotion.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.02.00-1 – Psicologia

Subárea conforme classificação do CNPq: 7.07.02.00-4 – Psicologia Experimental

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO EXPANDIDO	5
ABSTRACT	7
SUMÁRIO.....	9
APRESENTAÇÃO.....	10
SEÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1 Emoção e Julgamento Moral	13
2.1.2 Empatia e Julgamento Moral	17
2.2. Tomada de Perspectiva e Ficção, Empatia e Julgamento Moral	22
REFERÊNCIAS	26
SEÇÃO EMPÍRICA.....	38
ANEXOS.....	61

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação de mestrado foi desenvolvida na área de Cognição Humana do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Foi coordenada pela Prof. Dra. Adriane Xavier Arteche e elaborada no Grupo de Neurociência Afetiva do Desenvolvimento (GNAT). Este projeto foi aprovado pela Comissão Científica da Faculdade de Psicologia e pelo Comitê de Ética em Pesquisa desta universidade (CEP- 1.889.114 - Anexo 1). O projeto procura o efeito da empatia sobre o julgamento moral a partir da leitura de narrativas ficcionais.

Conforme o Ato de Deliberação 05/2012 do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS a presente dissertação contempla uma seção teórica e um estudo empírico intitulado “The Effects of Literary Reading in Empathy and Moral Judgment”. Para este estudo foram contatados 97 estudantes de graduação de diferentes cursos através de indicações e divulgação pelas redes sociais. Os participantes foram randomizados em dois grupos diferentes (ficção e não ficção) e foram avaliados em relação à empatia, teoria da mente e julgamento moral em dois tempos, com três dias de diferença entre uma avaliação e outra. Os resultados do experimento são apresentados integralmente no presente estudo.

SEÇÃO TEÓRICA

Diversos filósofos ao longo da história propuseram teorias morais que tinham como objetivo definir o que é certo ou errado. Na Grécia antiga Aristóteles defendeu uma abordagem centrada na pessoa, a qual tinha como foco as diferentes virtudes que o indivíduo poderia construir ao longo da sua vida, para assim atingir a felicidade (Aristoteles, 1958/1999), sendo denominada ética das virtudes. A partir do século XVIII,

filósofos como Jeremy Bentham (1789) e John Stuart Mill (1861/1993), propuseram suas teorias morais utilitaristas e Kant (1796/2000), a sua teoria deontológica. Essas teorias – utilitarismo e deontologia – propunham especificar um procedimento para determinar a moralidade de um determinado ato independentemente de características contextuais, como a história do indivíduo ou o contexto da tomada de decisão. Portanto, diferentemente da abordagem defendida por Aristóteles, propuseram como os indivíduos *deveriam* julgar algo como sendo moralmente certo ou errado. Em contraste com essas teorias morais, a psicologia moral tenta responder *como* e *por que* os indivíduos fazem julgamentos morais (Uhlmann, Pizarro, & Diermeier, 2015). Os primeiros expoentes no campo da psicologia moral foram Piaget (1933) e Kohlberg (1973) – o último dando continuidade à construção teórica do primeiro – e ambos foram influenciados principalmente pela teoria ético-normativa deontológica proposta por Kant (2000). Já a teoria utilitarista proposta inicialmente por Mill (1993) influenciou autores da psicologia moral no final do século passado e começo deste século (Baron, 1994; Greene, 2001; Greene & Haidt, 2002).

Na revolução cognitiva de 1950 (Miller, 2003) as primeiras teorias da psicologia moral com ênfase no desenvolvimento cognitivo, como as de Piaget (1933) e Kohlberg (1973), tiveram foco nos processos cognitivos controlados do julgamento moral. Ambos foram influenciados pela concepção Kantiana de moralidade, a qual se articula em termos de direitos e deveres e se define pela sua ênfase em regras morais. Os autores desenvolveram uma sequência invariante de fases do desenvolvimento moral baseada em princípios universais e imparciais de justiça (Hoffman, 2001; Kagan, 1998). Na visão de Piaget (1933), o desenvolvimento moral da criança se dá a partir da interação com os seus pares. O autor argumenta que adultos interferem com a internalização moral da criança pelo fato das regras parentais serem forçadas sem um entendimento da racionalidade por

trás das regras em si, as quais são respeitadas apenas pela autoridade parental sobre a criança. Desta forma, a interação com seus pares propicia uma capacidade natural de evolução cognitiva, pois neste processo são adquiridas as experiências sociais e cognitivas necessárias para desenvolver normas baseadas em consentimento mútuo e cooperação entre iguais. Em contraste, para Kohlberg (1973), o desenvolvimento moral se dá em seis fases diferentes, com a última tendo características Kantianas, centrando o julgamento moral em conceitos de obrigações definidas por um princípio de justiça e respeito pelos outros.

O desenvolvimento do indivíduo nesta visão parte de um nível esquemático pré-moral, o qual enfatiza as consequências externas determinadas da ação própria, seguido por um nível baseado em regras e no bem-estar do grupo (nível moral convencional) e, por último, um nível autônomo baseado em princípios morais. Nesta perspectiva, se assume que o julgamento moral envolve dois processos relacionados ou condições ausentes no domínio lógico. Em primeiro lugar, julgamentos morais envolvem uma tomada de perspectiva de outros concebidos como sujeitos e coordenando estes pontos de vista, enquanto a lógica envolve coordenar pontos de vista sobre objetos. Em segundo, julgamentos morais equilibrados se relacionam a princípios de justiça ou equidade, e, portanto, uma situação em desequilíbrio é uma situação na qual há reivindicações conflitantes sem resolução. Por conta disso, a resolução do conflito é na qual cada um dá o valor a partir de um princípio de justiça reconhecido como justo por todas as partes conflitantes envolvidas (Kohlberg, 1973).

A posição de Kohlberg e Piaget de darem pouca importância às emoções no julgamento moral - aceitando o afeto como parte delas, mas argumentando que a razão tomava as decisões em última instância - foi particularmente questionada após a revolução cognitiva. Diferentes autores (Greene, 2001; Greene & Haidt, 2002; Haidt,

Koller, & Dias, 1993; Prinz, 2006) fomentaram uma mudança no campo influenciados por uma perspectiva que dava mais importância às emoções, gerando uma segunda revolução dentro da primeira, ou seja, uma “revolução afetiva” (Gardner, 1985). Hoffman (2001) propõe, portanto, que a teoria do desenvolvimento cognitivo se constrói a partir da combinação das abordagens de Kohlberg (1973) e Piaget (1933), o que inclui a tomada de diferentes perspectivas em relação aos outros e a integração ativa de novas ideias à própria estrutura moral já existente. Tal processo, ocorreria principalmente a partir do curso da argumentação e negociação com os pares em relação a reivindicações conflitantes.

2.1 Emoção e Julgamento Moral

Essa revolução no campo da psicologia cognitiva no final do século passado e no começo deste trouxe à tona a importância das emoções e processos intuitivos na tomada de decisão (Bechara, Damasio, & Damasio, 2000; Damasio, 1994) e sociabilidade (Bargh & Chartrand, 1999). Este avanço permitiu uma mudança de perspectiva no julgamento moral e da visão do ser humano como puramente racional favorecendo que diversos autores investigassem as diferentes emoções e seus papéis no julgamento moral (Cecchetto, Korb, Rumiati, & Aiello, 2017; Jonathan Haidt, 2001; Jonathan Haidt et al., 1993; Prinz, 2006; Valdesolo & Desteno, 2006).

Tal cenário influenciou estudos mais recentes sobre a psicologia moral (Greene & Haidt, 2002; Haidt, 2001). No seu artigo clássico chamado “The Emotional Dog and its Rational Tail: A Social Intuitionist approach to Moral Judgment”, Haidt (2001) destaca o papel das emoções no julgamento moral. O autor argumenta que decidimos o que é bom ou mau a partir de intuições emocionais que são racionalizadas para justificar e explicar

nossos julgamentos, conforme explicitado na **Tabela 1**. Por exemplo, quando pensamos em enfiar um alfinete na mão de uma criança, ou escutamos uma história na qual alguém bateu no seu pai, a maior parte de nós tem uma resposta intuitiva automática que inclui um flash de afeto negativo. Comumente, nos engajamos em uma racionalização verbal consciente também, no entanto, este processo controlado somente pode acontecer depois que o primeiro processo já tenha ocorrido e é normalmente influenciado pela intuição moral inicial.

A racionalização moral, quando acontece, é um processo post-hoc no qual buscamos evidências que corroborem nossa reação intuitiva inicial (para revisão, ver Haidt, 2007). Desta forma, colocam-se tais processos como dois tipos de sistema, denominados Intuição Moral e Raciocínio Moral. O primeiro se refere a processos rápidos, automáticos e usualmente carregado de emoção, nos quais um sentimento avaliativo de “bom-mal” ou “gosto/não gosto” (em relação a um personagem ou pessoa) surge conscientemente sem ter registros de ter passado por passos de busca, ponderação de evidências, ou inferindo uma conclusão. Já o Raciocínio Moral é um processo controlado e “frio” (menos afetivo); é atividade mental consciente que consiste em transformar informação sobre as pessoas e suas ações para alcançar um julgamento moral ou decisão (Haidt, 2007; Haidt, 2001; Pizarro & Bloom, 2003).

Foi proposto um modelo integrativo dessas duas abordagens chamado de teoria do “processamento-dual” (Greene, Sommerville, Nystrom, Darley, & Cohen, 2001). Este paradigma se baseia na filosofia moral deontológica de Immanuel Kant (2000) e a utilitarista (ou consequencialista) de John Stuart Mill (1993). Em contraste com a teoria deontológica apresentada (Kant, 2000), a visão utilitarista destaca que o valor moral de uma ação tem resultado nas suas consequências. Por exemplo, um deontologista pode dizer que é errado matar uma pessoa para salvar várias vidas, mesmo se o resultado disso

tivesse uma consequência positiva ao salvar várias pessoas no lugar de uma (Kagan, 1998). Greene (2008) aplica os conceitos de deontologia e utilitarismo ao campo da psicologia, definindo-os como tipos psicológicos naturais. O autor destaca que as filosofias utilitaristas e deontológicas não são tanto invenções filosóficas quanto manifestações dissociáveis de dois padrões psicológicos ou duas maneiras de pensamento moral que tem estado no repertório humano por milhares de anos.

TABELA 1

Características Gerais dos dois Sistemas, adaptado de Haidt (2001)

<i>Sistema Intuitivo</i>	<i>Sistema Racional</i>
Rápido e sem esforço	Lento e requer esforço
Processo não-intencional e acontece automaticamente	Processo é intencional e controlável.
Processo é inacessível	Processo é conscientemente acessível e visível
Não demanda recursos atencionais	Demanda recursos atencionais, os quais são limitados
Processamento distribuído paralelamente	Processamento em série
Combinação de padrões; pensamento é metafórico; holístico	Manipulação simbólica; pensamento preserva a verdade, analítico
Comum a todos os mamíferos	Único a humanos acima de dois anos e alguns primatas treinados para se comunicar
Dependente do contexto	Independente do contexto
Dependente de plataforma (depende do cérebro e corpo que o abriga)	Independente de plataforma (o processo pode ser transportado a qualquer máquina ou organismo que siga regras)

Com o objetivo de estudar estes dois sistemas, diferentes dilemas morais como o dilema do bondinho e o dilema da passarela (Thomson, 1986) foram propostos investigando estas duas abordagens em contextos experimentais (Cushman, Young, & Hauser, 2006; J. Greene & Haidt, 2002; Greene, Morelli, Lowenberg, Nystrom, & Cohen,

2008; para revisão, ver Young, Cushman, Hauser, & Saxe, 2007). O dilema do bondinho propõe uma situação na qual um bonde em movimento segue pelo trilho em direção a cinco pessoas amarradas no caminho. No entanto, há um desvio no trilho que, caso realizado, faria o bonde seguir por outro caminho em direção a uma pessoa que se encontra amarrada no trilho alternativo. O papel do agente da ação é decidir se puxar uma alavanca que faça o bonde desviar e matar uma pessoa no lugar de cinco. Já no dilema da passarela, um bonde também segue em direção a cinco pessoas amarradas no trilho. No entanto, para impedir que o bonde siga seu caminho, o agente deve decidir se empurrar ou não uma pessoa que se encontra numa passarela em cima do trilho com o objetivo de que esta caia na frente do bonde, impedindo que este vá em direção às outras cinco pessoas. Em ambos os casos, se o indivíduo decide realizar a ação (puxar a alavanca ou empurrar o homem) caracteriza-se um julgamento utilitarista. Caso o indivíduo decidir não tomar nenhuma ação, o julgamento pode ser caracterizado como deontológico (Greene, Nystrom, Engell, Darley, & Cohen, 2004; Thomson, 1986).

Utilizando dilemas e técnicas de neuroimagem, constatou-se que indivíduos tendem a ter maior ativação neuronal em áreas relacionadas à emoção, como o córtex pré-frontal ventromedial (vmPC), ao decidir empurrar ou não a pessoa no dilema da passarela. No caso do dilema do bondinho, as áreas mais ativadas estão mais relacionadas a memória de trabalho e processos cognitivos “superiores” (Green, Brock, & Kaufman, 2004; Greene, 2001; Young & Koenigs, 2007). Greene (2008) defende que o que diferencia essas respostas é a pessoalidade/impessoalidade de cada dilema apresentado. Dilemas pessoais e, portanto, de maior carga emocional, como o da passarela, coloca o indivíduo sacrificado como um meio para evitar o sacrifício de outras cinco pessoas. Em contraste, no dilema do bondinho, a pessoa sacrificada seria apenas um efeito colateral de ter puxado a alavanca para desviar o bondinho das outras cinco. Um aspecto relevante apontado no

estudo de Greene et al. (2004) dos dilemas pessoais, seria a diferença no tempo de resposta que indivíduos tem ao responder utilitariamente, pois para isto acontecer seria necessário superar uma resposta emocional maior provocada pelo alto conflito do dilema pessoal apresentado.

A partir disso, estudos utilizando dilemas morais em conjunto de abordagens neuropsicológicas e comportamentais apontaram que déficits emocionais (e.g. alexitimia, ou a inability de articular a própria experiência emocional) ou algum outro tipo de déficit que dificulta o processamento emocional (como lesões no vmPC) levam os indivíduos a realizar mais julgamentos utilitaristas (Ciaramelli, Muccioli, Làdavas, & Di Pellegrino, 2007; Valdesolo & Desteno, 2006). Também, estudos realizados com amostras de indivíduos com psicopatia apontaram que aqueles que possuíam o diagnóstico e tinham níveis baixos de ansiedade tinham mais chance de responder dilemas utilitariamente (Koenigs, Kruepke, Zeier, & Newman, 2012). Especificamente, indivíduos que respondem utilitariamente aos dilemas exibem escores menores nas medidas de preocupação empática (Gleichgerricht & Young, 2013). Desta forma, apesar do senso comum apresentar a empatia como um mecanismo relevante no julgamento moral, esta não torna os indivíduos necessariamente mais morais e deve ser diferenciada de termos como preocupação pelos outros e compaixão (Bloom, 2017b; Pizarro, 2000).

2.1.2 Empatia e Julgamento Moral

Adam Smith (1759), na sua obra “A Teoria dos Sentimentos Morais” descrevia a empatia, embora que pelo nome de simpatia (*sympathy*), como a capacidade de sentir aquilo que os outros sentem em relação à dor ou ao prazer em maior ou menor grau. Assim, um aspecto relevante da empatia é a capacidade de nos projetar imaginariamente

na perspectiva de outro indivíduo simulando sua atividade mental a partir do nosso próprio aparato mental (Keysers & Gazzola, 2006). Pizarro (2000) argumenta que a empatia pode ser dividida em dois componentes diferentes: a empatia cognitiva e a empatia afetiva. A empatia afetiva seria uma resposta emocional congruente com a exposição emocional ao outro (Feshbach, 1978). Portanto, pode ser comparada ao construto de “contágio emocional”, ou seja, a tendência de “contagiar-se” emocionalmente a partir dos estados emocionais dos outros (Eisenberg & Miller, 1987; Penner, Dovidio, Piliavin, & Schroeder, 2004). Consequentemente, a empatia cognitiva é capacidade de discernir estados emocionais sem a necessidade do “contágio emocional” e pode ser uma função útil em cenários que requerem *insight*, como processos de aconselhamento e aplicação da lei (McIlwain, 2003).

Desta forma, a empatia pode ser compreendida a partir de duas teorias que procuram explicar como os seres humanos entendem os estados mentais dos outros. A *Teoria da Mente* sugere que os seres humanos utilizam uma forma “fria” de processamento de informação aplicando um sistema de regras integradas a partir da experiência própria para representar os estados mentais dos outros. A vantagem destas representações traria consequências positivas porque a inferência desses estados mentais permitiria um monitoramento mais acurado das intenções dos outros, predizendo seus comportamentos e maximizando as vantagens associadas à vida em sociedade (Gopnik, Meltzoff, & Bryant, 1997). A outra teoria defende uma perspectiva de “simulação”, na qual seria possível mimetizar instintivamente os estados mentais dos outros e, a partir das nossas próprias reações, entender o que eles sentem e pensam (Gallese & Goldman, 1998). Assim, o mecanismo de percepção-ação (*PAM*) seria o responsável pela ativação neural automática e inconsciente de representações que se igualam aos estados mentais percebidos nos outros (Preston & de Waal, 2001). Portanto, a principal diferença entre

as duas abordagens em relação a empatia seria que a Teoria da Mente vê a empatia como uma análise teórica completamente “destacada” que envolve áreas do córtex usualmente ativadas durante a atribuição de estados mentais, enquanto a simulação retrata a empatia como a incorporação de uma tentativa de replicar os estados afetivos dos outros através de redes neurais relacionadas ao processamento emocional. Em relação as definições cognitivas e emocionais da empatia, pode se dizer que a empatia cognitiva envolve mais processamento relacionados a Teoria da Mente, enquanto a empatia afetiva envolve mais um processo de simulação. No entanto, não é possível afirmar que estes processos atuem de maneira mutuamente exclusiva, pois ambos possuem estruturas neurais em comum e a ativação balanceada destas estruturas é necessária para que ocorram comportamentos sociais adequados. Por exemplo, o componente afetivo da Teoria da Mente se relaciona a processos cognitivos da empatia como o de inferência de emoções de outros indivíduos baseado em conhecimento sobre suas crenças e pensamentos, no entanto, também é necessária uma compreensão empática dos seus estados mentais e sentimentos (Shamay-Tsoory, 2009). Uma revisão de literatura apontou diferenças de sexo relacionadas a estes tipos de empatia. Analisando diferentes estudos utilizando modelos animais e comportamentais/neurológicos com seres humanos os autores concluíram que em termos de empatia afetiva as mulheres possuem uma maior resposta emocional, maior resposta de mimetização aos estados de dor dos outros e melhores habilidades de reconhecimento emocional do que os homens. Também, mulheres mostram mais comportamentos pró-sociais e altruístas, o que fortaleceria a hipótese de que empatia afetiva leva a ter comportamentos pró-sociais. Já em relação a empatia cognitiva, homens teriam mais comportamentos utilitários, assim como mais ativação de áreas relacionadas ao controle cognitivo e cognição (Christov-moore et al., 2014).

Um aspecto importante relacionado às diferenças de sexo na empatia é se estas se desenvolvem culturalmente ou se há marcadores neurobiológicos que as influenciam. Estudos apontaram que redes básicas envolvidas na empatia afetiva estão mais desenvolvidas em mulheres (Cheng et al., 2009) e estudos utilizando modelos animais com roedores e primatas foram observadas diferenças de sexo em relação diferentes tipos de comportamento que se acredita serem indicadores de empatia (Langford, 2006; Palagi, Leone, Mancini, & Ferrari, 2009). Também, estudos com bebês humanos apontam que mulheres apresentam escores maiores em formas rudimentares de empatia, como choro “contagioso” (Sagi & Hoffman, 1976; Ungerer et al., 1990), imitação neonatal (Nagy, 2006) e referenciamento social (Rosen, Adamson, & Bakeman, 1992). Desta forma, estudos com modelos animais e população humana jovem oferecem evidências de que a empatia tem raízes biológicas ontogenéticas e filogenéticas de sexo, e não resulta apenas da socialização (Christov-moore et al., 2014).

Alguns autores defendem que a empatia permite os seres humanos se preocuparem uns com os outros e induz comportamentos pró-sociais, tornando possível a vida social da nossa espécie (Hoffman, 2000) e até mesmo que a falta dela, ou “erosão da empatia”, é o que tornaria indivíduos essencialmente maus (Baron-Cohen, 2011). Isto acontece porque a empatia permite reconhecer os estados internos dos outros, permitindo comportamentos de suporte e impedindo comportamentos prejudiciais de agressão, comportamentos antissociais e comportamentos externalizantes (Eisenberg & Miller, 1987; Miller & Eisenberg, 1988). No entanto, uma metanálise recente procurou investigar a relação da empatia com o comportamento agressivo analisando 86 artigos no total. A hipótese principal dos autores era que empatia e comportamento agressivo estariam pelo menos moderadamente relacionados, porém, a hipótese não foi confirmada e os achados

apontaram que todas as medidas de empatia previam agressão fracamente (Vachon, Lynam, & Johnson, 2014)

Considerando que emoções no geral nos levam a favorecer aqueles com quem nos preocupamos, é importante compreender se indivíduos podem responder de maneira imparcial. Por exemplo, emoções como a de empatia e culpa, geralmente consideradas como motivadores de comportamentos pró-sociais, surgem mais facilmente quando o objeto emocional é alguém mais próximo do indivíduo. Este tipo de viés tem sido um problema para teóricos morais que defendem que o julgamento moral não deveria “escolher favoritos” (Pizarro, 2000). A *hipótese empático-altruísta* apresentada por Batson e Shaw (1991) indica que a empatia emocional evoca uma motivação altruísta para beneficiar a pessoa pela qual se sente empatia, portanto a mesma pode ser fonte de comportamentos imorais. Um experimento que testou esta hipótese dividiu os participantes em dois grupos diferentes, um de baixa empatia e o outro de alta empatia. Os dois grupos foram apresentados a uma organização fictícia chamada *Quality Life Foundation* que ajuda a melhorar a qualidade de vida de crianças com doenças terminais. Os participantes eram expostos a uma entrevista fictícia de uma menina “corajosa e muito inteligente” chamada *Sheri Summers* e instruídos a tomar uma “perspectiva objetiva em relação ao relato” no grupo de baixa empatia e a “tentar se imaginar no lugar da criança em relação ao que aconteceu e como isso afetou a sua vida” no grupo de alta empatia. Por último, os participantes eram questionados se gostariam de preencher um pedido para que *Sheri* passasse adiante na lista de espera, levando em conta que as crianças que estavam acima teriam que esperar mais tempo para serem beneficiadas pela fundação. Os resultados foram que quase três quartos do grupo de alta empatia realizaram o pedido para que *Sheri* subisse na lista, enquanto apenas um pouco mais de um quarto na condição de baixa empatia realizou o pedido (Batson, Klein, Highberger, & Shaw, 1995). Bloom

(2017a) Utiliza uma metáfora na qual explica que a empatia seria como um refletor, o qual ilumina um determinado lugar e deixa o restante do espaço completamente escuro; tornando o foco limitado. Ou seja, dependendo do onde se decidir iluminar, o foco estaria vulnerável aos próprios vieses.

Sabe-se que emoções morais como a empatia dependem de muitas variáveis, como, por exemplo, as crenças do indivíduo pelo qual se empatiza e a nossa relação pessoal com ele. Por conta disso, o “viés empático”, ou a dificuldade de sentir empatia por aqueles que são diferentes, afetam julgamentos de maneira que dificulta imparcialidade (Hoffman, 1987). A partir disso, Bloom (2017b) explica que embora a empatia, em um senso comum, tenha sido usada para falar de bondade e compaixão, ou até de maneira mais limitada como a apresentada por Adam Smith anteriormente, a empatia claramente tem um “lado escuro”, considerando que pode acentuar o sofrimento dos outros. Portanto, empatia não está sempre lado-a-lado dos princípios morais e pode provocar a transgressão desses princípios em algumas ocasiões. Embora crenças subjacentes moderem a própria presença da emoção, uma estratégia cognitiva que nos permite induzir uma resposta empática é a tomada de perspectiva (Pizarro, 2000).

2.2. Tomada de Perspectiva e Ficção, Empatia e Julgamento Moral

Considerando que a tomada de perspectiva tem sido utilizada como uma estratégia para incrementar a habilidade individual de empatia afetiva, ao expormos um indivíduo a uma narrativa ficcional os leitores são engajados em um tipo de tomada de perspectiva afetiva que propicia uma melhora na capacidade de consideração empática pelo outro. Porém, diferentemente do que acontece quando ocorre uma mimetização do estado emocional do outro (e.g. compartilhamento emocional), os leitores imaginam como o

personagem deve estar se sentindo ao invés de como o leitor se sentiria na mesma situação, possibilitando um aprendizado social complexo por meio de uma simulação do mundo real. Por exemplo, ao invés de sentir tristeza com o personagem, o leitor sente compaixão pelo personagem (Davis, 1983; Decety & Cowell, 2014; Mar & Oatley, 2008). A partir disso, Mar e Oatley (2008) explicam que empatia e identificação colaboram para que a ficção funcione de simulações do mundo real. No mundo real o processamento de planos permite que indivíduos atinjam objetivos a partir das suas ações. Isto provê o mecanismo cognitivo pelo qual indivíduos selecionam objetivos, formam intenções específicas a partir desses objetivos e direcionam suas ações para realizar esses objetivos. Ao ler uma ficção, o indivíduo se retrairia do seu próprio mundo imediato e utilizaria o mesmo processador de planos para empatizar e se identificar com personagens ficcionais, suspendendo os seus objetivos, planos e ações individuais. Assim, ler narrativas ficcionais pode tornar-se uma experiência emocional profunda (Mar, Oatley, Djikic, & Mullin, 2011). Autores como Bal e Veltkamp (2013) denominam tal processo de *transportação* – ainda que questionem a aplicação deste conceito associado as teorias duais de processamento.

Diferentes estudos recentes sugerem que leitores de histórias ficcionais tem escores superiores em medidas de empatia e Teoria da Mente, ou seja, uma melhor habilidade de empatizar e compreender os pensamentos e sentimentos de outras pessoas (Mar, Oatley, Hirsh, dela Paz, & Peterson, 2006; Mar, Oatley, & Peterson, 2009; Mar, Tackett, & Moore, 2010). Estudos experimentais utilizando narrativas ficcionais em uma amostra de universitários (n=97) mostraram um efeito do aumento da empatia após a leitura das mesmas utilizando uma escala de auto relato dos participantes se comparado ao grupo controle (Bal & Veltkamp, 2013). Para testar esta hipótese em relação à Teoria da Mente, os pesquisadores dividiram os participantes em dois grupos, um de leitura

ficcional e outro de leitura não-ficcional. Após os participantes serem expostos ao tipo de leitura de cada um dos grupos, verificou-se que aqueles expostos à leitura ficcional tiveram um desempenho superior ao identificar emoções na tarefa relacionada a Teoria da Mente (Kidd & Castano, 2013). No entanto, estudos tentaram replicar estes últimos resultados e o aumento no desempenho em Teoria da Mente não teve efeitos significativos após a leitura de narrativas ficcionais (Panero et al., 2016; Samur, Tops, & Koole, 2017).

Uma importante relação que se tem entre leitura ficcional e moral se desenvolve no campo da filosofia, em relação ao desenvolvimento moral com Mark Johnson (1993). O autor utiliza o termo imaginação empática para descrever um mecanismo que permite “participar da vida” dos personagens. Desta forma, contrasta a narrativa ficcional com a narrativa temporalmente estendida da nossa própria vida e destaca as duas como sendo uma forma de aprendizado moral. Complementando a visão apresentada, Currie (1995) argumenta que haveria uma distinção fundamental entre dois tipos de imaginação, um sendo a imaginação primária e o outro a imaginação secundária. A imaginação primária seria uma atividade mental que permite o indivíduo compreender o que está sendo narrado numa ficção (e.g. lugar físico apresentado pelo autor). Já a imaginação secundária se relaciona ao que imaginamos relacionado à experiência do personagem apresentado. Por exemplo, se uma narrativa descreve uma rua escura na qual algo ameaçador se esconde, o personagem que caminha por tal rua pode ter pensamentos, ansiedades e experiências visuais e corporais sobre as quais é importante o leitor imaginar alguma coisa. O autor pode tentar em certo grau tentar explicar a experiência do personagem, porém, em alguns casos se mostra difícil, se não impossível descrever com precisão os estados mentais do personagem.

Assim, ler ficções, a partir da simulação, nos fornece o tipo de conhecimento que seria relevante para realizar uma decisão moral sobre determinado curso de uma ação –

conhecimento sobre *o que seria* (e.g. o que seria sentir emocionalmente) ser um mentiroso, um trapaceiro ou um filantropo. Se matássemos alguém poderíamos viver com isso? A Simulação poderia nos dar algumas informações relacionadas a essas questões. Esta perspectiva de simulação foi contestada por Carroll (2001) argumentando que a informação necessária para compreendermos os estados internos de um personagem a partir de um narrador não acarreta necessariamente na simulação desses estados no próprio leitor. Especificamente, as informações sobre o estado interno do personagem em conjunto com as informações sobre a situação em que ele se encontra permite que criemos a nossa própria reação emocional ao personagem e as circunstâncias em que ele se encontra. Se o personagem está de luto, sentimos pena, em parte, porque ele está de luto.

A consequência destas perspectivas aponta diferentes questionamentos sobre como as narrativas ficcionais podem influenciar a moralidade e se esses efeitos necessariamente dependem da empatia para ocorrer. Por exemplo, Pinker propôs que a literatura contribuiu para a expansão da empatia na humanidade durante a revolução humanitária no século XVIII, em parte, pela tomada de perspectiva afetiva da exposição de sentimentos e pensamentos dos personagens apresentados. No entanto, o papel da racionalização moral a partir de estratégias como o pensamento contrafactual também tem sido discutido como tendo uma função no julgamento moral a partir da leitura de narrativas ficcionais (Giroto Vittorio, Ferrante Donatella, Pighin Stephania, & Gonzalez, 2007; Green, 2010; Migliore, Curcio, Mancini, & Cappa, 2014). O contraste entre estas duas visões tem sido debatido na literatura, mas seria ingênuo considerar uma dicotomia entre elas, já que suas funções se fundem através de raízes neurofisiológicas (Haidt, 2003; Pizarro & Bloom, 2003; Pizarro, Detweiler-Bedell, & Bloom, 2006).

Considerando, portanto, a empatia como um mecanismo que influencia o julgamento moral e a relação da mesma com a leitura de narrativas ficcionais, ainda não

foram apresentados estudos avaliando estas três variáveis em conjunto. Especificamente, o efeito imediato da leitura de narrativas ficcionais na empatia não foi testado no contexto do julgamento moral. Além disso, apesar da relação estabelecida entre empatia e características como sexo e preferências literárias, bem como das diferenças entre os sexos no julgamento moral, a empatia ainda não foi avaliada em conjunto com estas variáveis.

Compreender como a leitura de narrativas ficcionais se relaciona com a empatia e o julgamento moral pode oferecer respostas relevantes para a importância do seu uso no desenvolvimento empático e, conseqüentemente, na moralidade. Além disso, entender a associação de características como sexo e preferências literárias em relação à empatia ampliam a discussão dos mecanismos biológicos e culturais que influenciam as escolhas morais dos indivíduos. Desta forma, o objetivo principal do presente estudo é avaliar as relações entre empatia, sexo e julgamento moral. Mais especificamente buscou-se avaliar através de um estudo experimental a empatia como mediador do efeito de uma narrativa ficcional sobre o julgamento moral. Os resultados deste estudo são descritos no artigo a seguir.

REFERÊNCIAS

- Aristotle. (1999). *Nicomachean Ethics*. *Philosophical Review* (Vol. 112).
<http://doi.org/10.1215/00318108-112-4-567>
- Bal, P. M., & Veltkamp, M. (2013). How Does Fiction Reading Influence Empathy? An Experimental Investigation on the Role of Emotional Transportation. *PLoS ONE*, 8(1). <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0055341>
- Bargh, J. A., & Chartrand, T. L. (1999). The unbearable automaticity of being. *American Psychologist*, 54(7), 462–479. <http://doi.org/10.1037/0003->

066X.54.7.462

Baron-Cohen, S. (2011). *Science of Evil*. New York.

Baron-Cohen, S., Jolliffe, T., Mortimore, C., & Robertson, M. (1997). Another advanced test of theory of mind: Evidence from very high functioning adults with autism or Asperger syndrome. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*. <http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1997.tb01599.x>

Baron, J. (1994). Nonconsequentialist decisions. *Behavioral and Brain Sciences*, 17(01), 1. <http://doi.org/10.1017/S0140525X0003301X>

Bartels, D. M., & Pizarro, D. A. (2011). The mismeasure of morals: Antisocial personality traits predict utilitarian responses to moral dilemmas. *Cognition*, 121(1), 154–161. <http://doi.org/10.1016/j.cognition.2011.05.010>

Batson, C. D., Klein, T. R., Highberger, L., & Shaw, L. L. (1995). Immorality from empathy-induced altruism: When compassion and justice conflict. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(6), 1042–1054. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.68.6.1042>

Batson, C. D., & Shaw, L. L. (1991). Encouraging Words Concerning the Evidence for Altruism. *Psychological Inquiry*, 2(2), 159–168. http://doi.org/10.1207/s15327965pli0202_17

Bechara, A., Damasio, H., & Damasio, A. R. (2000). Emotion, decision making and the orbitofrontal cortex. *Cerebral Cortex (New York, N.Y. : 1991)*, 10(3), 295–307. <http://doi.org/10.1093/cercor/10.3.295>

Bentham, J. (1789). *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*. Oxford: Clarendon Press, 1907 (Vol. 1). <http://doi.org/10.1111/j.2048->

416X.2000.tb00070.x

- Bloom, P. (2017a). *Against Empathy: The Case for Rational Compassion*. (P. Bloom, Ed.) *Against Empathy* (First Edit). Broadway, New York, NY: HarperCollins.
- Bloom, P. (2017b). Empathy and Its Discontents. *Trends in Cognitive Sciences*, 21(1), 24–31. <http://doi.org/10.1016/j.tics.2016.11.004>
- Carroll, N. (2001). Beyond aesthetics: Philosophical essays. *Philosophy*, 468. <http://doi.org/10.1515/arbi.2003.21.3.251>
- Cecchetto, C., Korb, S., Rumiati, R. I., & Aiello, M. (2017). Emotional reactions in moral decision-making are influenced by empathy and alexithymia. *Social Neuroscience*, 0(0). <http://doi.org/10.1080/17470919.2017.1288656>
- Cheng, Y., Chou, K. H., Decety, J., Chen, I. Y., Hung, D., Tzeng, O. J. L., & Lin, C. P. (2009). Sex differences in the neuroanatomy of human mirror-neuron system: A voxel-based morphometric investigation. *Neuroscience*, 158(2), 713–720. <http://doi.org/10.1016/j.neuroscience.2008.10.026>
- Christov-moore, L., Simpson, E. A., Coudé, G., Grigaityte, K., Iacoboni, M., & Ferrari, P. F. (2014). Empathy: Gender effects in brain and behavior. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 46(4), 604–627. <http://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2014.09.001> Empathy
- Ciaramelli, E., Muccioli, M., Làdavas, E., & Di Pellegrino, G. (2007). Selective deficit in personal moral judgment following damage to ventromedial prefrontal cortex. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 2(2), 84–92. <http://doi.org/10.1093/scan/nsm001>
- Currie, G. (1995). The Moral Psychology of Fiction. *Australasian Journal of*

- Philosophy*, 73(2), 250–259. <http://doi.org/10.1080/00048409512346581>
- Cushman, F., Young, L., & Hauser, M. (2006). The role of conscious reasoning and intuition in moral judgment: Testing three principles of harm. *Psychological Science*, 17(12), 1082–1089. <http://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2006.01834.x>
- Damasio, A. R. (1994). Descartes' error and the future of human life. *Scientific American*, 271(4), 144. <http://doi.org/10.1038/scientificamerican1094-144>
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), 113–126. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>
- Decety, J., & Cowell, J. M. (2014). The complex relation between morality and empathy. *Trends in Cognitive Sciences*, 18(7), 337–339. <http://doi.org/10.1016/j.tics.2014.04.008>
- DePaul, M. R. (1993). *Balance and Refinement: Beyond Coherence Methods of Moral Inquiry*. London: Routledge.
- Eisenberg, N., & Miller, P. A. (1987). The relation of empathy to prosocial and related behaviors. *Psychological Bulletin*, 101(1), 91–119. <http://doi.org/10.1037/0033-2909.101.1.91>
- Ewing, J. A. (1984). Detecting Alcoholism: The CAGE Questionnaire. *JAMA*, 252(14), 1905–1907.
- Feshbach, N. D. (1978). Studies of empathic behavior in children. *Progress in Experimental Personality Research*.
- Fumagalli, M., Ferrucci, R., Mameli, F., Marceglia, S., Mrakic-Sposta, S., Zago, S., ... Priori, A. (2010). Gender-related differences in moral judgments. *Cognitive*

Processing, 11(3), 219–226. <http://doi.org/10.1007/s10339-009-0335-2>

Gallese, V., & Goldman, A. (1998). Mirror neurons and the mind-reading. *Trends in Cognitive Sciences*, 2(12), 493–501. [http://doi.org/10.1016/S1364-6613\(98\)01262-](http://doi.org/10.1016/S1364-6613(98)01262-5)

5

Gardner, H. (1985). *The Mind's New Science: A History of the Cognitive Revolution*. *The Mind's New Science: A History of the Cognitive Revolution*. New York: Basic Books, Inc.

Giroto Vittorio, Ferrante Donatella, Pighin Stephania, & Gonzalez, M. (2007). Post-decisional counterfactual thinking by actors and readers. *Psychological Science*, 18(6), 510–515.

Gleichgerricht, E., & Young, L. (2013). Low Levels of Empathic Concern Predict Utilitarian Moral Judgment. *PLoS ONE*, 8(4). <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0060418>

Gopnik, A., Meltzoff, A. N., & Bryant, P. (1997). *Words, Thoughts, and Theories*. MIT Press. Cambridge, MA. <http://doi.org/10.1080/08920750490247436>

Green, M. (2010). How and what can we learn from fiction? *A Companion to the Philosophy of Literature*, (June), 350–366.

Green, M. C., Brock, T. C., & Kaufman, G. F. (2004). Understanding media enjoyment: The role of transportation into narrative worlds. *Communication Theory*, 14(4), 311–327. <http://doi.org/10.1093/ct/14.4.311>

Greene, J. (2008). The Secret Joke of Kant's soul. In *Moral Psychology*, Vol. 3. (pp. 35–80). Retrieved from <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=psych&AN=2007-14534->

005&site=ehost-

live&scope=cite%5Cnhttp://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=Pvk56gLAE

-

QC&oi=fnd&pg=PA359&dq=The+secret+joke+of+Kant's+soul&ots=BcilUUgU1

T&sig=_wH1H8Dk8MeN92evqMCmc1I

Greene, J. D. (2001). An fMRI Investigation of Emotional Engagement in Moral Judgment. *Science*, 293(5537), 2105–2108. <http://doi.org/10.1126/science.1062872>

Greene, J. D., Morelli, S. A., Lowenberg, K., Nystrom, L. E., & Cohen, J. D. (2008). Cognitive load selectively interferes with utilitarian moral judgment. *Cognition*, 107(3), 1144–1154. <http://doi.org/10.1016/j.cognition.2007.11.004>

Greene, J. D., Nystrom, L. E., Engell, A. D., Darley, J. M., & Cohen, J. D. (2004). The neural bases of cognitive conflict and control in moral judgment. *Neuron*, 44(2), 389–400. <http://doi.org/10.1016/j.neuron.2004.09.027>

Greene, J. D., Sommerville, R. B., Nystrom, L. E., Darley, J. M., & Cohen, J. D. (2001). An fMRI investigation of emotional engagement in moral judgment. *Science*, 293(5537), 2105–2108. <http://doi.org/10.1126/science.1062872>

Greene, J., & Haidt, J. (2002). How (and where) does moral judgment work? *Trends in Cognitive Sciences*, 6(12), 517–523. [http://doi.org/10.1016/S1364-6613\(02\)02011-9](http://doi.org/10.1016/S1364-6613(02)02011-9)

Haidt, J. (2001). The Emotional Dog and Its Rational Tail: A Social Intuitionist Approach to Moral Judgment. *Psychological Review*, 108(1), 814–834. <http://doi.org/10.1037//0033-295X>.

Haidt, J. (2003). The Emotional Dog Does Learn New Tricks: A Reply to Pizarro and

- Bloom (2003). *Psychological Review*, 110(1), 197–198.
<http://doi.org/10.1037/0033-295X.110.1.197>
- Haidt, J. (2007). The New Synthesis in Moral Psychology. *Science (New York, NY)*, 316(5827), 998–1002. <http://doi.org/10.1126/science.1137651>
- Haidt, J., Koller, S. H., & Dias, M. G. (1993). Affect, culture, and morality, or is it wrong to eat your dog? *Journal of Personality and Social Psychology*, 65(4), 613–628. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.65.4.613>
- Hakemulder, J. (2000). *The moral laboratory: Experiments examining the effects of reading literature on social perception and moral self-concept. Utrecht publications in general and comparative literature, Vol. 34.*
<http://doi.org/http://dx.doi.org/10.1075/upal.34>
- Hoffman, M. L. (2001). *Empathy and Moral Development: Implications for Caring and Justice. Review Zora Raboteg-Šarić Contemporary Sociology* (Vol. 30).
<http://doi.org/10.2307/3089337>
- Hoffman, M. L., Eisenberg, N., Strayer, J., & et al. (1987). The contribution of empathy to justice and moral judgment. In *Cambridge studies in social and emotional development*. (p. x 406).
- Johnson, D. R. (2012). Transportation into a story increases empathy, prosocial behavior, and perceptual bias toward fearful expressions. *Personality and Individual Differences*, 52(2), 150–155. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2011.10.005>
- Johnson, M. (1993). *Moral Imagination: Implications of Cognitive Science for Ethics*. Chicago: The University of Chicago Press. Retrieved from
https://books.google.pl/books?id=no_eBQAAQBAJ

Kagan, S. (1998). *Normative Ethics*.

Kant, I. (2000). Foundations of the Metaphysics of Morals. *World Philosophers & Their Works JN - World Philosophers & Their Works*, 1–5. <http://doi.org/10.1016/B978-0-12-373932-2.00210-6>

Keysers, C., & Gazzola, V. (2006). Towards a unifying neural theory of social cognition. *Progress in Brain Research*, 156, 379–401.
[http://doi.org/10.1016/S0079-6123\(06\)56021-2](http://doi.org/10.1016/S0079-6123(06)56021-2)

Kidd, D. C., & Castano, E. (2013). Reading literary fiction improves theory of mind. *Science (New York, N.Y.)*, 342(6156), 377–80.
<http://doi.org/10.1126/science.1239918>

Koenigs, M., Kruepke, M., Zeier, J., & Newman, J. P. (2012). Utilitarian moral judgment in psychopathy. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 7(6), 708–714. <http://doi.org/10.1093/scan/nsr048>

Koenigs, M., Young, L., Adolphs, R., Tranel, D., Cushman, F., Hauser, M., & Damasio, A. (2007). Damage to the prefrontal cortex increases utilitarian moral judgements. *Nature*, 446(7138), 908–11. <http://doi.org/10.1038/nature05631>

Kohlberg, L. (1973). The Claim to Moral Adequacy of a Highest Stage of Moral Judgment. *The Journal of Philosophy*, 70(18), 630–646.

Langford, D. J. (2006). Social Modulation of Pain as Evidence for Empathy in Mice. *Science*, 312(5782), 1967–1970. <http://doi.org/10.1126/science.1128322>

Mar, R. A., & Oatley, K. (2008). The Function of Fiction is the Abstraction and Simulation of Social Experience. *Perspectives on Psychological Science*, 3(3), 173–192. <http://doi.org/10.1111/j.1745-6924.2008.00073.x>

- Mar, R. A., Oatley, K., Hirsh, J., dela Paz, J., & Peterson, J. B. (2006). Bookworms versus nerds: Exposure to fiction versus non-fiction, divergent associations with social ability, and the simulation of fictional social worlds. *Journal of Research in Personality*, 40(5), 694–712. <http://doi.org/10.1016/j.jrp.2005.08.002>
- Mar, R. A., Oatley, K., & Peterson, J. B. (2009). Exploring the link between reading fiction and empathy: Ruling out individual differences and examining outcomes. *Communications*, 34(4), 407–428. <http://doi.org/10.1515/COMM.2009.025>
- Mar, R. A., Tackett, J. L., & Moore, C. (2010). Exposure to media and theory-of-mind development in preschoolers. *Cognitive Development*, 25(1), 69–78. <http://doi.org/10.1016/j.cogdev.2009.11.002>
- Mar, R. a, Oatley, K., Djikic, M., & Mullin, J. (2011). Emotion and narrative fiction: Interactive influences before, during, and after reading. *Cognition {&} Emotion*, 25(5), 818–833. <http://doi.org/10.1080/02699931.2010.515151>
- McIlwain, D. (2003). Bypassing empathy: A machiavellian theory of mind and sneaky power. In *Individual Differences in Theory of Mind: Implications for Typical and Atypical Development*. <http://doi.org/10.4324/9780203488508>
- Migliore, S., Curcio, G., Mancini, F., & Cappa, S. F. (2014). Counterfactual thinking in moral judgment: An experimental study. *Frontiers in Psychology*, 5(MAY), 1–7. <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00451>
- Mill, J. S. (1993). Utilitarianism. In *Morality and Moral Controversies* (pp. 53–61).
- Miller, G. A. (2003). The cognitive revolution: A historical perspective. *Trends in Cognitive Sciences*. [http://doi.org/10.1016/S1364-6613\(03\)00029-9](http://doi.org/10.1016/S1364-6613(03)00029-9)
- Miller, P. a, & Eisenberg, N. (1988). The relation of empathy to aggressive and

- externalizing/antisocial behavior. *Psychological Bulletin*, 103(3), 324–44.
<http://doi.org/10.1037/0033-2909.103.3.324>
- Nagy, E. (2006). From imitation to conversation: The first dialogues with human neonates. *Infant and Child Development*, 15(3), 223–232.
<http://doi.org/10.1002/icd.460>
- Palagi, E., Leone, A., Mancini, G., & Ferrari, P. F. (2009). Contagious yawning in gelada baboons as a possible expression of empathy. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 106(46), 1–6.
<http://doi.org/10.1073/pnas.0910891106>
- Panero, M. E., Weisberg, D. S., Black, J., Goldstein, T. R., Barnes, J. L., Brownell, H., & Winner, E. (2016). Does reading a single passage of literary fiction really improve theory of mind? An attempt at replication. *Journal of Personality and Social Psychology*, 111(5), e46–e54. <http://doi.org/10.1037/pspa0000064>
- Peirce, J. (2010). PsychoPy - Psychology software for Python. *Integration The Vlsi Journal*.
- Penner., L. A., Dovidio., J. F., Piliavin., J. A., & Schroeder., D. A. (2004). Prosocial Behavior: Multilevel Perspectives. *Annual Review of Psychology*, 56(1), 365–392.
<http://doi.org/10.1146/annurev.psych.56.091103.070141>
- Piaget, J. (1933). The Moral Judgment of the Child. *Journal of Educational Psychology*, 24(2), 157–158. <http://doi.org/10.1037/h0067118>
- Pizarro, D. A. (2000). Nothing more than feelings? The role of emotions in moral judgment. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 30(4), 355–375.
<http://doi.org/10.1111/1468-5914.00135>

- Pizarro, D. A., & Bloom, P. (2003). The intelligence of the moral intuitions: A comment on Haidt (2001). *Psychological Review*, 110(1), 193–196.
<http://doi.org/10.1037/0033-295X.110.1.193>
- Pizarro, D. A., Detweiler-bedell, B., & Bloom, P. (2006). The Creativity of Everyday Moral Reasoning: Empathy, Disgust, and Moral Persuasion. In *The Creativity of Everyday Moral Reasoning* 83 (pp. 81–98). Retrieved from
<http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511606915.006>
- Pizarro, D. A., Detweiler-Bedell, B., & Bloom, P. (2006). The creativity of everyday moral reasoning: Empathy, disgust, and moral persuasion. In *Creativity and Reason in Cognitive Development*.
<http://doi.org/10.1017/CBO9780511606915.006>
- Preston, S. D., & de Waal, F. B. M. (2001). Empathy: Its ultimate and proximate bases. *Behavioral and Brain Sciences*, 25(01), 1–71.
<http://doi.org/10.1017/S0140525X02000018>
- Prinz, J. (2006). The emotional basis of moral judgments. *Philosophical Explorations*, 9(1), 29–43. <http://doi.org/10.1080/13869790500492466>
- Rosen, W. D., Adamson, L. B., & Bakeman, R. (1992). An experimental investigation of infant social referencing: Mothers' messages and gender differences. *Developmental Psychology*, 28(6), 1172–1178. <http://doi.org/10.1037/0012-1649.28.6.1172>
- Sagi, A., & Hoffman, M. L. (1976). Empathic distress in the newborn. *Developmental Psychology*, 12(2), 175–176. <http://doi.org/10.1037/0012-1649.12.2.175>
- Sampaio, L. R., Guimarães, P. R. B., Camino, C. P. dos S., Formiga, N. S., & Menezes,

- I. G. (2011). Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: tradução e adaptação do Interpersonal Reactivity Index (IRI). *Psico*, 42(1), 67–76. Retrieved from <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/revistapsico/article/view/6456>
- Samur, D., Tops, M., & Koole, S. L. (2017). Does a single session of reading literary fiction prime enhanced mentalising performance? Four replication experiments of Kidd and Castano (2013). *Cognition and Emotion*, 9931, 1–15.
<http://doi.org/10.1080/02699931.2017.1279591>
- Sanvicente-Vieira, B., Kluwe-Schiavon, B., Wearick-Silva, L. E., Piccoli, G. L., Scherer, L., Tonelli, H. A., & Grassi-Oliveira, R. (2014). Revised reading the mind in the eyes test (RMET) - Brazilian version. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 36(1), 60–67. <http://doi.org/10.1590/1516-4446-2013-1162>
- Shamay-Tsoory, S. G. (2009). Empathic processing: Its cognitive and affective dimensions and neuroanatomical basis. *The Social Neuroscience of Empathy*, 215–232. <http://doi.org/10.7551/mitpress/9780262012973.003.0017>
- Thomson, J. J. (1986). *Rights, Restitution, and Risk: Essays, in Moral Theory*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Uhlmann, E. L., Pizarro, D. A., & Diermeier, D. (2015). A Person-Centered Approach to Moral Judgment. *Perspectives on Psychological Science*, 10(1), 72–81.
<http://doi.org/10.1177/1745691614556679>
- Ungerer, J. A., Dolby, R., Waters, B., Barnett, B., Kelk, N., & Lewin, V. (1990). The early development of empathy: Self-regulation and individual differences in the first year. *Motivation and Emotion*, 14(2), 93–106.
<http://doi.org/10.1007/BF00991638>

- Vachon, D. D., Lynam, D. R., & Johnson, J. A. (2014). The (non)relation between empathy and aggression: Surprising results from a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 140(3), 751–773. <http://doi.org/10.1037/a0035236>
- Valdesolo, P., & Desteno, D. (2006). Manipulations of emotional context shape moral judgment. *Psychological Science*, 17(6), 476–477.
- Young, L., Cushman, F. A., Hauser, M. D., & Saxe, R. (2007). The neural basis of the interaction between theory of mind and moral judgment. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 104(20), 8235–40. <http://doi.org/10.1073/pnas.0701408104>
- Young, L., & Koenigs, M. (2007). Investigating emotion in moral cognition: A review of evidence from functional neuroimaging and neuropsychology. *British Medical Bulletin*, 84(1), 69–79. <http://doi.org/10.1093/bmb/ldm031>

SEÇÃO EMPÍRICA

The Effects of Literary Reading in Empathy and Moral Judgment

Abstract

Empathy is considered an important mechanism for moral judgments and research has suggested that reading fictional narratives influence affective and cognitive (Theory of Mind) empathic responses. Nevertheless, the immediate after-effect of reading literary fiction on moral judgment remains unclear. In this experiment, we tested if empathy can be enhanced through fictional reading and, in turn, impact moral judgment. For this, we recruited and randomized 97 participants (52 women) to a non-fictional and a fictional reading group. The subjects responded empathy, Theory of Mind (ToM) measures and

moral dilemmas in two times (T0 and T1). Our results showed no group differences after fictional and non-fictional reading in moral judgment, albeit a sex interaction was observed with women presenting fewer utilitarian judgments than men after the intervention. Also, contrary to our hypothesis, empathy scores reduced after non-fictional reading and ToM increased after both readings. Therefore, it contradicts the assumption of cognitive and affective immediate empathy enhancement through literary reading. Theoretical and methodological hypothesis for the findings are discussed.

Key-words: moral judgment, empathy, fictional narratives, intuition, reasoning

Introduction

The most influential theories regarding cognitive development were proposed by Piaget (1933) and Kohlberg (1973) suggesting that individuals use moral reasoning as the main mechanism for moral development. In contrast, Haidt (1993) argues that this mechanism works ultimately as a post-hoc process aiming justification and evidence gathering of an initial emotional process, namely, moral intuition. The *dual-process theory* (Greene, 2008; Greene, Nystrom, Engell, Darley, & Cohen 2004) integrates the moral intuition and moral reasoning concepts based on evidence from fMRI studies in which participants were asked to answer different moral dilemmas (Greene, Sommerville, Nystrom, Darley, & Cohen 2001). This paradigm forces participants to choose between a deontological or utilitarian response, such as in the trolley problem dilemma. The deontological approach supports a rule-based morality whereas the utilitarian view supports that for an action be morally acceptable it should take into account its consequences (see Thomson 1986 for a detailed description of moral dilemmas).

Aiming to understand neural cognitive and emotional processes underlying this moral judgment framework, Greene (2004) tested 41 undergraduate students and found

that the participants had different neural and time response times related to determined choices depending on the type of dilemma, specifically, in emotional high-conflict personal dilemmas. The author suggested that deontological judgments are based on intuitive and emotional gut reactions processes, while utilitarian judgments are grounded in effortful and controlled reasoning. It has also been proposed that both forms of decision making are based on distinct neural systems. Regarding these emotional differences in moral judgment, several studies have pointed out the role of emotion in impaired individuals with alexithymia or emotional processing lesions (e.g. lesions in the ventromedial Prefrontal Cortex) using these type of dilemmas combined with neuropsychological and behavioral approaches. The results showed that these individuals tend to have higher utilitarian responses when compared to the control group (Ciaramelli, Muccioli, Làdavas, & Di Pellegrino 2007; Gleichgerrcht & Young 2013; Koenigs, Kruepke, Zeier, & Newman 2012). Furthermore, subjects with psychopathy and low on anxiety and empathy measures present higher frequency of utilitarian responses, showing that diminished levels of emotional responding may favor moral utilitarians to endorse harmful actions that maximize aggregate welfare (Bartels & Pizarro 2011; Gleichgerrcht & Young 2013; Koenigs et al. 2012).

Considering empathy as a term that has been broadly defined as to know how others are feeling or thinking (i.e., perspective taking), and as self-oriented feelings that emerge towards witnessing or caring for others in pain or distress (i.e., personal distress) and experience concern for another individual (i.e. empathic concern) (Batson 2013), Pizarro (2000) presents two main components that are relevant to empathy: (1) *Cognitive empathy*, or perspective taking, is the capacity to understand another individual's point of view and is important for cognitive development. (2) *Affective empathy* is the vicarious emotional response resulting from perspective taking, consequence of an exposure to

another individual's emotion. Some authors defend the perspective that empathy induces prosocial behavior and even that its lack or "empathy erosion" is what makes an individual essentially evil (Baron-Cohen 2011; Hoffman 2001). This happens because empathy allows the recognition of others internal mental states, promoting support behaviors and preventing harmful aggressive and antisocial behaviors (Eisenberg & Miller 1987; Miller & Eisenberg 1988). These empathic characteristics are more frequent in females than males and points a tendency that empathy have biological ontogenetic and phylogenetic differences regarding sex (Christov-moore et al. 2014). Nevertheless, a meta-analysis that investigated the relation between empathy and aggressive behavior analyzing 86 articles concluded that all empathy measures predicted aggression weakly (Vachon, Lynam, & Johnson 2014).

The proposition of the "empathic-altruist hypothesis" addressed this assumption through studies that enhanced empathy using perspective taking techniques. The authors concluded that emotional empathy promotes altruistic motivation to help the person by whom empathy is felt, but it still can be the source of immoral behavior when justice is forsaken to benefit that person instead of others that need the same or more help (Batson, Klein, Highberger, & Shaw 1995; Batson & Shaw 1991). Considering that, perspective taking has been used as a strategy to increase the capacity of affective empathy, exposure to a fictional narratives engage readers in a kind of perspective taking. However, differently from asking the individual to take perspective of another person, the readers imagine how the character must be feeling instead of how they would feel in the same situation (Davis, 1983; Mar & Oatley 2008).

Studies suggest individual differences between fiction readers and non-fiction readers with the first group presenting higher scores in empathy and ToM measures, therefore suggesting a better ability to empathize and understand thoughts and other

people feelings (Mar & Oatley 2008; Mar, Oatley, & Peterson 2009; Mar, Tackett, & Moore 2010). Experimental studies using empathy scales with undergraduate students (n=97) showed an increase of self-report empathy after reading fictional narratives when compared to the control group (Bal & Veltkamp 2013). Furthermore, subjects exposed to fictional narratives performed better in a ToM task when compared to the control group (Kidd & Castano 2013). However, different studies failed to replicate the prime effect of ToM enhancement through a session of literary fiction reading (Panero et al. 2016; Samur, Tops, & Koole 2017).

If literary reading induces the understanding of the motivations and emotions of the characters, frequent exposure to literary narratives may develop a capacity to make ethical deductions (DePaul 1993). This occurs through automatic mechanisms of mimicry and feedback that narratives produce, causing us to change our perspective and taking another person's perspective, and therefore, serving as an effective source of moral persuasion (Pizarro, Detweiler-bedell, & Bloom 2006). For instance, a study showed that individuals tend to judge permissible sexual acts using the standards of individuals from whom they were recently reminded (Baldwin, Carrell, & Lopez 1990). Consequently, empathy can be defined as a pre-ethical effect that enhances the ability of moral inquiry (Hakemulder 2000). Johnson (2012) conducted a study with 62 students and community members and showed a positive association between transportation through fictional reading, affective empathy and prosocial behavior. Still, this effect has not been tested in an experimental moral judgment framework.

The pre-ethical effect of empathy enhancement through literary reading, therefore, is mainly discussed as a learning process that depends on the frequency of exposure to fictional narratives reading. However, the immediate after-effect of literary narrative exposure and its influence on moral inquiry remains unclear. The present study aims to

answer whether the exposure to narrative fictions impacts the way people make moral judgments. This relation is examined through the study of affective and cognitive empathy influenced by fictional narratives, and its immediate-effect on moral judgment. We hypothesize, therefore, that empathy enhancement through literary reading mediates moral judgment increasing the frequency of non-utilitarian judgments.

Method

Participants

A total of 97 (52 female) undergraduate students ≥ 18 years old were selected through a snowball method. Participants were recruited via posters in the university hall and announcements in Facebook students' pages. The *inclusion criteria* were: (a) complete high school education, (b) enrolled in an undergraduate course. *Exclusion criteria* were: (a) reading time during the task above two standard deviations, (b) suffering from any kind of neurological problems assessed via self-report, (c) substance abuse in the present screened through the CAGE Questionnaire (Ewing, 1984), (d) non-corrected vision problems. Using stratified randomization participants were allocated in two groups (fictional reading x non-fictional reading). The mean age of the sample was 24.26 (range 18 – 62, SD = 17.17). The majority of the sample was enrolled in an undergraduate Psychology course, therefore, for analysis purposes participants were split into *psychology vs non-psychology* courses. *Non Psychology* students included participants attending engineering (n = 6), economics (n = 2), languages (n = 4), law (n = 9), philosophy (n = 1), computer sciences (n = 2), company managements (n = 2), journalism (n = 2), marketing (n = 1), nursing (n = 1), medical school (n = 1), theology (n = 1), pedagogy (n = 1), aeronautical school (n = 1), physics (n = 1), visual arts (n = 2), accountability (n = 1). Table 1 presents sample demographics. Reading hours per week and number of books read in the past year were self-assessed and did not differ between

groups. Furthermore, analysis of variance and chi-square showed no significant difference between groups regarding other demographics variables.

Table 1. Sample demographics by group

	Fiction (n = 49)	Non-Fiction (n = 48)	Statistics
Sex (n, % female)	27 (55.1)	26 (54.2)	$\chi^2(1) = 0.009, p = 0.926$
Course (n, % Psychology students)	32 (65.3)	27 (56.3)	$\chi^2(1) = 0.835, p = 0.361$
Age (Mean, SD)	24.55 (6.49)	23.96 (7.87)	$F(1, 95) = 0.164, p = 0.686$
Books read past year (Mean, SD)	7.12 (7.76)	8.70 (9.47)	$F(1, 93) = 0.79, p = 0.377$
Reading time hours/ week (Mean, SD)	8.16 (7.83)	6.80 (6.17)	$F(1, 85) = 0.804, p = 0.373$

Measures

Socio demographics. Participants filled a questionnaire with demographic information such as: age, sex, course, education and reading habits.

Interpersonal Reactivity Index (IRI; Davis 1983). The IRI is a scale that evaluates empathy in four different dimensions: Perspective Taking (PT), Empathic Concern (EC), Personal Distress (PD) and Fantasy Scale (FS). The PT and EC subscales are composed by seven items each and the PD and FS subscales are composed by six items each, with one inverted question for the last one, totalizing 26 questions answered in a 5-point likert scale. The scale was adapted to Brazilian Portuguese (Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga, & Menezes 2011; $\alpha = .85$). The final score is obtained through the sum of all the items, totalizing 130 points. The PT and EC scales sums totalize 35 points each and the PD and FS scales 30 points each. The task asked each participant to fill the scale and

press the space bar after all the questions were answered. Then, it was requested to check if all the questions were responded and to press the space bar again for confirmation.

Reading the Mind in the Eyes Test (RMET; Baron-Cohen, Jolliffe, Mortimore, & Robertson 1997). The RMET is an affective theory-of-mind task and assesses the accuracy in emotion and mental state perception adapted to Brazilian Portuguese (Sanvicente-Vieira et al. 2014). The test consists of 36 faces images edited to reveal only the area between the eyebrows and the bridge of the nose. Each image is accompanied by four different adjectives in one of the four corners of the screen and the participant has to choose which one she/he considers describes better what the person in the picture is thinking or feeling. Each trial got the response time measured and was preceded by a 500ms fixation point. The final score is given by summing all the correct answers given by the subject.

Moral Dilemmas (Green, Brock, & Kaufman 2004; Koenigs et al. 2007). The impersonal and personal dilemmas used were the ones proposed by Greene (2004) plus the high-conflict dilemmas presented by Koenigs (2007). Only high-conflict dilemmas present a clear deontological/utilitarian response (see Greene, Morelli, Lowenberg, Nystrom, & Cohen 2008 supplementary materials), therefore, we included all of them with the purpose of diminish the repetition of the “deontological = no” and “utilitarian = yes” common response arrangement. A total of 40 dilemmas were used: 16 impersonal dilemmas, 13 low-conflict dilemmas and 11 high-conflict. Dilemmas were split into two blocks (A and B) with randomization purposes. Block A consisted of six high personal conflict dilemmas, four low personal conflict and 10 impersonal dilemmas. Block B consisted of six high conflict personal moral dilemmas, five low conflict personal dilemmas and nine impersonal dilemmas. The moral dilemmas were presented in the middle of the screen and a 500ms cross-fixation point was shown before each dilemma.

Participants were required to press the space bar after the full reading. Then, participants were questioned whether the described action was morally acceptable or not using a green button if they considered it would be acceptable to take that action or a red button if they considered it was unacceptable. Participants' responses were rated using a binary coding system with 1 = utilitarian judgments and 0 = deontological judgments. The average response score of each participant was computed and used for analyses.

Experimental Task. Two fictional narratives and two journalistic reports were selected and randomized to the fiction or non-fiction condition, therefore, half the participants in each group read one of the selected four pieces. For the narratives' selection expert judges were used. One literature professor at the university and one journalist of different local media were asked to indicate five fictional narratives and five journalistic reports, respectively. After explaining the purpose of the study, experts were required to choose the narratives and journalistic reports based on five criteria points: (a) trying to choose a text containing between 2500 and 3000 words, (b) be accessible regarding language and context, facilitating reading and comprehension for undergraduate students, (c) disregard best-sellers for literary selection and presenting an individual's perspective for the news reports selection, (d) encouragement of prize winning pieces and (e) national or international pieces. After that, we asked additional five journalists and five literature professionals to evaluate each piece using a 5-point Likert scale considering two dimensions of the narrative: (a) facilitate comprehension for undergraduate students and (b) enable perspective taking. The main goal to ask for perspective taking evaluations in the narratives and news reports was to delimitate the reading effect of presenting a "pure" fictional story if compared to a reality-based news report, and therefore, enabling the reader to take perspective of fictional and real characters. Furthermore, 200 words of each piece were presented to each judge before

voting and the two works that had the highest average scores for the two dimensions were chosen for each group (Table 2). For the literary group the chosen pieces were: (1) “Linda, a horrible Story” by Caio Fernando Abreu, a story describing the dialog of a son with his mother after not seeing each other in long time and (2) “Night Stroll” by Rubem Fonseca, a narrative that describes a successful family-man that leaves the house at night to commit murders. The chosen reports for the non-fictional group were: (3) “Hell in the Promised Land” by Carlos Rollsing, telling the story of different Haitian immigrants in Brazil and (4) “I am son of the street” by Leticia Duarte, narrating the life of a homeless adolescent in the streets of Porto Alegre, Brazil. Each participant got his reading time measured by pressing the space bar before and after the reading.

Table 2. Average mean scores of the assessed dimensions, number of words in each piece and reading time in seconds

Title	Author	Mean Comprehension	Mean Perspective Taking	Number of Words	Reading Time Mean (SD)
“Linda, a horrible story”	Caio Fernando Abreu.	4.3	4.3	2715	907.88 (288.65)
“Night Stroll”	Rubem Fonseca	4.7	4.4	2063	664.70 (154.76)
“Hell in the Promised Land”	Carlos Rollsing	4.7	4.8	2424	844 (241.76)
“I am son of the street”	Leticia Duarte	4.5	4.4	2563	732.80 (250.40)

Procedures

Data was collected in two times (T0 and T1) with a three-day interval between assessments. Data collection took on average 40 minutes both in T0 and in T1. The Python based psychological experimental software (PsychoPy; Peirce 2010) was used to run the

experiment. At T0, after giving their informed consent, participants filled the socio demographics' questionnaire followed by the task presenting randomly the first block of dilemmas, the RMET and the IRI. At T1, participants started the task and read one of the four pieces according to their group allocation. After that, the IRI, RMET and moral dilemmas were applied in a random order. The data procedure took place in the university and was conducted by three different trained research assistants.

Results

Data analyses

All variables met normality criteria. Repeated measures ANOVA were conducted to investigate the effect of fictional reading on moral judgment, empathy and ToM at T0 and T1. Moral judgment effects were performed on both impersonal and high conflict dilemmas. Empathy effects were run on total score and on all IRI subscales. Total scores of the RMET were considered for analyses of theory of mind. For all analyses group and sex were entered as fixed factors. As baseline scores of empathy and theory of mind as well as average number of reading hours per week could impact moral judgment results, additional analyses were computed considering those as covariates. Complementary analyses having average number of reading hours per week were also considered for empathy and theory of mind results. Finally, given the high percentage of Psychology students in our sample we also performed secondary analyses with course (Psychology vs non Psychology) as a fixed factor.

Effect of fictional reading on moral judgment

There were no significant effects of time, time*group and time*group*sex on high conflict moral dilemmas. As seen in *Table 3*, there was a significant time*sex interaction with women presenting fewer utilitarian judgments than men after the intervention. For

impersonal dilemmas there was a marginally significant interaction of time*sex, but no significant effects of time, time*group and time*sex*group.

All results remained unaltered when covariates and course were considered.

Table 3. Average percentage (Mean/SD) of utilitarian judgments for Impersonal and High Conflict dilemmas at T0 and T1 by group and sex

Dilemma	Sex	Non-Fictional Group		Fictional Group		Experiment Effects			
		T0	T1	T0	T1	Time	Time*group p	Time*sex	Time*group *sex
Impersonal	Female	40.96 (12.63)	38.16 (10.08)	41.56 (13.08)	35.92 (16.74)	F(1, 93) = 0.56, p = 0.456, n ² = 0.006	F(1, 93) = 1.37 p = 0.244, n ² = 0.015	F(1, 93) = 2.95, p = 0.089*, n ² = 0.031	F(1, 93) = 0.12, p = 0.731, n ² = 0.001
	Male	42.64 (14.09)	46.90 (13.12)	42.86 (14.24)	41.92 (10.61)				
High- Conflict	Female	53.85 (25.95)	47.56 (35.99)	48.89 (25.18)	41.85 (25.51)	F(1, 93) = 0.05, p = 0.811, n ² = 0.001	F(1, 93) = 1.24, p = 0.268, n ² = 0.013	F(1, 93) = 8.13, p = 0.005***, n ² = 0.080	F(1, 93) = 0.93, p = 0.336, n ² = 0.010
	Male	51.97 (22.15)	65.15 (22.65)	57.42 (26.10)	60 (28.25)				

*** $p < 0.01$; ** $p < 0.05$; * $p < 0.1$

Effect of fictional reading on empathy

The effect of literary reading on the total score of the IRI [F(1, 93) = 1.963, $p = 0.165$, $n^2 = 0.021$] was not significant. Furthermore, we tested the same effect for the fantasy [F(1, 93) = 0.758, $p = 0.386$, $n^2 = 0.008$], personal distress [F(1, 93) = 2.512, $p = 0.116$, $n^2 = 0.026$], perspective taking [F(1, 93) = 0.116, $p = 0.734$, $n^2 = 0.001$] and empathic concern [F(1, 93) = 0.035, $p = 0.852$, $n^2 = 0.000$] subscales of the IRI resulting in no significant effects. A significant effect of time in the IRI [F(1, 93) = 16.618, $p < 0.001$, $n^2 = 0.152$], personal distress [F(1, 93) = 15.661, $p < 0.001$, $n^2 = 0.144$], fantasy [F(1, 93) = 5.562, $p = 0.02$, $n^2 = 0.056$] and a marginally significant effect in empathic

concern [$F(1, 93) = 3.046, p = 0.084, n^2 = 0.032$] were found with lower means after both readings. No significant effects were found for perspective taking [$F(1, 93) = 0.163, p = 0.688, n^2 = 0.002$].

No significant time*sex effects were found for the IRI [$F(1, 93) = 0.285, p = 0.595, n^2 = 0.003$], personal distress [$F(1, 93) = 2.268, p = 0.135, n^2 = 0.024$], perspective taking [$F(1, 93) = 0.030, p = 0.864, n^2 = 0.000$], fantasy [$F(1, 93) = 2.006, p = 0.160, n^2 = 0.021$] and empathic concern [$F(1, 93) = 0.660, p = 0.419, n^2 = 0.007$]. After controlling for reading hours per week, the IRI [$F(1, 82) = 4.733, p = 0.032$] and personal distress [$F(1, 82) = 4.14, p = 0.045, n^2 = 0.048$] presented a significant time*group effect with lower means after non-fictional reading, but no significant effects on the fantasy [$F(1, 82) = 1.725, p = 0.193, n^2 = 0.021$], perspective taking [$F(1, 82) = 0.141, p = 0.708, n^2 = 0.002$], and empathic concern [$F(1, 82) = 0.050, p = 0.823, n^2 = 0.001$] were found. Additionally, a marginally significant time* sex effect was found in the fantasy [$F(1, 82) = 3.095, p = 0.082, n^2 = 0.036$] with females presenting a lower mean at T0 ($M = 27.40, SD = 4.86$) and T1 ($M = 26.44, SD = 5.43$) if compared to men at T0 ($M = 25.15, SD = 5.73$) and T1 ($M = 25.10, SD = 6.07$). Still, no significant effects for the IRI [$F(1, 82) = 0.025, p = 0.875$], empathic concern [$F(1, 82) = 0.023, p = 0.859, n^2 = 0.000$], perspective taking [$F(1, 82) = 0.059, p = 0.808, n^2 = 0.001$] and personal distress [$F(1, 82) = 1.105, p = 0.296, n^2 = 0.013$] were found.

Effect of fictional reading on theory of mind

A significant time effect was observed in theory of mind scores with participants improving their skills in T1 [$F(1, 93) = 4.579, p = 0.035, n^2 = 0.047$]. The effect of time*group [$F(1, 93) = 0.292, p = 0.59, n^2 = 0.003$], time*sex [$F(1, 93) = 0.056, p = 0.813, n^2 = 0.001$] and time*group*sex interactions [$F(1, 93) = 0.037, p = 0.848, n^2 = 0.000$] were non-significant (for mean descriptives see Table 4).

These results remained unaltered when controlling by reading hours per week and when entering course as fixed factor.

Table 4. Average scores of theory of mind and empathy at T0 and T1 by group

		M(SD)			
		Non-Fictional		Fictional	
		T0	T1	T0	T1
Theory of Mind	RMET	25.08	25.92	25.55	26.06
		(3.56)	(3.86)	(2.89)	(3.48)
Empathy	IRI Total	98.21	95.48	101.73	100.37
		(15.32)	(16.45)	(10.76)	(11.89)
	Personal	19.27	17.73	20.16	19.51
	Distress	(5.39)	(6.42)	(4.93)	(5.34)
	Perspective	24.73	24.75	25.35	25.49
	Taking	(3.29)	(3.45)	(3.72)	(3.58)
	Fantasy	25.96	25.08	27.39	26.94
		(6.12)	(6.41)	(4.31)	(4.59)
	Empathic	28.25	27.92	28.84	28.43
	Concern	(4.44)	(4.78)	(4.33)	(4.77)

Discussion

This study tested the effects of fictional and non-fictional reading in empathy and moral judgment through independent group sample comparison. We predicted that higher levels of empathy after fictional reading would result in higher frequency of non-utilitarian responses.

The main finding of our study was that moral judgment differs between sexes after non-fictional and fictional reading. We found that although reading influences women to respond impersonal and emotionally salient actions with less utilitarian responses, this effect was not related to the type of reading. Conversely, men responded with highly utilitarian responses after the reading. This findings support the claim that sex differences influence moral judgment showing greater preference for utilitarian judgments by men if compared to women (Fumagalli et al. 2010).

Although lower levels of empathic concern has been pointed as a determinant factor for utilitarian judgments (Gleichgerrcht & Young 2013), our study suggests that non-fictional reading decreases the level of empathy and personal distress. Still, although our results did not show significant time*group effect in high-conflict moral judgment dilemmas after fictional reading, repeated measures analysis suggested a tendency of higher utilitarian responses means after the decrease of empathy and personal distress scores. This results are consistent with studies that revealed an association between individuals with emotional and empathic deficits (e.g. alexithymia, lesions in emotional processing brain areas and psychopathy) and the endorsement of utilitarian judgments (Bartels & Pizarro 2011; Cecchetto, Korb, Rumiati, & Aiello 2017; Ciaramelli et al. 2007; Koenigs et al. 2012).

Differently than described in previous studies suggesting higher affective empathy after fictional reading (Johnson 2012), in our study the direction of empathy changes differed from this results after both readings, namely, IRI, personal distress, fantasy and empathic concern decreased their score regardless reading type. Despite these differences, several considerations regarding methodological design differences must be considered: (1) our study used an experimental design randomizing participants into two different groups with a pre and posttest, facilitating causal inferences. (2) The full IRI scale was

used and not just the empathic concern and fantasy subscales. (3) We did not control for transportation into the story. (4) We selected the narratives through a voting process and asked for perspective taking evaluations of both fictional and non-fictional readings. Furthermore, these results rise important considerations regarding fictional and non-fictional reading in empathy. First, despite different findings support an immediate after-effect of literary reading improving ToM (Kidd & Castano 2013), this effect did not occur as previously suggested and supports replication findings that tested this hypothesis showing no enhancement effect in ToM after fictional reading (Panero et al. 2016; Samur et al. 2017). Second, fictional and non-fictional showed different effects regarding empathy, specifically, the non-fictional group decreased their score in the personal distress IRI subscale. This findings differ from the ones proposed by Bal and Veltkamp (2013) suggesting higher empathic concern scores after fictional reading. Still, some considerations must be highlighted: our model did not include an emotional transportation measure and did not assess the subjects for sleeper effects after one week. Also, we assessed the full IRI scale, while the authors only used the empathic concern subscale. Consequently, emotional transportation might be an important construct that influences empathy enhancement after fictional reading.

Finally, we endorse the considerations pointed by Bartels and Pizarro (2011) regarding methodological concerns in the study of moral judgment. Specifically, the use of this methodology should not be adopted as an approach of identifying fictional or non-fictional readers as more or less moral individuals. The use of this method might lead to the inference that “correct” moral responses are likely to be made by subjects that possess characteristics favoring traits perceived as moral (e.g more empathetic individuals) and that this characteristics can be influenced by fiction or non-fiction reading. As pointed by Bloom (2017), high empathy traits does not necessarily lead to better moral decisions.

Therefore, this framework should be used as a manner of identify how, when and why individuals make certain moral judgments, without relying in adopting a normative standard moral theory.

Some limitations in this study must be considered. The empathy assessment relied on how empathic people considered they are through self-report questionnaires, therefore, future research should focus on different perspectives to assess these outcomes. Furthermore, despite our findings supports the hypothesis that the immediate effect of literary reading does not enhance empathy levels, there still is a gap regarding its continuous exposure effects on empathy and moral judgment. Future studies should address this issue using methodologies focusing on the causal effects between continuous literary reading and empathy. Namely, understanding if highly empathetic individuals read more fiction or if continuous exposure to this genre turn individuals more empathetic. Finally, our sample was composed in its majority by psychology students. Future studies should include a more diverse and greater samples to test the effects of fictional and non-fictional reading in moral judgment.

Conclusion

In this study, fictional and non-fictional reading reduced levels utilitarian responses in moral judgment. This responses were related to sex and, differently than expected, lower levels in empathy and personal distress. Still, the enhancement of theory of mind performance after literary reading was not confirmed.

References

Bal PM, & VeltkampM (2013) How Does Fiction Reading Influence Empathy? An Experimental Investigation on the Role of Emotional Transportation. PLoS ONE,

8(1). <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0055341>

Baldwin MW, Carrell E, & Lopez DF (1990) Priming relationship schemas: My advisor and the Pope are watching me from the back of my mind. *Journal of Experimental Social Psychology* 26(5): 435–454. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(90\)90068-W](https://doi.org/10.1016/0022-1031(90)90068-W)

Baron-Cohen S (2011) *Science of Evil*. New York.

Baron-Cohen S, Jolliffe T, Mortimore C, & Robertson M (1997) Another advanced test of theory of mind: Evidence from very high functioning adults with autism or Asperger syndrome. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*. <http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1997.tb01599.x>

Bartels D M, & Pizarro D A (2011) The mismeasure of morals: Antisocial personality traits predict utilitarian responses to moral dilemmas. *Cognition* 121(1):154–161. <http://doi.org/10.1016/j.cognition.2011.05.010>

Batson C D (2013) *These Things Called Empathy: Eight Related but Distinct Phenomena*. In *The Social Neuroscience of Empathy*. <http://doi.org/10.7551/mitpress/9780262012973.003.0002>

Batson C D, Klein T R, Highberger L, & Shaw LL (1995) Immorality from empathy-induced altruism: When compassion and justice conflict. *Journal of Personality and Social Psychology* 68(6): 1042–1054. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.68.6.1042>

Batson CD, & Shaw L L (1991) Encouraging Words Concerning the Evidence for Altruism. *Psychological Inquiry* 2(2): 159–168. http://doi.org/10.1207/s15327965pli0202_17

Bloom P (2017) *Against Empathy: The Case for Rational Compassion*. (P. Bloom, Ed.) *Against Empathy* (First Edit). Broadway, New York, NY: HarperCollins.

Cecchetto C, Korb S, Rumiati R.I, & Aiello M (2017) Emotional reactions in moral decision-making are influenced by empathy and alexithymia. *Social Neuroscience*, 0(0). <http://doi.org/10.1080/17470919.2017.1288656>

Christov-moore L, Simpson EA, Coudé G, Grigaityte K, Iacoboni M, & Ferrari PF (2014) Empathy: Gender effects in brain and behavior. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews* 46(4): 604–627.
<http://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2014.09.001>.Empathy

Ciaramelli E, Muccioli M, Làdavas E, & Di Pellegrino G (2007) Selective deficit in personal moral judgment following damage to ventromedial prefrontal cortex. *Social Cognitive and Affective Neuroscience* 2(2): 84–92.
<http://doi.org/10.1093/scan/nsm001>

Davis MH (1983) Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology* 44(1): 113–126. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>

DePaul MR (1993) *Balance and Refinement: Beyond Coherence Methods of Moral Inquiry*. London: Routledge.

Eisenberg N, & Miller PA (1987) The relation of empathy to prosocial and related behaviors. *Psychological Bulletin* 101(1): 91–119. <http://doi.org/10.1037/0033-2909.101.1.91>

Ewing JA (1984) Detecting Alcoholism: The CAGE Questionnaire. *JAMA* 252(14): 1905–1907.

Fumagalli M, Ferrucci R., Mameli F, Marceglia S, Mrakic-Spota S, Zago S, Priori A (2010) Gender-related differences in moral judgments. *Cognitive Processing* 11(3): 219–226. <http://doi.org/10.1007/s10339-009-0335-2>

Gleichgerricht E, & Young L (2013) Low Levels of Empathic Concern Predict Utilitarian Moral Judgment. *PLoS ONE*, 8(4).
<http://doi.org/10.1371/journal.pone.0060418>

Green M C, Brock T C, & Kaufman GF (2004) Understanding media enjoyment: The role of transportation into narrative worlds. *Communication Theory* 14(4): 311–327. <http://doi.org/10.1093/ct/14.4.311>

Greene J (2008) The Secret Joke of Kant's soul. In: *Moral Psychology*, Vol. 3, pp 35–80. Retrieved from
http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=psych&AN=2007-14534-005&site=ehost-live&scope=cite%5Cnhttp://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=Pvk56gLAE-QC&oi=fnd&pg=PA359&dq=The+secret+joke+of+Kant's+soul&ots=BcilUUgU1T&sig=_wH1H8Dk8MeN92evqMCmc1I

Greene JD, Morelli SA, Lowenberg K, Nystrom LE, & Cohen JD (2008) Cognitive load selectively interferes with utilitarian moral judgment. *Cognition* 107(3): 1144–1154. <http://doi.org/10.1016/j.cognition.2007.11.004>

Greene JD, Nystrom LE, Engell AD, Darley JM, & Cohen JD (2004) The neural bases of cognitive conflict and control in moral judgment. *Neuron* 44(2): 389–400.
<http://doi.org/10.1016/j.neuron.2004.09.027>

Greene JD, Sommerville RB, Nystrom LE, Darley JM, & Cohen JD (2001) An

fMRI investigation of emotional engagement in moral judgment. *Science* 293(5537): 2105–2108. <http://doi.org/10.1126/science.1062872>

Haidt J, Koller SH, & Dias MG (1993) Affect, culture, and morality, or is it wrong to eat your dog? *Journal of Personality and Social Psychology* 65(4): 613–628. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.65.4.613>

Hakemulder J (2000) The moral laboratory: Experiments examining the effects of reading literature on social perception and moral self-concept. *Utrecht publications in general and comparative literature*, Vol. 34. <http://doi.org/http://dx.doi.org/10.1075/upal.34>

Hoffman ML (2001) Empathy and Moral Development: Implications for Caring and Justice. Review Zora Raboteg-Šarić *Contemporary Sociology* (Vol. 30). <http://doi.org/10.2307/3089337>

Johnson DR (2012) Transportation into a story increases empathy, prosocial behavior, and perceptual bias toward fearful expressions. *Personality and Individual Differences* 52(2): 150–155. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2011.10.005>

Kidd DC, & Castano E (2013) Reading literary fiction improves theory of mind. *Science* (New York, N.Y.) 342(6156): 377–80. <http://doi.org/10.1126/science.1239918>

Koenigs M, Kruepke M, Zeier J, & Newman JP (2012) Utilitarian moral judgment in psychopathy. *Social Cognitive and Affective Neuroscience* 7(6): 708–714. <http://doi.org/10.1093/scan/nsr048>

Koenigs M, Young L, Adolphs R, Tranel D, Cushman F, Hauser M, & Damasio A (2007) Damage to the prefrontal cortex increases utilitarian moral judgements.

Nature 446(7138): 908–11. <http://doi.org/10.1038/nature05631>

Kohlberg L (1973) The Claim to Moral Adequacy of a Highest Stage of Moral Judgment. *The Journal of Philosophy* 70(18): 630–646.

Mar RA, & Oatley K (2008) The Function of Fiction is the Abstraction and Simulation of Social Experience. *Perspectives on Psychological Science* 3(3): 173–192. <http://doi.org/10.1111/j.1745-6924.2008.00073.x>

Mar RA, Oatley K, & Peterson JB (2009) Exploring the link between reading fiction and empathy: Ruling out individual differences and examining outcomes. *Communications* 34(4): 407–428. <http://doi.org/10.1515/COMM.2009.025>

Mar RA, Tackett JL, & Moore C (2010) Exposure to media and theory-of-mind development in preschoolers. *Cognitive Development* 25(1): 69–78. <http://doi.org/10.1016/j.cogdev.2009.11.002>

Miller P A, & Eisenberg N (1988) The relation of empathy to aggressive and externalizing/antisocial behavior. *Psychological Bulletin* 103(3):324–344. <http://doi.org/10.1037/0033-2909.103.3.324>

Panero ME, Weisberg DS, Black J, Goldstein TR, Barnes JL, Brownell H, & Winner E (2016) Does reading a single passage of literary fiction really improve theory of mind? An attempt at replication. *Journal of Personality and Social Psychology* 111(5): e46–e54. <http://doi.org/10.1037/pspa0000064>

Peirce J (2010) PsychoPy - Psychology software for Python. *Integration The Vlsi Journal*.

Piaget J (1933) The Moral Judgment of the Child. *Journal of Educational Psychology* 24(2):157–158. <http://doi.org/10.1037/h0067118>

Pizarro DA (2000) Nothing more than feelings? The role of emotions in moral judgment. *Journal for the Theory of Social Behaviour* 30(4):355–375.

<http://doi.org/10.1111/1468-5914.00135>

Pizarro DA, Detweiler-bedell B, & Bloom P (2006) The Creativity of Everyday Moral Reasoning: Empathy, Disgust, and Moral Persuasion. In *The Creativity of Everyday Moral Reasoning* 83:81–98. Retrieved from

<http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511606915.006>

Sampaio LR, Guimarães PRB, Camino CP dos S, Formiga NS, & Menezes IG

(2011) Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: tradução e adaptação do Interpersonal Reactivity Index (IRI). *Psico* 42(1): 67–76. Retrieved from

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/revistapsico/article/view/6456>

Samur D, Tops M, & Koole SL (2017) Does a single session of reading literary fiction prime enhanced mentalising performance? Four replication experiments of Kidd and Castano (2013). *Cognition and Emotion*, 9931: 1–15.

<http://doi.org/10.1080/02699931.2017.1279591>

Sanvicente-Vieira B, Kluwe-Schiavon B, Wearick-Silva LE, Piccoli GL, Scherer L, Tonelli HA, & Grassi-Oliveira R (2014) Revised reading the mind in the eyes test (RMET) - Brazilian version. *Revista Brasileira de Psiquiatria* 36(1): 60–67.

<http://doi.org/10.1590/1516-4446-2013-1162>

Thomson JJ (1986) Rights, Restitution, and Risk: Essays, in *Moral Theory*.

Cambridge, MA: Harvard University Press.

Vachon DD, Lynam DR, & Johnson JA(2014) The (non)relation between empathy and aggression: Surprising results from a meta-analysis. *Psychological Bulletin*

140(3): 751–773. <http://doi.org/10.1037/a0035236>

ANEXOS

ANEXO 1 – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUC/RS 								
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP								
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA Título da Pesquisa: O Papel das Narrativas Ficcionalis e da Empatia no Julgamento Moral Pesquisador: Adriane Arteche Área Temática: Versão: 1 CAAE: 81655517.3.0000.5336 Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA Patrocinador Principal: Financiamento Próprio								
DADOS DO PARECER Número do Parecer: 2.471.557 Apresentação do Projeto: O presente estudo considerando a empatia como conceito relevante para o julgamento moral, se propõe a investigar tal construto como mediador do efeito da leitura de trechos de histórias ficcionais no julgamento moral das pessoas. No primeiro encontro, os participantes serão randomizados para um grupo controle e um grupo de leitura ficcional, depois preencherão a EMRI, realizarão o RMET e responderão os dilemas morais. No encontro seguinte serão expostos a uma leitura orientada no computador conforme cada grupo específico de história ficcional ou não-ficcional e preencherão novamente a EMRI, RMET e responderão os dilemas morais.								
Objetivo da Pesquisa: O estudo tem como objetivo avaliar a empatia como mediador do efeito de uma narrativa ficcional sobre o julgamento moral das pessoas. Além de investigar da leitura ficcional e não-ficcional e o efeito moderador do sexo no julgamento moral e na empatia.								
Avaliação dos Riscos e Benefícios: O presente trabalho não apresenta riscos físicos, entretanto pode gerar algum desconforto em responder alguns dilemas morais. O estudo tem como benefício compreender como a leitura de narrativas ficcionais podem influenciar a empatia e o julgamento moral.								
<table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td style="width: 50%;">Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703</td> <td style="width: 50%;">CEP: 91.619-900</td> </tr> <tr> <td>Bairro: Partenon</td> <td></td> </tr> <tr> <td>UF: RS Município: PORTO ALEGRE</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@pucrs.br</td> <td></td> </tr> </table>	Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703	CEP: 91.619-900	Bairro: Partenon		UF: RS Município: PORTO ALEGRE		Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@pucrs.br	
Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703	CEP: 91.619-900							
Bairro: Partenon								
UF: RS Município: PORTO ALEGRE								
Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@pucrs.br								

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 2.471.527

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto muito bem fundamentado com literatura pertinente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O documento TCLE está adequado a proposta da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais e critério do CEP:

Diante do exposto, o CEP-PUCRS, de acordo com suas atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012, nº 510 de 2016 e da Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1054784.pdf	02/01/2018 13:59:24		Aceito
Outros	cartaRespostaPendenciasBruno.pdf	02/01/2018 13:57:04	Adriane Arteche	Aceito
Outros	LINKLATTES.pdf	02/01/2018 13:56:29	Adriane Arteche	Aceito
Outros	DocumentoUnificadoProjetoPesquisa1513273753733.pdf	02/01/2018 13:56:07	Adriane Arteche	Aceito
Outros	Instrumentosequestionarios.pdf	19/12/2017 17:11:55	Adriane Arteche	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoProntoPlataformabrasil.pdf	19/12/2017 17:11:26	Adriane Arteche	Aceito
Outros	CartaEncaminhamentoApresentacao.pdf	19/12/2017 17:04:59	Adriane Arteche	Aceito
Outros	cartas_autorizacao.pdf	19/12/2017 17:00:20	Adriane Arteche	Aceito
Outros	Aprovacao_SIPESQ.pdf	19/12/2017 16:59:26	Adriane Arteche	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	19/12/2017 16:57:35	Adriane Arteche	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	19/12/2017 16:56:33	Adriane Arteche	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	19/12/2017	Adriane Arteche	Aceito

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon CEP: 91.619-900
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@pucrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 2.471.557

Cronograma	cronograma.pdf	16:55:27	Adriane Artech	Acelto
Folha de Rosto	FolhaDeRostoAssinada.pdf	19/12/2017 16:53:51	Adriane Artech	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Aprovação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 22 de Janeiro de 2018

Assinado por:
Denise Cantarelli Machado
(Coordenador)

Endereço: Av. Itália, 9981, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon CEP: 90.619-900
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@pucr.br

ANEXO 2 – MATERIAL UTILIZADO PARA DIVULGAÇÃO

VENHA NOS AUXILIAR A COMPREENDER COMO AS PESSOAS FAZEM JULGAMENTOS MORAIS!

O GRUPO DE PESQUISA NEUROCIÊNCIA AFETIVA E TRANSGERACIONALIDADE (GNAT), CONVIDA VOCÊ, ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO, A PARTICIPAR DO ESTUDO:

"O PAPEL DAS NARRATIVAS FICCIONAIS NA EMPATIA E NO JULGAMENTO MORAL".

O ESTUDO PROCURA COMPREENDER COMO A LEITURA DE FICÇÕES NARRATIVAS INFLUENCIA NOSSAS DECISÕES MORAIS. VENHA PARTICIPAR!

O ESTUDO OFERECE 3 HORAS COMPLEMENTARES CONFORME DELIBERAÇÃO DE CADA UNIDADE/CURSO.

Contato:
Bruno Dalpiaz Whats: +5551991901729
contato.julgamento.moral@gmail.com
CAAE 81655517.3.0000.5336

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adriane Xavier Arteche




ANEXO 3 - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Nome completo: _____

Idade: _____ Data de Nascimento: _____

Etnia: _____ Escolaridade: () Ensino Fundamental Incompleto

() Ensino Fundamental Completo () Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo

() Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo () Pós-Graduação

Fez o ensino fundamental e médio em () Escola Pública () Escola Privada () Ambos

Profissão: _____

Curso de formação: _____

Matrícula: _____

Você trabalha? _____ Quantas horas por dia? _____

Qual o seu curso atual de formação? _____

Qual semestre?

Você já fez outra faculdade antes da atual?

E-mail:

Estado civil: _____ Tel.: Residencial _____

Celular: _____

Endereço: _____

Você já teve alguma doença que necessitasse internação hospitalar, procedimento cirúrgico ou tratamento continuado? Se sim, qual? _____

Você tem algum problema oftalmológico não corrigido com o uso de óculos? Se sim, especifique:

Você faz uso de alguma medicação psiquiátrica abaixo? Se sim, marque qual.

- | | | |
|---|--|--|
| ☐ Alprazolam | ☐ Clonazepam/Rivotril | ☐ Diazepan/Valium |
| ☐ Fluoxetina/Prozac | ☐ Citalopram | ☐ Amitriptilina |
| ☐ Escitalopram | ☐ Bupropiona/Wellbutrin | ☐ Clomioramina/Anafril |
| ☐ Paroxetina | ☐ Sertralina/Tolrest | ☐ Venlafaxina |
| ☐ ácido valpróico | ☐ Carbamazetpina | ☐ Lamotrigina |
| ☐ Lítio | ☐ Aripiprazol | ☐ Clorpromazina/Amplictil |
| ☐ Haloperidol/Haldol | ☐ Olanzapina | ☐ Quetiapina |
| ☐ Risperidona | ☐ Imipramina/Tofranil | ☐ Outra: _____ |

Especificar dose e há quanto tempo utiliza:

Você já fez uso de alguma medicação psiquiátrica abaixo no passado? Se sim, marque qual.

- | | | |
|--|--|--|
| ☐ Alprazolam | ☐ Clonazepam/Rivotril | ☐ Diazepan/Valium |
| ☐ Fluoxetina/Prozac | ☐ Citalopram | ☐ Amitriptilina |

- | | | |
|---|--|--|
| ☐ Escitalopram | ☐ Bupropiona/Wellbutrin | ☐ Clomioramina/Anafril |
| ☐ Paroxetina | ☐ Sertralina/Tolrest | ☐ Venlafaxina |
| ☐ ácido valpróico | ☐ Carbamazetpina | ☐ Lamotrigina |
| ☐ Lítio | ☐ Aripiprazol | ☐ Clorpromazina/Amplictil |
| ☐ Haloperidol/Haldol | ☐ Olanzapina | ☐ Quetiapina |
| ☐ Risperidona | ☐ Imipramina/Tofranil | ☐ Outra: _____ |

Especificar dose e por quanto tempo utilizou:

Você já foi diagnosticado com algum problema neurológico? (Ex., Dislexia, Discalculia, Epilepsia, etc.)

Na última semana você utilizou alguma das drogas abaixo? Se sim, marque qual.

- | | | |
|---|----------------------------------|--|
| ☐ Cigarros | ☐ Maconha | ☐ LSD ou alucinógenos (cogumelo/daime) |
| ☐ Crack | ☐ Cocaína | ☐ Anfetaminas (pílulas pra emagrecer) |
| ☐ Tranquilizantes | ☐ Ecstasy | ☐ Solventes (cola, éter, lança-perfume) |
| ☐ Esteróides/anabolizantes (bomba) | | |
| ☐ Outros tipos de drogas: _____ | | |

Especificar quanto tempo faz e qual a dose:

No passado (há mais de uma semana) você utilizou alguma das drogas abaixo? Se sim, marque qual.

- | | | |
|---|----------------------------------|--|
| ☐ Cigarros | ☐ Maconha | ☐ LSD ou alucinógenos (cogumelo/daime) |
| ☐ Crack | ☐ Cocaína | ☐ Anfetaminas (pílulas pra emagrecer) |
| ☐ Tranquilizantes | ☐ Ecstasy | ☐ Solventes (cola, éter, lança-perfume) |
| ☐ Esteróides/anabolizantes (bomba) | | |
| ☐ Outros tipos de drogas: _____ | | |

Especificar quanto tempo faz e qual a dose:

Você faz uso de álcool? ☐ Sim ☐ Não

Você já tentou diminuir ou cortar a bebida? ☐ Sim ☐ Não

Você já ficou incomodado ou irritado com outros porque criticaram seu jeito de beber? () Sim () Não

Você já se sentiu culpado por causa do seu jeito de beber? () Sim () Não

Você já teve que beber para aliviar os nervos ou reduzir os efeitos de uma ressaca?

() Sim () Não

Qual sua bebida de preferência? _____

Com que frequência você utiliza a sua bebida de preferência? _____

Especificar a dose: _____

Você gosta de ler? () Sim () Não

Você tem hábitos de leitura? Qual gênero você prefere (ex. Não-Ficção, Romance, Policial, Ficção Científica, etc)?

Quantas horas você costuma ler por semana? Qual plataforma (Livro, Computador, Celular/Tablets)?

Quantos Livros você leu no último ano? _____

ANEXO 4 – ESCALA MULTIDIMENSIONAL DE REATIVIDADE INTERPESSOAL – EMRI

ESCALA MULTIDIMENSIONAL DE REATIVIDADE INTERPESSOAL - EMRI

1. **Sexo:** Feminino () Masculino ()
 2. **Idade:** _____
 3. **Curso/ série:** _____

As seguintes afirmações questionam seus sentimentos e pensamentos em uma variedade de situações. Para cada item, indique quanto você concorda ou discorda com a afirmação escolhendo sua posição na escala abaixo (1- Discordo Totalmente; 2- Discordo Parcialmente; 3- Nem Discordo e nem Concordo; 4- Concordo Parcialmente; 5- Concordo Totalmente).

Quando você tiver decidido sua resposta marque um X no número apropriado ao lado da afirmação. Leia cada item com muito cuidado antes de responder. Responda o mais honesto possível.

Obrigado!

1. Habitualmente me envolvo emocionalmente com filmes e/ou livros.	1	2	3	4	5
2. Sou neutro quando vejo filmes.	1	2	3	4	5
3. Incomodo-me com as coisas ruins que acontecem aos outros.	1	2	3	4	5
4. Tento compreender os argumentos dos outros.	1	2	3	4	5
5. Sinto compaixão quando alguém é tratado injustamente.	1	2	3	4	5
6. Quando vejo que se aproveitam de alguém, sinto necessidade de protegê-lo.	1	2	3	4	5
7. Imagino como as pessoas se sentem quando eu as critico.	1	2	3	4	5
8. Antes de tomar alguma decisão procuro avaliar todas as perspectivas	1	2	3	4	5
9. Tento compreender meus amigos imaginando como eles vêem as coisas.	1	2	3	4	5
10. Fico comovido com os problemas dos outros.	1	2	3	4	5
11. Preocupo-me com as pessoas que não têm uma boa qualidade de vida.	1	2	3	4	5
12. Descrevo-me como uma pessoa de "coração mole" (muito sensível).	1	2	3	4	5
13. Costumo fantasiar com coisas que poderiam me acontecer.	1	2	3	4	5

14. Perco o controle quando vejo alguém que esteja precisando de muita ajuda.	1	2	3	4	5
15. Depois de ver uma peça de teatro ou um filme sinto-me envolvido com seus personagens.	1	2	3	4	5
16. Costumo me emocionar com as coisas que vejo acontecer aos outros.	1	2	3	4	5
17. Fico apreensivo em situações emergenciais.	1	2	3	4	5
18. Quando vejo uma história interessante, imagino como me sentiria se ela estivesse acontecendo comigo.	1	2	3	4	5
19. Tendo a perder o controle durante emergências.	1	2	3	4	5
20. Coloco-me no lugar do outro se eu me preocupo com ele.	1	2	3	4	5
21. Escuto os argumentos dos outros, mesmo estando convicto de minha opinião.	1	2	3	4	5
22. Fico tenso em situações de fortes emoções.	1	2	3	4	5
23. Sinto-me indefeso numa situação emotiva.	1	2	3	4	5
24. Sinto emoções de um personagem de filme como se fossem minhas próprias emoções.	1	2	3	4	5
25. Tenho facilidade de assumir a posição de um personagem de filme.	1	2	3	4	5
26. Habitualmente fico nervoso quando vejo pessoas feridas.	1	2	3	4	5

ANEXO 5 – READING THE MIND IN THE EYES TEST (RMET)

Exemplos do RMET

Ciumento

Apavorado



Arrogante

Raivoso

Decidido

Aflito



Hostil

Tímido

Decidido

Divertido



Chocado

Entediado

ANEXO 6 – DILEMAS MORAIS

Dilemas Morais

Dilemas Pessoais de Alto Conflito

Bebê Chorando

Soldados inimigos tomaram nosso vilarejo. Eles têm ordens de matar todos os civis remanescentes. Você e algumas pessoas de sua cidade buscaram abrigo em uma adega de uma grande casa. Você ouve vozes de fora dos soldados que vieram buscar itens valiosos na casa.

Seu bebê começa a chorar alto. Você cobre a boca dele para bloquear o som. Se você remover sua mão da boca do bebê o choro chamará a atenção dos soldados, que matarão você, seu bebê e os outros que também se escondem na adega. Para salvar a si mesmo e aos outros você deve sufocar seu filho até a morte.

Parece-lhe apropriado sufocar seu filho para salvar a si e aos outros moradores da cidade?

Eutanásia

Você é um líder de um pequeno grupo de soldados. Vocês completaram uma missão e estão voltando pelo território inimigo quando um de seus homens pisa numa armadilha, posta pelo inimigo, se ferindo gravemente. A armadilha está conectada a um equipamento de rádio, que agora já deve ter alertado o inimigo de sua presença. Eles logo estarão a caminho.

Se o inimigo achar seu homem ferido, eles irão torturá-lo e matá-lo. Ele implora para que você não o deixe para trás, mas se você tentar levá-lo consigo todo o grupo será capturado. A única maneira de impedir que o soldado ferido seja torturado é você atirar nele.

É apropriado que você atire neste soldado para prevenir que ele seja torturado pelo inimigo?

Passarela

Um bonde está percorrendo os trilhos em direção a cinco trabalhadores, que serão mortos caso o bonde prossiga o atual curso. Você está em uma passarela acima dos trilhos entre o bonde e os cinco trabalhadores. Do seu lado, na passarela, está um estranho, que é bem grande.

A única maneira de salvar as vidas dos cinco trabalhadores é empurrar o estranho da passarela nos trilhos abaixo, onde seu grande corpo irá parar o bonde. O estranho morrerá se você fizer isto, porém os cinco trabalhadores serão salvos.

É apropriado que você empurre o estranho nos trilhos no intuito de salvar os cinco trabalhadores?

Lawrence da Arábia

Você é o líder de um pequeno exército que consiste de guerreiros de duas tribos; A tribo da colina e a tribo do rio. Você não pertence a nenhuma das tribos. Durante a noite um guerreiro da tribo da colina discute com um guerreiro da tribo do rio e o assassina. A tribo do rio atacará a tribo da colina, a menos que o assassino seja morto. Porém, a tribo da colina se nega a matar um de seus guerreiros.

O único modo de evitar uma guerra, que custará centenas de vidas, entre as duas tribos é a execução pública do assassino por decapitação, com a sua própria espada.

É apropriado que você decapite este homem visando evitar que estas duas tribos entrem em uma guerra que custará centenas de vidas?

Bomba Modificada

Você está negociando com um poderoso e determinado terrorista, que está prestes a explodir uma bomba em uma área cheia de pessoas. Sua única vantagem é que você tem o filho adolescente dele sob sua custódia.

Existe somente uma coisa que você pode fazer para impedir o terrorista de detonar a bomba que mataria milhares de pessoas caso fosse detonada. Para impedi-lo, você deve contata-lo por uma ligação via satélite que ele estabeleceu e, na frente da câmera, quebrar um dos braços do filho dele e depois ameaçar quebrar o outro braço caso ele não se entregue.

É apropriado que você quebre o braço do filho do terrorista visando evitar que o terrorista mate milhares de pessoas com essa bomba?

Barco Salva-vidas Modificado

Você está num cruzeiro, quando há um incêndio a bordo e o navio tem de ser abandonado. Os barcos salva-vidas estão carregando muitas pessoas a mais do que foram desenvolvidos para suportar. O barco, no qual você está, está perigosamente perto do nível da água – mais alguns centímetros para baixo e ele irá afundar.

O mar começa a ficar agitado e o barco começa a se encher de água. Se nada for feito ele irá afundar antes mesmo de os barcos de resgate chegarem e assim todos a bordo morrerão. Entretanto, existe uma pessoa gravemente ferida que não sobreviverá de qualquer modo. Caso você jogue essa pessoa ao mar, o barco continuará flutuando e os demais passageiros serão salvos.

É apropriado que você jogue esta pessoa do barco ao mar visando salvar as vidas dos demais passageiros?

Safari Modificado

Você faz parte de um grupo de ecologistas que moram em um remoto pedaço de selva. O grupo inteiro, que inclui oito crianças, foi capturado e mantido refém por um grupo de terroristas paramilitares. Um dos terroristas vaza uma informação para você. Ele lhe informa que o líder do grupo terrorista pretende executar você e os demais reféns, na manhã seguinte.

Ele está disposto a ajudar você e as oito crianças a escapar, porém, como um ato de boa fé, ele quer que você mate um de seus companheiros reféns, do qual ele não gosta. Caso você recuse sua oferta todos os reféns, incluindo as crianças e você mesmo, irão morrer. Caso você aceite sua oferta os outros reféns irão morrer pela manhã, porém, você e as oito crianças escaparão.

É apropriado que você mate um de seus companheiros reféns para escapar dos terroristas e salvar as oito crianças?

Sacrifício

Você, seu marido e seus quatro filhos estão passando por uma cordilheira, na viagem de volta para sua terra-natal. Você, sem saber, armou seu acampamento em um cemitério sagrado de uma tribo local.

O líder da tribo diz que de acordo com as leis locais, você e sua família deverão ser mortos. Todavia, ele deixará você, seu marido e três de seus filhos viver caso você mate seu filho mais velho.

É apropriado que você mate seu filho mais velho visando salvar seu marido e seus outros três filhos?

A Escolha de Sofia/Sophie.

É tempo de guerra, você e seus dois filhos, de oito e cinco anos, estão vivendo em um território ocupado pelo inimigo. No quartel general do inimigo, existe um médico que realiza experimentos dolorosos em humanos, que inevitavelmente levam à morte.

Ele pretende realizar experimentos em um de seus filhos, porém ele deixará você escolher em qual de seus filhos os experimentos serão realizados. Você tem 24 horas para levar um de seus filhos ao laboratório dele. Caso você se recuse a levar um de seus filhos ao laboratório, ele encontrará os dois e realizará os experimentos em ambos.

É apropriado que você leve um de seus filhos para o laboratório visando evitar que ambos morram?

Submarino

Você é o capitão de um submarino militar que viaja abaixo de um grande iceberg. Uma explosão dentro do submarino fez com que se perdesse a maior parte do seu suprimento de oxigênio e feriu um de seus tripulantes, que está perdendo sangue rapidamente. O tripulante ferido irá morrer, devido aos seus ferimentos, não importa o que aconteça.

O oxigênio remanescente não é suficiente para toda a tripulação chegar até a superfície. A única maneira de salvar a tripulação é atirar no tripulante ferido, para que assim haja oxigênio suficiente para o resto da tripulação sobreviver.

É apropriado que você mate o tripulante fatalmente ferido visando salvar as vidas dos tripulantes remanescentes?

Teste da Vacina

Uma epidemia viral se espalhou pelo mundo matando milhões de pessoas. Você desenvolveu duas substâncias no seu laboratório de casa. Você sabe que uma delas é uma vacina, mas não sabe qual delas. Você também sabe que a outra é fatal.

Uma vez que você descobrir qual delas é a vacina, você poderá usá-la para salvar milhes de vidas. Você tem duas pessoas sob seu cuidado e a única maneira de identificar a vacina é injetando uma substância em cada pessoa. Uma pessoa sobreviverá, a outra morrerá e você será capaz de começar a salvar vidas com sua vacina.

É apropriado que você mate uma dessas duas pessoas com uma injeção letal visando identificar uma vacina que salvará milhões de vidas?

Vitaminas

Você é o líder de uma expedição de montanhismo que está isolada em uma região intocada pelo homem. Sua expedição inclui uma família de seis pessoas, que têm uma

deficiência vitamínica genética. O rim de poucas pessoas contém uma grande quantidade desta vitamina.

Existe um homem nessa condição em sua expedição. A única forma de salvar a vida dos seis membros desta família é retirar um dos rins deste homem, para que assim as vitaminas necessárias possam ser extraídas do rim. O homem não morrerá caso você faça isto, mas sua saúde será comprometida. O homem se opõe ao plano, mas você tem o poder de fazer como deseja.

É apropriado que você remova o rim deste homem à força visando salvar as vidas das seis pessoas com deficiência vitamínica?

Dilemas Pessoais de Baixo Conflito

Arquiteto

Você é um jovem arquiteto visitando uma de suas zonas de construção com seu chefe. Seu chefe é um indivíduo odioso, que faz todos a sua volta miseráveis, incluindo você.

Vem à sua mente que caso você o empurre do prédio que vocês estão inspecionando, ele morrerá e todos achariam que foi um acidente.

É apropriado que você empurre seu chefe do prédio com o objetivo de que ele soma da sua vida?

Estrada Rural

Você está dirigindo por uma estrada rural, quando ouve um apelo de ajuda, vindo de uns arbustos ao lado da estrada. Você para o carro e encontra um homem cujas pernas estão cobertas de sangue. O homem explica que sofreu um acidente enquanto estava fazendo escalada e pede que você o leve ao hospital mais próximo.

Seu primeiro pensamento é o de ajudar este homem, que provavelmente perderá suas pernas caso ele não chegue ao hospital rápido. Entretanto, se você der uma carona a este home, seu sangue arruinará o couro do estofamento de seu carro.

É apropriado que você deixe este homem ali ao lado da estrada, visando preservar seu estofamento de couro?

Queda de Avião

Seu avião caiu no Himalaia. Os únicos sobreviventes são você, outro homem e um menino. Vocês três viajaram por dias, batalhando contra o frio extremo e o vento. Sua única chance de sobreviver é achando alguma pequena vila do outro lado da montanha, que fica a vários dias de distância.

O menino quebrou uma perna e não consegue mais andar rapidamente. As chances de ele sobreviver à viagem são basicamente zero. Sem comida, você e o outro homem também provavelmente morrerão. O outro homem sugere que vocês sacrifiquem o menino e comam os seus restos, pelos próximos dias.

É apropriado matar este menino para que você e o outro homem possam sobreviver à viagem para a segurança?

Neto

Um jovem menino está visitando sua avó no final de semana. Normalmente, ela lhe dá um presente de alguns reais, quando ele chega, porém, desta vez isto não ocorre. Ele pergunta por que e ela fala algo sobre ele não escrever mais tantas cartas a ela como fazia. Irritado com isto, o menino decide fazer uma pegadinha com sua avó.

Enquanto sua avó está ocupada cozinhando, ele pega um punhado de remédios e coloca-os no bule de chá de sua avó. Mais tarde naquela noite, ela faz seu chá e os remédios dissolvidos fazem-na ficar mal. Pela manhã ela está morta.

Foi apropriado este menino colocar os remédios no bule de chá de sua avó visando pregar-lhe uma pegadinha?

Tempos Difíceis

Você é o chefe de uma pobre família, num país em desenvolvimento. Suas lavouras não deram os resultados esperados pelo segundo ano consecutivo e parece que você não tem como alimentar sua família. Seus filhos, com oito e dez anos, são muito novos para irem para a cidade para buscar empregos, mas sua filha poderia.

Você conhece um homem de sua vila que vive na cidade e que faz filmes de sexo explícito com crianças pequenas, como sua filha. Ele diz que em um ano de trabalho em seu estúdio sua filha poderia ganhar dinheiro suficiente para manter sua família alimentada por várias estações de plantio.

É apropriado que você empregue sua filha na indústria da pornografia infantil visando alimentar sua família?

Estuprador Contratado

Você está insatisfeito com seu casamento há vários anos. É de sua nítida impressão que sua mulher não gosta mais de você. Você se lembra com ela gostava de você quando você a cuidou depois de ela ter sido assaltada. Você elabora o seguinte plano para reconquistar o afeto de sua mulher.

Você contratará um homem para invadir sua casa, enquanto você estiver fora. Esse homem amarrará sua mulher e a estuprará. Você, escutando as terríveis notícias, retornará prontamente ao lado dela, para cuidá-la e confortá-la, e assim ela voltará a gostar de você.

É apropriado que você contrate um homem para estuprar sua mulher, para que assim ela goste e você enquanto você a conforta?

Infanticídio

Você é uma menina de 15 anos de idade que está grávida. Usando roupas largas e engordando propositalmente, você conseguiu manter sua gravidez em segredo. Um dia, na escola, sua bolsa se rompe. Você corre para o vestiário feminino e se esconde por várias horas, enquanto está dando a luz ao bebê. Você tem certeza que não está preparada para cuidar deste bebê.

Você pensa consigo mesma que seria um alívio se você simplesmente limpasse a sujeira que fez no vestiário, enrolasse o bebê em algumas toalhas, jogasse o bebê na lixeira atrás da escola e agisse como se nada tivesse ocorrido.

É apropriado que você jogue o bebê na lixeira visando continuar com a sua vida normalmente?

Asfixiar por Dinheiro

Você está na sala de espera de um hospital esperando para ver um amigo que está doente. Um jovem senta ao seu lado e lhe explica que seu pai está muito doente. Os médicos acreditam que ele tem no máximo uma semana de vida. Ele lhe explica, depois, que seu pai tem um seguro de vida considerável que expira a meia-noite.

Caso o pai dele morra antes da meia-noite, esse jovem receberá uma grande quantia de dinheiro. Ele diz que este dinheiro significaria um ótimo negócio para ele e que nada de bom virá se o seu pai viver mais alguns dias. Ele lhe oferece meio milhão de reais para subir até o quarto de seu pai e o asfixiar com um travesseiro.

É apropriado que você mate o pai deste homem para pegar o dinheiro para si e para este jovem?

Transplante

Você é um médico. Você tem cinco pacientes, cada um está para morrer devido a algum tipo de falência de órgãos. Você tem outro paciente que é saudável.

O único modo de salvar as vidas dos primeiros cinco pacientes é transplantar cinco órgãos deste paciente saudável, contra a vontade dele, nos outros cinco pacientes. Caso você faça isto, o jovem saudável morrerá, porém, os outros cinco pacientes sobreviverão.

É apropriado que você faça estes transplantes visando salvar a vida de seus pacientes?

Dilemas Morais Impessoais

Doação

Um dia, você está em casa quando o correio chega. Você recebe um carta de uma respeitável organização internacional filantrópica. A carta pede que você faça uma doação de 200 reais para esta organização.

A carta explica que uma doação de 200 reais possibilitará a esta organização fornecer a ajuda médica necessária a pessoas pobres em outra parte do mundo.

É apropriado que você não faça a doação para esta organização visando economizar dinheiro?

Política Ambiental A1

Você é membro de uma legislatura governamental. A legislatura está decidindo entre duas diferentes políticas relativas a riscos ambientais.

A Política A tem 90% de chance de causar nenhuma morte e 10% de chance de causar 1000 (mil) mortes. A Política B tem 92% de chance de causar nenhuma morte e 8% de chance de causar 10000 (dez mil) mortes.

É apropriado que você escolha votar na Política A ao invés de votar na Política B?

Política Ambiental A2

Você é um membro de uma legislatura governamental. A legislatura está decidindo entre duas políticas diferentes relativas a riscos ambientais.

A Política A tem 90% de chance de causar nenhuma morte e tem 10% de chance de causar 1000 (mil) mortes. A Política B tem 88% de chance de causar nenhuma morte e 12% de chance de causar 10 (dez) mortes.

É apropriado que você escolha votar na Política B ao invés de votar na Política A?

Política Ambiental B1

Você é um membro de uma legislatura governamental. A legislatura está decidindo entre duas políticas diferentes relativas a riscos ambientais.

Política A tem 90% de chance de causar nenhuma morte e tem 10% de chance de causar 1000 (mil) mortes. A Política B tem 92% de chance de causar nenhuma morte e 8% de chance de causar 10000 (dez mil) mortes.

É apropriado que você escolha votar na Política B ao invés de votar na Política A?

Política Ambiental B2

Você é um membro de uma legislatura governamental. A legislatura está decidindo entre duas políticas diferentes relativas a riscos ambientais.

A Política A tem 90% de chance de causar nenhuma morte e tem 10% de chance de causar 1000 (mil) mortes. A Política B tem 88% de chance de causar nenhuma morte e 12% de chance de causar 10 (dez) mortes.

É apropriado que você vote na Política A ao invés de votar na Política B?

Olhos

No futuro, você é um veterano de guerra, durante a qual ambos os seus olhos foram danificados. Devido a recentes avanços médicos, agora é possível realizar transplantes de olhos, porém, para sua ira e infelicidade, não existem doadores.

Um simpático cirurgião do mercado-negro se oferece para lhe ajudar. Caso você o contrate, ele e seus associados sequestrarão um estranho aleatório, arrancarão um de seus olhos e o transplantarão em você.

É apropriado que você contrate este cirurgião para que ele arranque um olho de um estranho visando recuperar sua visão?

Bonde Cinco Por Sete

Você está no comando de um bonde que rapidamente se aproxima de uma bifurcação nos trilhos. Na continuação dos trilhos à esquerda, está um grupo de cinco trabalhadores ferroviários. Na extensão dos trilhos à direita, está um grupo de sete trabalhadores ferroviários.

Caso você não tome ação alguma, o bonde irá prosseguir para a esquerda, causando a morte dos cinco trabalhadores. O único modo de salvar estes trabalhadores é acionar um interruptor em seu painel, que fará com que o bonde prossiga para a direita, assim causando a morte dos sete trabalhadores do outro lado.

É apropriado que você acione o interruptor visando evitar as mortes dos cinco trabalhadores?

Lancha Guardada

Enquanto estava de férias em uma ilha remota, você está pescando em uma doca ao lado do mar. Você observa um grupo de turistas dentro de um pequeno barco indo para uma ilha perto desta. Logo após a saída destes turistas você escuta pelo rádio que uma violenta tempestade está se formando, a qual certamente os interceptará.

O único modo de avisá-los é pegando emprestada uma lancha que está próxima. A lancha pertence a um magnata mesquinho que contratou um guarda ferozmente leal, para ter certeza que ninguém usaria sua lancha sem permissão. Para pegar a lancha você terá de mentir para o guarda.

É apropriado que você minta para o guarda para pegar emprestada a lancha e avisar os turistas sobre a tempestade?

Almoço Ilegal

Você é um advogado trabalhando em um grande caso. O juiz que preside os julgamentos é por acaso alguém que você conhecia da faculdade de Direito. Vocês dois eram muito amigos, naquela época, porém, hoje parece que seu velho amigo mal se lembra de você.

Você tem quase certeza que se vocês conversassem durante um almoço, você poderia refrescar a memória dele e ele voltaria a vê-lo como um velho amigo, o que seria muito bom para o seu trabalho nesse caso. É ilegal para os juízes e advogados, que trabalham em um mesmo caso, se encontrarem socialmente.

É apropriado que você se encontre socialmente com este juiz para que isto lhe ajude a ganhar seu caso?

Carteira Perdida

Você está andando pela rua, quando você encontra uma carteira no chão. Você a abre e encontra várias centenas de reais em dinheiro, assim como a carteira de motorista do dono da carteira.

Pelos cartões de crédito e outros itens na carteira é muito claro que o seu dono é rico. Você, por outro lado, está vivendo tempos difíceis ultimamente e este dinheiro extra seria muito bem-vindo. Você considera enviar a carteira de volta ao dono sem o dinheiro, guardando o dinheiro para si.

É apropriado que você guarde o dinheiro que achou na carteira, para ter mais dinheiro para si?

Currículo

Você tem um amigo que está procurando emprego há algum tempo, mas sem muito sucesso. Ele pensa que seria mais provável ser contratado caso tivesse um currículo mais notável.

Ele decide colocar algumas informações falsas em seu currículo, para fazê-lo mais notável. Fazendo isto ele finalmente conseguiu ser contratado, vencendo vários candidatos que eram realmente mais qualificados do que ele.

Foi apropriado seu amigo colocar informações falsas em seu currículo para ser empregado?

Escultura

Você está visitando o jardim de esculturas de um colecionador de artes rico. O jardim fica acima de um vale que contém um conjunto de linhas de trem. Um trabalhador da ferrovia está trabalhando nos trilhos, e um bonde vazio vai em direção a ele.

O único modo de salvar a vida deste trabalhador é empurrar uma das esculturas premiadas do colecionador de arte no vale, para que assim a escultura role até os trilhos e bloqueie a passagem do bonde. Fazendo isto a escultura será destruída.

É apropriado que você destrua a escultura para salvar a vida deste trabalhador?

Lancha

Enquanto estava de férias em uma ilha remota, você está pescando em uma doca ao lado do mar. Você observa um grupo de turistas dentro de um pequeno barco indo para uma ilha perto desta. Logo após a saída destes turistas você escuta pelo rádio que uma violenta tempestade está se formando, a qual certamente os interceptará.

O único modo de avisá-los é pegando emprestada uma lancha que está próxima. A lancha pertence a um magnata mesquinho que não gostará nada de saber que você pegou emprestada sua propriedade.

É apropriado que você pegue emprestada a lancha para alertar os turistas sobre a tempestade?

Bonde Padrão

Você está no comando de um bonde que rapidamente se aproxima de uma bifurcação nos trilhos. Na continuação dos trilhos, à esquerda, está um grupo de cinco trabalhadores ferroviários. Na extensão dos trilhos, à direita, está um único trabalhador ferroviário.

Caso você não tome ação alguma, o bonde irá prosseguir para a esquerda, causando a morte dos cinco trabalhadores. O único modo de salvar estes trabalhadores é acionar um interruptor em seu painel, que fará com que o bonde prossiga para a direita, assim causando a morte de apenas um trabalhador.

É apropriado que você acione o interruptor visando evitar as mortes dos cinco trabalhadores?

Gases Padrão

Você é um vigia noturno em um hospital. Devido a um acidente no prédio ao lado, existem gases letais subindo pelo sistema de ventilação do hospital. Em certo quarto do hospital existem três pacientes. Em outro quarto existe apenas um paciente. Se você não fizer nada os gases subirão ao quarto que contém três pacientes e causará suas mortes.

O único modo de evitar a morte destes três pacientes é acionar certo interruptor, o qual fará com que a fumaça passe pela ventilação do quarto com três pacientes, sem entrar

neste. Como resultado disto os gases entrarão no quarto que contém um paciente, causando sua morte.

É apropriado que você acione o interruptor para evitar a morte dos três pacientes?

Dica de Investimento

Você é um consultor administrativo trabalhando em um caso para um grande cliente corporativo. Você tem acesso a informações confidenciais que seriam muito úteis a investidores. Você tem uma amiga que “joga” no mercado de ações. Você deve a essa amiga uma considerável quantia de dinheiro.

Fornecendo a ela certa informação você poderia ajudá-la a fazer muito dinheiro, consideravelmente mais do que você deve a ela. Caso você faça isto, ela pediria para cancelar a sua dívida. Divulgar informação deste modo é estritamente proibido por lei federal.

É apropriado que você divulgue essa informação com a sua amiga para que ela cancele a sua dívida?

Impostos

Você é o dono de um pequeno negócio tentando fazer com que as contas fechem. Lhe ocorre que você poderia diminuir seus impostos fingindo que algumas de suas despesas pessoais são despesas do negócio.

Por exemplo, você poderia fingir que o rádio de seu quarto está sendo usado na sala de estar do seu escritório, ou que os jantares fora com sua mulher são com clientes.

É apropriado que você finja que certas despesas pessoais são despesas do negócio?

Gases Três-por-Sete

Você é um vigia noturno em um hospital. Devido a um acidente no prédio ao lado, existem gases letais subindo pelo sistema de ventilação do hospital. Em um certo quarto do hospital existem três pacientes. Em outro quarto existem sete pacientes. Se você não fizer nada os gases subirão ao quarto que contém três pacientes e causará suas mortes.

O único modo de evitar a morte destes três pacientes é acionar certo interruptor, o qual fará com que a fumaça passe pela ventilação do quarto com três pacientes, sem entrar neste. Como resultado disto os gases entrarão no quarto que contém sete pacientes, causando sua morte.

É apropriado que você acione o interruptor para evitar a morte dos três pacientes?

Política de Vacina

Você trabalha para o Ministério da Saúde, um órgão governamental. Você está decidindo se seu ministério deve ou não encorajar o uso de certa vacina recentemente desenvolvida. A grande maioria das pessoas que tomam a vacina desenvolvem uma imunidade para certa doença letal, mas um pequeníssimo número de pessoas que toma esta vacina irá na realidade contrair esta doença que a vacina foi desenvolvida para prevenir.

Todas as evidências disponíveis, as quais são muito confiáveis, sugerem que as chances de contrair a doença por não fazer a vacina são muito maiores do que as chances de a doença ser contraída por tomar a vacina.

É apropriado que você direcione seu ministério a encorajar o uso desta vacina visando a promoção da saúde nacional?

ANEXO 7 – CONVITES AOS EXPERTS EM LITERATURA E JORNALISMO

Convite ao expert em Literatura.

Prezado Professor (a),

O Grupo de Pesquisa em Neurociência Afetiva e Transgeracionalidade (GNAT) do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, coordenado pela Prof. Dra. Adriane Arteche, está realizando uma pesquisa relacionada ao efeito de histórias ficcionais sobre a empatia e influência desta no julgamento moral. Esta pesquisa está sendo realizada pelo mestrando Bruno Dalpiaz é intitulada “O Papel das Narrativas Ficcionais e da Empatia no Julgamento Moral” e visa compreender como a leitura de histórias ficcionais influenciam a empatia e o efeito desta no julgamento moral.

Para isto, foi definida uma etapa na qual se faz necessária a escolha de diferentes histórias ficcionais que serão selecionadas através de um processo de votação. Pedimos-lhe, portanto, que indique 5 histórias ficcionais diferentes seguindo os seguintes critérios:

- Deve ter de 2500 até no máximo 3000 palavras (e.g., um capítulo/trecho de alguma obra ou até mesmo um pequeno conto).
- Ser acessível a estudantes de diversos cursos de graduação, ou seja, levar em conta o contexto que estas histórias são lidas, facilitando a compreensão e fluidez da leitura por parte do participante.
- Desaconselha-se a escolha de *best-sellers*.
- Estimula-se a escolha de obras ganhadoras de prêmios literários nacionais/internacionais.
- As obras podem ser tanto brasileiras quanto estrangeiras.

Alguns exemplos de escolhas realizadas em pesquisas estrangeiras semelhantes, são: capítulos de Sherlock Holmes, de Sir Arthur Conan Doyle e Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago (capítulo que o personagem fica cego em frente ao semáforo). Assim, pedimos que preencha os espaços com as obras que considere pertinentes a serem utilizadas na pesquisa com jovens universitários.

Livro/Conto	Autor	Capítulo

Qualquer dúvida, entre em contato conosco pelos telefones abaixo.

Desde já agradecemos a sua participação,

Bruno Dalpiaz

Mestrando em Cognição Humana (PUCRS)

Fone: (51) 99190-1729

E-mail: brunopd@gmail.com

Convite ao expert em jornalismo.

Prezado Participante,

O Grupo de Pesquisa em Neurociência Afetiva e Transgeracionalidade (GNAT) do Programa de Pós- Graduação em Psicologia da PUCRS, coordenado pela Prof. Dra Adriane Arteche, está realizando uma pesquisa relacionada ao efeito de histórias ficcionais sobre a empatia

e influência desta no julgamento moral. Esta pesquisa está sendo realizada pelo mestrando Bruno Dalpiaz; é intitulada “O Papel das Narrativas Ficcionalis e da Empatia no Julgamento Moral” e visa compreender como a leitura de histórias ficcionais influenciam a empatia e o efeito desta no julgamento moral.

Para isto, é foi definida uma etapa na qual se faz necessária a escolha de diferentes reportagens jornalísticas que serão selecionadas através de um processo de votação. Pedimos-lhe, portanto, que indique 5 reportagens diferentes seguindo os seguintes critérios:

- Deve ter de 2500 até no máximo 3000 palavras.
- Ser acessível a estudantes de diversos cursos de graduação, ou seja, levar em conta o contexto que estas reportagens são lidas, facilitando a compreensão e fluidez da leitura por parte do participante.
- As reportagens devem apresentar a perspectiva de indivíduos que vivenciaram o ocorrido.
- Estimula-se a escolha de reportagens ganhadoras de prêmios nacionais/internacionais.
- As reportagens podem ser tanto brasileiras quanto estrangeiras (caso tenha tradução ao português).

Alguns exemplos de escolhas realizadas em pesquisas estrangeiras semelhantes, são: reportagens de jornais sobre revoltas na Grécia, revoltas na Líbia, o dia da “liberação” nos países baixos e o desastre provocado por uma usina nuclear no Japão. Assim, pedimos que preencha os espaços com as obras que considere pertinentes a serem utilizadas na pesquisa com jovens universitários.

Por que reportagens se o estudo fala em narrativas ficcionais?

Acontece que em pesquisas experimentais são necessários utilizar dois grupos de pessoas para poder testar o efeito das nossas hipóteses. Como minha hipótese diz respeito ao efeito de narrativas ficcionais, preciso utilizar alguma leitura que não seja de narrativas ficcionais para comparar com o grupo das narrativas. É mais ou menos como fazem quando testam um remédio novo: Eles utilizam o grupo que ingere o remédio a ser testado e o outro grupo um placebo. Eles fazem isto para saber se a melhora realmente se deve aos componentes da medicação testada e não apenas ao fato dos indivíduos terem ingerido uma substância que acreditam que vai ajudar (o conhecido "efeito placebo"). Por conta disso, utilizarei dois grupos e preciso ter certeza que os efeitos (caso realmente aconteçam) se devam ao fato da leitura ser narrativa e não apenas ao fato

de todos os participantes estarem realizando uma “apenas” uma leitura.

Título da Reportagem	Autor	Fonte (jornal, website, blog, etc.)

Qualquer dúvida, entre em contato conosco pelos telefones abaixo.

Desde já agradecemos a sua participação,

Bruno Dalpiaz

Mestrando em Cognição Humana (PUCRS)

Fone: (51) 99190-1729

E-mail: brunopd@gmail.com

ANEXO 8 – VOTAÇÃO DAS NARRATIVAS FICCIONAIS E REPORTAGENS

Votação das narrativas ficcionais

Nome: _____

Juiz Nº _____

Prezado Participante,

O Grupo de Pesquisa em Neurociência Afetiva e Transgeracionalidade (GNAT) do Programa de Pós- Graduação em Psicologia da PUCRS, coordenado pela Prof. Dra Adriane Arteche, convida-o a participar na pesquisa que está sendo realizada pelo mestrando Bruno

Dalpiaz intitulada “O Papel das Narrativas Ficcionalis e da Empatia no Julgamento Moral”. Este estudo visa compreender como a leitura de histórias ficcionais influenciam a empatia e o julgamento moral.

Para isto, foi definida uma etapa na qual se faz necessária a escolha de diferentes narrativas ficcionais que serão selecionadas através de um processo de votação. Pedimos que você avalie as narrativas ficcionais sugeridas neste documento seguindo os seguintes critérios:

- Ser acessível a estudantes de diversos cursos de graduação, ou seja, levar em conta o contexto que estas reportagens são lidas, facilitando a compreensão e fluidez da leitura por parte do participante. Vote naquela que você considera ser acessível para a maior parte de estudantes – mesmo que não seja a sua obra de preferência.
- Oportunizar a tomada de perspectiva (o leitor deve ser capaz de se colocar ou ver a história sob a ótica do personagem)
- Será disponibilizado um parágrafo de cada narrativa para facilitar a sua avaliação. Caso você já conheça a obra não é necessário ler novamente.

Livro/Conto	Acessibilidade (de 1 a 5)	Tomada de perspectiva (de 1 a 5)
1) Lolita (Autor: Nabokov, capítulo 1)		
2) Linda, uma história horrível (autor: Caio Fernando Abreu)		
3) Feliz Aniversário (autor: Clarice Lispector)		
4) Passeio Noturno (autor: Rubem Fonseca)		
5) Os anjos por dentro (autor: Dulce Maria)		

Cardoso)		
----------	--	--

Qualquer dúvida, entre em contato conosco pelo telefone abaixo.

Desde já agradecemos a sua participação,

Bruno Dalpiaz

Mestrando em Cognição Humana (PUCRS)

Fone: (51) 99190-1729

E-mail: contato.julgamento.moral@gmail.com

Votação das reportagens

Nome: _____

Juiz Nº _____

Prezado Participante,

O Grupo de Pesquisa em Neurociência Afetiva e Transgeracionalidade (GNAT) do Programa de Pós- Graduação em Psicologia da PUCRS, coordenado pela Prof. Dra Adriane Arteche, convida-o a participar na pesquisa que está sendo realizada pelo mestrando Bruno Dalpiaz intitulada “O Papel das Narrativas Ficcionais e da Empatia no Julgamento Moral”. Este estudo visa compreender como a leitura de histórias ficcionais influenciam a empatia e o julgamento moral.

Para isto, foi definida uma etapa na qual se faz necessária a escolha de diferentes reportagens que serão selecionadas através de um processo de votação. Pedimos que você avalie as reportagens sugeridas neste documento seguindo os seguintes critérios:

- Ser acessível a estudantes de diversos cursos de graduação, ou seja, levar em conta o contexto que estas reportagens são lidas, facilitando a compreensão e fluidez da leitura por parte do participante. Vote naquela que você considera ser acessível para a maior parte dos estudantes – mesmo que não seja a sua reportagem de preferência.
- Oportunizar a tomada de perspectiva (o leitor deve ser capaz de se colocar

ou ver a história sob a ótica do personagem/entrevistado)

- Será disponibilizado um parágrafo de cada reportagem para facilitar a sua avaliação. Caso você já conheça, não é necessário ler novamente.

Por que reportagens se o estudo fala em narrativas ficcionais?

Acontece que em pesquisas experimentais é necessário utilizar dois grupos de pessoas para poder testar o efeito das nossas hipóteses. Como minha hipótese diz respeito ao efeito de narrativas ficcionais, preciso utilizar alguma leitura não-ficcional para comparar com o grupo das narrativas. É mais ou menos como fazem quando testam um remédio novo: Eles utilizam o grupo que ingere o remédio a ser testado e o outro grupo ingere um placebo.

Título da Reportagem	Acessibilidade (de 1 a 5)	Tomada de perspectiva (de 1 a 5)
1) Inferno na Terra Prometida (autor: Carlos Rollsing)		
2) Vidas Ausentes (autor: Kamila Almeida)		
3) Por mim, por eles, por nós (autor: Cahê Mota)		
4) A mulher que alimentava (autor: Eliane Brum)		
5) Cicatrizes (autor: Luiza Martins)		

Qualquer dúvida, entre em contato conosco pelo e-mail ou telefones abaixo.

Desde já agradecemos a sua participação,

Bruno Dalpiaz

Mestrando em Cognição Humana (PUCRS)

Fone: (51) 99190-1729

E-mail: contato.julgamento.moral@gmail.com

ANEXO 9 – NARRATIVAS FICCIONAIS E REPORTAGENS

Narrativa ficcional 1.

Linda, uma história horrível (autor: Caio Fernando Abreu)

Só depois de apertar muitas vezes a campainha foi que escutou o rumor de passos descendo a escada. E reviu o tapete gasto, antigamente púrpura, depois apenas vermelho, mais tarde rosa cada vez mais claro — agora, que cor? — e ouviu o latido desafinado de um cão, uma tosse noturna, ruídos secos, então sentiu a luz acesa do interior da casa filtrada pelo vidro cair sobre sua cara de barba por fazer, três dias. Meteu as mãos nos bolsos, procurou um cigarro ou um chaveiro para rodar entre os dedos, antes que se abrisse a janelinha no alto da porta.

Enquadrado pelo retângulo, o rosto dela apertava os olhos para vê-lo melhor. Mediram-se um pouco assim — de fora, de dentro da casa —, até ela afastar o rosto, sem nenhuma surpresa. Estava mais velha, viu ao entrar. E mais amarga, percebeu depois.

— Tu não avisou que vinha — ela resmungou no seu velho jeito azedo, que antigamente ele não compreendia. Mas agora, tantos anos depois, aprendera a traduzir como que-saudade, seja-benvindo, que-bom-ver-você ou qualquer coisa assim. Mais carinhosa, embora inábil.

Abraçou-a, desajeitado. Não era um hábito, contatos, afagos. Afundou tonto, rápido, naquele cheiro conhecido — cigarro, cebola, cachorro, sabonete, creme de beleza e carne velha, sozinha há anos. Segurando-o pelas duas orelhas, como de costume, ela o beijou na testa. Depois foi puxando-o pela mão, para dentro.

— A senhora não tem telefone — explicou. — Resolvi fazer uma surpresa.

Acendendo luzes, certa ânsia, ela o puxava cada vez mais para dentro. Mal podia rever a escada, a estante, a cristaleira, os porta-retratos empoeirados. A cadela se enrolou nas pernas dele, ganindo baixinho.

— Sai, Linda — ela gritou, ameaçando um pontapé. A cadela pulou de lado, ela riu. — Só ameaço, ela respeita. Coitada, quase cega. Uma inútil, sarnenta. Só sabe dormir, comer e cagar, esperando a morte.

— Que idade ela tem? — ele perguntou. Que esse era o melhor jeito de chegar ao fundo: pelos caminhos transversos, pelas perguntas banais. Por trás do jeito azedo, das flores roxas do robe.

— Sei lá, uns quinze. — A voz tão rouca. — Diz—que idade de cachorro a gente multiplica por sete.

Ele forçou um pouco a cabeça, esse era o jeito:

— Uns noventa e cinco, então.

Ela colocou a mala dele em cima de uma cadeira da sala. Depois apertou novamente os olhos. E espiou em volta, como se acabasse de acordar:

— O quê?

— A Linda. Se fosse gente, estaria com noventa e cinco anos.

Ela riu:

— Mais velha que eu, imagina. Velha que dá medo. — Fechou o robe sobre o peito, apertou a gola com as mãos. Cheias de manchas escuras, ele viu, como sardas (ce-ra-to-se, repetiu mentalmente), pintura alguma nas unhas rentes dos dedos amarelos de cigarros. — Quer um café?

— Se não der trabalho — ele sabia que esse continuava sendo o jeito exato, enquanto ela adentrava soberana pela cozinha, seu reino. Mãos nos bolsos, olhou em volta, encostado na porta.

As costas dela, tão curvas. Parecia mais lenta, embora guardasse o mesmo jeito antigo de abrir e fechar sem parar as portas dos armários, dispor xícaras, colheres, guardanapos, fazendo muito ruído e forçando-o a sentar — enquanto ele via. Manchadas de gordura, as paredes da cozinha. A pequena janela basculante, vidro quebrado. No furo do vidro, ela colocara uma folha de jornal. País mergulha no caos, na doença e na miséria — ele leu. E sentou na cadeira de plástico rasgado.

— Tá fresquinho — ela serviu o café. — Agora só consigo dormir depois de tomar café.

—A senhora não devia. Café tira o sono.

Ela sacudiu os ombros:

— Dane-se. Comigo sempre foi tudo ao contrário.

A xícara amarela tinha uma nódoa escura no fundo, bordas lascadas. Ele mexeu o café, sem vontade. De repente, então, enquanto nem ele nem ela diziam nada, quis fugir. Como se volta a fita num videocassete, de costas, apanhar a mala, atravessar a sala, o corredor de entrada, ultrapassar o caminho de pedras do jardim, sair novamente para a ruazinha de casas quase todas brancas. Até algum táxi, o aeroporto, para outra cidade, longe do Passo da Guanxuma, até a outra vida de onde vinha. Anônima, sem laços nem passado. Para sempre, para nunca mais. Até a morte de qualquer um dos dois, teve medo. E desejou. Alívio, vergonha.

— Vá dormir — pediu. — É muito tarde. Eu não devia ter vindo assim, sem avisar. Mas a senhora não tem telefone.

Ela sentou à frente dele, o robe abriu-se. Por entre as flores roxas, ele viu as inúmeras linhas da pele, papel de seda amassado. Ela apertou os olhos, espiando a cara dele enquanto tomava um gole de café.

— Que que foi? — perguntou, lenta. E esse era o tom que indicava a abertura para um novo jeito. Mas ele tossiu, baixou os olhos para a estampa de losangos da toalha. Vermelho, verde. Plástico frio, velhos morangos.

— Nada, mãe. Não foi nada. Deu saudade, só isso. De repente, me deu tanta saudade. Da senhora, de tudo.

Ela tirou um maço de cigarros do bolso do robe:

— Me dá o fogo.

Estendeu o isqueiro. Ela tocou na mão dele, toque áspero das mãos manchadas de ceratose nas mãos muito brancas dele. Carícia torta:

— Bonito, o isqueiro.

— É francês.

— Que é isso que tem dentro?

— Sei lá, fluido. Essa coisa que os isqueiros têm. Só que este é transparente, nos outros a gente não vê.

Ela ergueu o isqueiro contra a luz. Reflexos de ouro, o líquido verde brilhou. A cadela entrou por baixo da mesa, ganindo baixinho. Ela pareceu não notar, encantada com o por trás do verde, líquido dourado.

— Parece o mar — sorriu. Bateu o cigarro na borda da xícara, estendeu o isqueiro de volta para ele. — Então quer dizer que o senhor veio me visitar? Muito bem.

Ele fechou o isqueiro na palma da mão. Quente da mão manchada dela.

— Vim, mãe. Deu saudade.

Riso rouco:

— Saudade? Sabe que a Elzinha não aparece aqui faz mais de mês? Eu podia morrer aqui dentro. Sozinha. Deus me livre. Ela nem ia ficar sabendo, só se fosse pelo jornal. Se desse no jornal. Quem se importa com um caco velho?

Ele acendeu um cigarro. Tossiu forte na primeira tragada:

— Também moro só, mãe. Se morresse, ninguém ia ficar sabendo. E não ia dar no jornal.

Ela tragou fundo. Soltou a fumaça, círculos. Mas não acompanhou com os olhos. Na ponta da unha, tirava uma lasca da borda da xícara.

— É sina — disse. — Tua avó morreu só. Teu avô morreu só. Teu pai morreu só, lembra? Naquele fim de semana que eu fui pra praia. Ele tinha horror do mar. Uma coisa tão grande que mete medo na gente, ele dizia. Jogou longe a bolinha com a pintura da xícara. — E nem um neto, morreu sem um neto nem nada. O que mais ele queria.

— Já faz tempo, mãe. Esquece — ele endireitou as costas, doíam. Não, decidiu: naquele poço, não. O cheiro, uma semana, vizinhos telefonando. Passou as pontas dos dedos pelos losangos desbotados da toalha. — Não sei como a senhora consegue continuar morando aqui sozinha. Esta casa é grande demais pra uma pessoa só. Por que não vai morar com a Elzinha?

Ela fingiu cuspir de lado, meio cínica. Aquele cinismo de telenovela não combinava com o robe desbotado de flores roxas, cabelos quase inteiramente brancos, mãos de manchas marrons segurando o cigarro quase no fim.

— E agüentar o Pedro, com aquela mania de grandeza? Pelo amor de Deus, só se eu fosse sei lá. Iam ter que me esconder no dia das visitas, Deus me livre. A velha, a louca, a bruxa. A megera socada no quartinho de empregada, feito uma negra. — Bateu o cigarro. — E como se não bastasse, tu acha que iam me deixar levar a Linda junto?

Embaixo da mesa, ao ouvir o próprio nome a cadela ganiu mais forte.

— Também não é assim, não é, mãe? A Elzinha tem a faculdade. E o Pedro no fundo é boa gente. Só que.

Ela remexeu nos bolsos do robe. Tirou uns óculos de hastes remendadas com esparadrapo, lente rachada.

— Deixa eu te ver melhor — pediu.

Ajeitou os óculos. Ele baixou os olhos. No silêncio, ficou ouvindo o tic-tac do relógio da sala. Uma barata miúda riscou o branco dos azulejos atrás dela.

— Tu estás mais magro — ela observou. Parecia preocupada. — Muito mais magro.

— É o cabelo — ele disse. Passou a mão pela cabeça quase raspada. E a barba, três dias.

— Perdeu cabelo, meu filho.

— É a idade. Quase quarenta anos. — Apagou o cigarro. Tossiu. — E essa tosse de cachorro?

— Cigarro, mãe. Poluição.

Levantou os olhos, pela primeira vez olhou direto nos olhos dela. Ela também olhava direto nos olhos dele. Verde desmaiado por trás das lentes dos óculos, subitamente muito atentos. Ele pensou: é agora, nesta contramão(*). Quase falou. Mas ela piscou primeiro.

Desviou os olhos para baixo da mesa, segurou com cuidado a cadela sarnenta e a trouxe até o colo.

— Mas vai tudo bem?

— Tudo, mãe.

— Trabalho?

Ele fez que sim. Ela acariciou as orelhas sem pêlo da cadela. Depois olhou outra vez direto para ele:

— Saúde? Dizque tem umas doenças novas aí, vi na tevê. Umas pestes.

— Graças a Deus — ele cortou. Acendeu outro cigarro, as mãos tremiam um pouco. — E a dona Alzira, firme?

A ponta apagada do cigarro entre os dedos amarelos, ela estava recostada na cadeira. Olhos apertados, como se visse por trás dele. No tempo, não no espaço. A cadela apoiara a cabeça na mesa, os olhos branquicentos fechados. Ela suspirou, sacudiu os ombros:

— Coitada. Mais esclerosada do que eu.

— A senhora não está esclerosada.

— Tu que pensa. Tem vezes que me pego falando sozinha pelos cantos. Outro dia, sabe quem eu chamava o dia inteiro? — Esperou um pouco, ele não disse nada. — A Cândida, lembra dela? Ô negrinha boa, aquela. Até parecia branca. Fiquei chamando, chamando o dia inteiro. Cândida, ô Cândida. Onde é que tu te meteu, criatura? Aí me dei conta.

— A Cândida morreu, mãe.

Ela tornou a passar a mão pela cabeça da cadela. Mais devagar, agora. Fechou os olhos, como se as duas dormissem.

— Pois é, esfaqueada. Que nem um porco, lembra? — Abriu os olhos. — Quer comer alguma coisa, meu filho?

— Comi no avião.

Ela fingiu cuspir de lado, outra vez.

— Cruz credo. Comida congelada, Deus me livre. Parece plástico. Lembra daquela vez que eu fui? — Ele sacudiu a cabeça, ela não notou. Olhava para cima, para a fumaça do cigarro perdida contra o teto manchado de umidade, de mofo, de tempo, de solidão. — Fui toda chique, parecia uma granfa. De avião e tudo, uma madame. Frasqueira, raiban. Contando, ninguém acredita. — Molhou um pedaço de pão no café frio, colocou-o na boca quase sem dentes da cadela. Ela engoliu de um golpe. — Sabe que eu gostei mais do avião do que da cidade? Coisa de louco, aquela barulheira. Nem parece coisa de gente, como é que tu agüenta?

— A gente acostuma, mãe. Acaba gostando.

— E o Beto? — ela perguntou de repente. E foi baixando os olhos até encaixarem, outra vez, direto nos olhos dele.

Se eu me debruçasse? — ele pensou. Se, então, assim. Mas olhou para os azulejos na parede atrás dela. A barata tinha desaparecido.

— Tá lá, mãe. Vivendo a vida dele.

Ela voltou a olhar o teto:

— Tão atencioso, o Beto. Me levou pra jantar, abriu a porta do carro pra mim. Parecia coisa de cinema. Puxou a cadeira do restaurante pra eu sentar. Nunca ninguém tinha feito isso. — Apertou os olhos. — Como era mesmo o nome do restaurante? Um nome de gringo.

— Casserole, mãe. La Casserole. — Quase sorriu, ele tinha uns olhos de menino, lembrou. — Foi boa aquela noite, não foi?

— Foi — ela concordou. — Tão boa, parecia filme. — Estendeu a mão por sobre a mesa, quase tocou na mão dele. Ele abriu os dedos, certa ânsia. Saudade, saudade. Então ela recuou, afundou os dedos na cabeça pelada da cadela.

— O Beto gostou da senhora. Gostou tanto — ele fechou os dedos. Assim fechados, passou—os pelos pêlos do próprio braço. Umás memórias, distância. — Ele disse que a senhora era muito chique.

— Chique, eu? Uma velha grossa, esclerosada. — Ela riu, vaidosa, mão manchada no cabelo branco. Suspirou. — Tão bonito. Um moço tão fino, aquilo é que é moço fino. Eu falei pra Elzinha, bem na cara do Pedro. Pra ele tomar como indireta mesmo, eu disse bem alto, bem assim. Quem não tem berço, a gente vê logo na cara. Não adianta ostentar, tá escrito. Que nem o Beto, aquela calça rasgadinha. Quem ia dizer que era um moço assim tão fino, de tênis? — Voltou a olhar dentro dos olhos dele. — Isso é que é amigo, meu filho. Até meio parecido contigo, eu fiquei pensando. Parecem irmãos. Mesma altura, mesmo jeito, mesmo.

— A gente não se vê faz algum tempo, mãe.

Ela debruçou um pouco, apertando a cabeça da cadela contra a mesa. Linda abriu os olhos esbranquiçados. Embora cega, também parecia olhar para ele. Ficaram se olhando assim. Um tempo quase insuportável, entre a fumaça dos cigarros, cinzeiros cheios, xícaras vazias — os três, ele, a mãe e Linda.

— E por quê?

— Mãe — ele começou. A voz tremia. — Mãe, é tão difícil — repetiu. E não disse mais nada.

Foi então que ela levantou. De repente, jogando a cadela ao chão como um pano sujo. Começou a recolher xícaras, colheres, cinzeiros, jogando tudo dentro da pia. Depois de amontoar a louça, derramar o detergente e abrir as torneiras, andando de um lado para outro enquanto ele ficava ali sentado, olhando para ela, tão curva, um pouco mais velha, cabelos quase inteiramente brancos, voz ainda mais rouca, dedos cada vez mais amarelados pelo fumo, guardou os óculos no bolso do robe, fechou a gola, olhou para ele e — como quem quer mudar de assunto, e esse também era um sinal para um outro jeito que, desta vez sim, seria o certo — disse:

— Teu quarto continua igual, lá em cima. Vou dormir que amanhã cedo tem feira. Tem lençol limpo no armário do banheiro.

Então fez uma coisa que não faria, antigamente. Segurou-o pelas duas orelhas para beijá-lo não na testa, mas nas duas faces. Quase demorada. Aquele cheiro — cigarro, cebola, cachorro, sabonete, cansaço, velhice. Mais qualquer coisa úmida que parecia piedade, fadiga de ver. Ou amor. Uma espécie de amor.

— Amanhã a gente fala melhor, mãe. Tem tempo, dorme bem. Debruçado na mesa, acendeu mais um cigarro enquanto ouvia os passos dela subindo pesados pela escada até o andar superior. Quando ouviu a porta do quarto bater, levantou e saiu da cozinha.

Deu alguns passos tontos pela sala. A mesa enorme, madeira escura. Oito lugares, todos vazios. Parou em frente ao retrato do avô — rosto levemente inclinado, olhos verdes aguados que eram os mesmos da mãe e também os dele, heranças. No meio do campo, pensou, morreu só com um revólver e sua sina. Levou a mão até o bolso interno do casaco, tirou a pequena garrafa estrangeira e bebeu. Quando a afastou, gotas de uísque rolaram pelos cantos da boca, pescoço, camisa, até o chão. A cadela lambeu o tapete gasto, olhos quase cegos, língua tateando para encontrar o líquido.

Ele abriu os olhos. Como depois de uma vertigem, percebeu-se a olhar fixamente para o grande espelho da sala. No fundo do espelho na parede da sala de uma casa antiga, numa cidade provinciana, localizou a sombra de um homem magro demais, cabelos quase raspados, olhos assustados feito os de uma criança. Colocou a garrafa sobre a mesa, tirou o casaco. Suava muito. Jogou o casaco na guarda de uma cadeira. E começou a desabotoar a camisa manchada de suor e uísque.

Um por um, foi abrindo os botões. Acendeu a luz do abajur, para que a sala ficasse mais clara quando, sem camisa, começou a acariciar as manchas púrpura, da cor antiga do tapete na escada — agora, que cor? —, espalhadas embaixo dos pêlos do peito. Na ponta dos dedos, tocou o pescoço. Do lado direito, inclinando a cabeça, como se apalpassem uma semente no escuro. Depois foi dobrando os joelhos até o chão. Deus, pensou, antes de estender a outra mão para tocar no pêlo da cadela quase cega, cheio de manchas rosadas. Iguais às do tapete gasto da escada, iguais às da pele do seu peito, embaixo dos pêlos. Crespos, escuros, macios.

— Linda — sussurrou. — Linda, você é tão linda, Linda.

Narrativa ficcional 2.

Passeio noturno (Parte I) (autor: Rubem Fonseca)

Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa de cabeceira, disse, sem tirar os olhos das cartas, você está com um ar cansado. Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrifônica do quarto do meu filho. Você não vai largar essa mala? Perguntou minha mulher, tira essa roupa, bebe um uisquinho, você precisa aprender a relaxar.

Fui para a biblioteca, o lugar da casa onde gostava de ficar isolado e como sempre não fiz nada. Abri o volume de pesquisas sobre a mesa, não via as letras e números, eu esperava apenas. Você não para de trabalhar, aposto que os teus sócios não trabalham nem a metade e ganham a mesma coisa, entrou a minha mulher na sala com o copo na mão, já posso mandar servir o jantar?

A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos. É aquele vinho que você gosta, ela estalou a língua com prazer. Meu filho me pediu dinheiro quando estávamos no cafezinho, minha filha me pediu dinheiro na hora do licor. Minha mulher nada pediu, nós tínhamos conta bancária conjunta.

Vamos dar uma volta de carro?, convidei. Eu sabia que ela não ia, era hora da novela. Não sei que graça você acha em passear de carro todas as noites, também aquele carro custou uma fortuna, tem que ser usado, eu é que cada vez me apego menos aos bens materiais, minha mulher respondeu.

Os carros dos meninos bloqueavam a porta da garagem, impedindo que eu tirasse o meu. Tirei os carros dos dois, botei na rua, tirei o meu, botei na rua, coloquei os dois carros novamente na garagem, fechei a porta, essas manobras todas me deixaram levemente irritado, mas ao ver os para-choques salientes do meu carro, o reforço especial duplo de aço cromado, senti o coração bater apressado de euforia. Enfie a chave na ignição, era um motor poderoso que gerava a sua força em silêncio, escondido no capô aerodinâmico. Saí, como sempre sem saber para onde ir, tinha que ser uma rua deserta, nesta cidade que tem mais gente do que moscas. Na avenida Brasil, ali não podia ser, muito movimento. Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, o lugar ideal. Homem ou mulher? Realmente não fazia grande diferença, mas não aparecia ninguém em condições, comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava, o alívio era maior. Então vi a mulher, podia ser ela, ainda que mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil. Ela caminhava apressadamente, carregando um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, estava de saia e blusa, andava depressa, havia árvores na calçada, de vinte em vinte metros, um interessante problema a exigir uma grande dose de perícia. Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto. Motor bom, o meu, ia de zero a cem quilômetros em nove segundos. Ainda deu para ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de sangue, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de subúrbio.

Examinei o carro na garagem. Corri orgulhosamente a mão de leve pelos para-lamas, os para-choques sem marca. Poucas pessoas, no mundo inteiro, igualavam a minha habilidade no uso daquelas máquinas.

A família estava vendo televisão. Deu a sua voltinha, agora está mais calmo?, perguntou minha mulher, deitada no sofá, olhando fixamente o vídeo. Vou dormir, boa noite para todos, respondi, amanhã vou ter um dia terrível na companhia.

Passeio noturno (Parte II)

Eu ia para casa quando um carro encostou no meu, buzinando insistentemente. Uma mulher dirigia, abaixei os vidros do carro para entender o que ela dizia. Uma lufada de ar quente entrou com o som da voz dela: Não está mais conhecendo os outros?

Eu nunca tinha visto aquela mulher. Sorri polidamente. Outros carros buzinaaram atrás dos nossos. A avenida Atlântica, às sete horas da noite, é muito movimentada.

A mulher, movendo-se no banco do seu carro, colocou o braço direito para fora e disse, olha um presentinho para você.

Estiquei meu braço e ela colocou um papel na minha mão. Depois arrancou com o carro, dando uma gargalhada.

Guardei o papel no bolso. Chegando em casa, fui ver o que estava escrito. Ângela, 2287- 3594.

À noite, saí, como sempre faço.

No dia seguinte telefonei. Uma mulher atendeu. Perguntei se Ângela estava. Não estava. Havia ido à aula. Pela voz, via-se que devia ser a empregada. Perguntei se Ângela era estudante. Ela é artista, respondeu a mulher.

Liguei mais tarde. Ângela atendeu.

Sou aquele cara do Jaguar preto, eu disse.

Você sabe que eu não consegui identificar o seu carro?

Apanho você às nove horas para jantarmos, eu disse.

Espera aí, calma. O que foi que você pensou de mim?

Nada.

Eu laço você na rua e você não pensou nada?

Não. Qual é o seu endereço?

Ela morava na Lagoa, na curva do Cantagalo. Um bom lugar.

Estava na porta me esperando.

Perguntei onde queria jantar. Ângela respondeu que em qualquer restaurante, desde que fosse fino. Ela estava muito diferente. Usava uma maquiagem pesada, que tornava o seu rosto mais experiente, menos humano.

Quando telefonei da primeira vez disseram que você tinha ido à aula. Aula de quê?, eu disse.

Impostação de voz.

Tenho uma filha que também estuda impostação de voz. Você é atriz, não é?

Sou. De cinema.

Eu gosto muito de cinema. Quais foram os filmes que você fez?

Só fiz um, que está agora em fase de montagem. O nome é meio bobo, As virgens desvairadas, não é um filme muito bom, mas estou começando, posso esperar, tenho só vinte anos.

Na semiescuridão do carro ela parecia ter vinte e cinco.

Parei o carro na Bartolomeu Mitre e fomos andando a pé na direção do restaurante Mário, na rua Ataulfo de Paiva.

Fica muito cheio em frente ao restaurante, eu disse.

O porteiro guarda o carro, você não sabia?, ela disse.

Sei até demais. Uma vez ele amassou o meu.

Quando entramos, Ângela lançou um olhar desdenhoso sobre as pessoas que estavam no restaurante. Eu nunca havia ido àquele lugar. Procurei ver algum conhecido. Era cedo e havia poucas pessoas. Numa mesa um homem de meia-idade com um rapaz e uma moça. Apenas três outras mesas estavam ocupadas, com casais entretidos em suas conversas. Ninguém me conhecia.

Ângela pediu um Martini.

Você não bebe?, Ângela perguntou.

Às vezes.

Agora diga, falando sério, você não pensou nada mesmo, quando eu te passei o bilhete? Não. Mas se você quer, eu penso agora, eu disse.

Pensa, Ângela disse. Existem duas hipóteses. A primeira é que você me viu no carro e se interessou pelo meu perfil. Você é uma mulher agressiva, impulsiva e decidi-me conhecer. Uma coisa instintiva. Apanhou um pedaço de papel arrancado de um caderno e escreveu rapidamente o nome e o telefone. Aliás quase não deu para eu decifrar o nome que você escreveu.

E a segunda hipótese?

Que você é uma puta e sai com uma bolsa cheia de pedaços de papel escritos com o seu nome e o telefone. Cada vez que você encontra um sujeito num carro grande, com cara de rico e idiota, você dá o número para ele. Para cada vinte papelinhos distribuídos, uns dez telefonam para você.

E qual a hipótese que você escolhe?, Ângela disse.

A segunda. Que você é uma puta, eu disse.

Ângela ficou bebendo o martíni como se não tivesse ouvido o que eu havia dito. Bebi minha água mineral. Ela olhou para mim, querendo demonstrar sua superioridade, levantando a sobrancelha — era má atriz, via-se que estava perturbada — e disse: você mesmo reconheceu que era um bilhete escrito às pressas dentro do carro, quase ilegível.

Uma puta inteligente prepararia todos os bilhetinhos em casa, dessa maneira, antes de sair, para enganar os seus fregueses, eu disse.

E se eu jurasse a você que a primeira hipótese é a verdadeira. Você acreditaria?

Não. Ou melhor, não me interessa, eu disse.

Como que não interessa?

Ela estava intrigada e não sabia o que fazer. Queria que eu dissesse algo que a ajudasse a tomar uma decisão.

Simplesmente não interessa. Vamos jantar, eu disse.

Com um gesto chamei o maître. Escolhemos a comida.

Ângela tomou mais dois martínis.

Nunca fui tão humilhada em minha vida. A voz de Ângela soava ligeiramente pastosa. Eu se fosse você não bebia mais, para poder ficar em condições de fugir de mim, na hora em que for preciso, eu disse.

Eu não quero fugir de você, disse Ângela esvaziando de um gole o que restava na taça. Quero outro.

Aquela situação, eu e ela dentro do restaurante, me aborrecia. Depois ia ser bom. Mas conversar com Ângela não significava mais nada para mim, naquele momento interlocutório.

O que é que você faz?

Controlo a distribuição de tóxicos na zona sul, eu disse.

Isso é verdade?

Você não viu o meu carro?

Você pode ser um industrial.

Escolhe a sua hipótese. Eu escolhi a minha, eu disse.

Industrial.

Errou.

Traficante. E não estou gostando desse facho de luz sobre a minha cabeça. Me lembra as vezes em que fui preso.

Não acredito numa só palavra do que você diz.

Foi a minha vez de fazer uma pausa.

Você tem razão. É tudo mentira. Olha bem para o meu rosto. Vê se você consegue descobrir alguma coisa, eu disse.

Ângela tocou de leve no meu queixo, puxando meu rosto para o raio de luz que descia do teto e me olhou intensamente.

Não vejo nada. Teu rosto parece o retrato de alguém fazendo uma pose, um retrato antigo, de um desconhecido, disse Ângela.

Ela também parecia o retrato antigo de um desconhecido.

Olhei o relógio.

Vamos embora?, eu disse.

Entramos no carro.

Às vezes a gente pensa que uma coisa vai dar certo e dá errado, disse Ângela.

O azar de um é a sorte do outro, eu disse.

A lua punha na lagoa uma esteira prateada que acompanhava o carro. Quando eu era menino e viajava de noite a lua sempre me acompanhava, varando as nuvens, por mais que o carro corresse.

Vou deixar você um pouco antes da sua casa, eu disse.

Por quê?

Sou casado. O irmão da minha mulher mora no teu edifício.

Não é aquele que fica na curva? Não gostaria que ele me visse. Ele conhece o meu carro. Não há outro igual no Rio.

A gente não vai se ver mais?, Ângela perguntou.

Acho difícil.

Todos os homens se apaixonam por mim.

Acredito.

E você não é lá essas grandes coisas. O teu carro é melhor do que você, disse Ângela.

Um completa o outro, eu disse.

Ela saltou. Foi andando pela calçada, lentamente, fácil demais, e ainda por cima mulher, mas eu tinha que ir logo para casa, já estava ficando tarde.

Apaguei as luzes e acelerei o carro. Tinha que bater e passar por cima. Não podia correr o risco de deixá-la viva. Ela sabia muita coisa a meu respeito, era a única pessoa que havia visto o meu rosto, entre todas as outras. E conhecia também o meu carro. Mas qual era o problema? Ninguém havia escapado.

Bati em Ângela com o lado esquerdo do para-lama, jogando o seu corpo um pouco adiante, e passei, primeiro com a roda da frente — e senti o som surdo da frágil estrutura do corpo se esmigalhando — e logo atrolei com a roda traseira, um golpe de misericórdia, pois ela já estava liquidada, apenas talvez ainda sentisse um distante resto de dor e perplexidade.

Quando cheguei em casa minha mulher estava vendo televisão, um filme colorido, dublado.

Hoje você demorou mais. Estava muito nervoso?, ela disse. Estava. Mas já passou. Agora vou dormir. Amanhã vou ter um dia terrível na companhia.

Reportagem 1.

Inferno na terra prometida (autor: Carlos Rollsing)

Passadas 79 horas e quase 4 mil quilômetros de uma viagem desgastante e cheia de imprevistos desde Rio Branco, capital do Acre, um grupo de 18 imigrantes finalmente tinha São Paulo, a tão desejada e idealizada São Paulo, a seus pés, ao seu redor, ao seu olhar.

Depois de penarem por semanas, pulando de um ônibus a outro, cruzando diversas fronteiras, sofrendo roubos e extorsões, passando por humilhações e sacrifícios no precário abrigo acriano, eles haviam vencido. Enfim estavam na terra prometida, onde, segundo lhes asseguraram, teriam um bom emprego, vida nova e prosperidade.

O relógio marcava 1h30min da madrugada da última terça-feira quando o ônibus da empresa TransBrasil encostou no Terminal Rodoviário do Tietê. Os 18 refugiados haitianos dormiam no interior do veículo, às escuras, e aos poucos foram despertando, recolhendo seus pertences e desembarcando.

Ainda incrédulos e cansados, perguntavam:

– Aqui é São Paulo? Já chegamos? Após pegarem as malas no bagageiro, foram se aglomerando em frente ao box 71 da rodoviária, mesmo local em que foram deixados. Não havia reação, alegria, sorrisos ou choro. Nenhuma atitude ou emoção. Alguns cruzaram os braços, baixaram a cabeça, sentaram sobre as malas. Nenhum passo era dado sequer para pedir informações.

Desnorteados, ficaram ali mesmo, na parte externa, sob um frio de 16°C que os castigava. Por medo de sair do local e se perder dos companheiros que falavam o seu idioma, um dos haitianos pegou um recipiente da mochila e urinou ali mesmo. Largou o pote em um cantinho e voltou ao seu lugar, em frente ao box 71.

Os motoristas da odisseia, após 40 minutos, tomaram assento no carro e deixaram o terminal. E os haitianos continuavam nas mesmas posições. Mais uma vez, era a falta de informação, a terrível dificuldade de comunicação e um certo medo de agir equivocadamente trazendo consequências aos imigrantes.

Aos poucos, começaram a se movimentar em busca de telefones em que pudessem contatar familiares ou amigos. Queriam avisar da chegada, dar um jeito de serem encontrados, mas muitos dos números informados não existiam. Não deixou de ser mais um momento chocante, aflorado pela completa falta de rumo e desconhecimento sobre o lugar que escolheram para ser o esteio de suas vidas.

Bensy Jean Bastiste pedia que ligassem ao seu primo. Ele poderia buscá-lo na rodoviária, garantia o haitiano. Quando o parente foi contatado, a surpresa: ele vivia em Jaraguá do Sul, em Santa Catarina. Bensy não tinha a menor ideia das características geográficas do Brasil. Ele guardava R\$ 90 no bolso e sua esperança passou a ser tomar um ônibus pela manhã a Jaraguá do Sul. Mas o dinheiro era insuficiente, o que desenhava um quadro trágico para o seu destino. Tendo de se alimentar, Bensy passou a madrugada perdido na rodoviária, sem recursos para seguir viagem e encravado em um meio eivado por assaltantes, golpistas e moradores de rua.

Magricelo e baixo, Guijard Almazor era dos poucos que tinha um telefone próprio apto a fazer chamadas. Zanzava pelo box 71 com um papelucho amarrotado e rasgado no qual se lia: Minas Gerais. Ele não sabia dizer para qual cidade iria e pareceu espantando depois de ouvir a informação de que Minas Gerais conta com 853 municípios. E era preciso apontar um como destino.

Cinco minutos depois, Guijard surgiu com outro bilhete citando Belo Horizonte. Finalmente conseguiu contato com um parente. O familiar explicou que o imigrante deveria tomar um ônibus para o município mineiro chamado Cláudio. Guijard começou a treinar a pronuncia do seu destino: "CRAAAAU-DIO", esforçava-se o imigrante. Esse haitiano poderia ter desembarcado em Minas Gerais, na região de Uberlândia, por onde passou o ônibus da TransBrasil. Seria mais perto e menos oneroso. A falta de informação, porém, o conduziu desnecessariamente à capital paulista.

Às 3h15min, quase duas horas após o desembarque, os 18 haitianos seguiam paralisados em frente ao box 71. Katly Milus, uma negra esbelta, alta, magra e de rosto fino, a única que ousava discutir assuntos em geral com os homens, também estava calada. Braços

cruzados, fitava pontos aleatórios no horizonte. A maioria pretendia permanecer em São Paulo, mas sequer havia conseguido colocar o pé fora da rodoviária.

Terra prometida é o slogan atribuído ao Brasil pelos vendedores de ilusões que atuam em países berço de imigrantes contemporâneos. Aproveitando o contexto de miséria, desemprego e desesperança de nações como Haiti e Senegal, os agenciadores de viagens estimulam as migrações.

Como as fronteiras dos Estados Unidos e da Europa ergueram restrições, o Brasil surgiu como opção. O fenômeno foi alimentado devido à aproximação entre os governos brasileiro, caribenhos e africanos, além do interesse de grandes industriais em trazer mão de obra que aceite serviço pesado. A explosão das migrações ocorreu a partir de janeiro de 2010, quando um catastrófico terremoto devastou o Haiti e multiplicou o cenário de pobreza.

Para fantasiar a realidade de um país como o Brasil, que cresceu economicamente, mas passa por crise e mantém bolsões de miséria e precariedade de serviços públicos, os agentes vendem a ideia da terra prometida, onde os imigrantes encontrarão emprego, salários em moeda valiosa, saúde, educação, segurança e, se necessário, programas sociais. A realidade difere do rótulo propagandista.

– Para as agências de viagem do Haiti e do Equador (país em que eles descem do avião e tomam ônibus rumo ao Acre, no Brasil), o que importa é o lucro. Elas não querem saber se as pessoas vão sofrer. As agenciadoras acabam enganando os imigrantes, que também se oferecem para serem enganados. O haitiano não quer ouvir que terá dificuldades no Brasil. Ele só quer ouvir que é o paraíso e que tudo irá se resolver – afirma Esdras Hector, haitiano que vive no Brasil há quatro anos e, agora, ajuda na recepção e orientação dos seus compatriotas que residem no abrigo em Rio Branco, no Acre.

O inferno dos imigrantes começa antes mesmo da chegada ao chão brasileiro, quando são roubados e extorquidos por policiais ou cidadãos comuns na travessia do Peru. Nesse período, chegam a passar fome e são forçados a longas caminhadas, algumas pela mata. Depois, vem a falta de dinheiro, a fome e a sede. Já no abrigo disponibilizado pelo

governo do Acre, encontram uma morada em condições desumanas. Superlotação, colchões úmidos e semidestruídos, mau cheiro, esgoto, banheiros inutilizáveis e doenças.

Também sofrem com a incapacidade de comunicação e a falta de informação. Até aqui, a terra prometida dos imigrantes é nada mais do que tragédia.

– No Haiti, há pessoas que se passam por religiosos. E eles pregam que o Brasil é a terra prometida. Os pastores chegam a indicar as agências de viagem, dizem que o abrigo é um hotel com três refeições ao dia – revela Antonio Carlos Ferreira Crispim, um dos coordenadores do precário local que hospeda imigrantes em Rio Branco.

As informações citadas por Crispim foram apuradas pela Agência Brasileira de Inteligência (Abin), que enviou investigadores ao Haiti e, constantemente, se faz presente no abrigo de forma anônima. Na via-crúcis para chegar ao Brasil e nas primeiras semanas no país, os imigrantes sofrem um choque. Tudo é diferente daquilo que lhes venderam.

Milhares de haitianos e senegaleses acabaram conseguindo emprego nas regiões Sudeste e Sul, superaram as dificuldades do passado e sustentam famílias nas suas nações. Para esses, o sacrifício valeu a pena. Mas há muitos, que vieram com expectativa de não se tornarem peões, que olham a experiência com frustração.

– Gente que vivia relativamente bem no Haiti deixou tudo para trás por achar que o Brasil é os Estados Unidos. Mas o Brasil não é o Estados Unidos. Na cabeça do haitiano, a única coisa que importa é fugir do seu país. Tenho um amigo que voltou ao Haiti. Ele acha que atrasou a sua vida no Brasil – conta Esdras.

O trauma causado pela trajetória até o Acre e pelo período no abrigo se traduziu na reação desesperada de um haitiano no dia 27 de maio, uma quarta-feira. Cansado de esperar por uma vaga nos ônibus oficiais do governo acriano que levavam ao Sul e ao Sudeste, ele comprou passagem em um coletivo privado que encostou na rua do abrigo. Pagou R\$ 330 por uma passagem de Rio Branco a São Paulo.

Tendo o sorriso como característica, estava radiante, buscou sua mala no alojamento, passou um pano para remover a poeira e saiu correndo. Ficou cerca de duas horas esperando a partida do ônibus, quando veio a notícia de que a viagem não sairia mais.

Poucos bilhetes haviam sido vendidos naquele dia. O haitiano murchou, o sorriso sumiu. Uma expressão trágica lhe tomou as feições. Pegou o dinheiro de volta com o motorista e disse que daria outro jeito de sair de Rio Branco.

– Tenho família no Brasil, estão desesperados para me ver. Estou há 10 dias aqui (abrigo) e não posso aguentar mais. Tenho dor de cabeça, gripe, não suporto mais – disse o haitiano, que ainda lamentou a sujeira e o mau cheiro do abrigo, a escassez de água e as dores que sentia pelo corpo.

À noite, não conseguia mais dormir. Sentava no esfarrapado colchão, colocava a cabeça entre as pernas e esperava o tempo passar.

Não há território mais inóspito no abrigo, em Rio Branco, do que os banheiros. Em um corredor longo, as cabines com vasos sanitários estão de um lado. Os boxes com os chuveiros estão em frente. As paredes plásticas que fechavam a área das duchas estão destruídas e espalhadas pelo chão. Lixo e roupas velhas estão perdidos por ali, mas o pior é o cheiro que exala dos vasos sanitários, com fezes acumuladas até a borda. Também há dejetos pelo chão.

Com o local inutilizável, muitos imigrantes tomam banho nos fundos dessa área, aproveitando a água que desce de canos em frente a um matagal, sem privacidade. Para caminhar em alguns locais, é preciso pisar certeiro sobre tijolos ou passarelas. Errar significa enfiar o pé no esgoto que corre livre por diversos cantos do abrigo.

No dia em que caiu uma pancada de chuva típica do norte do Brasil, uma calha começou a jorrar água perto de um dos dormitórios. Os haitianos Maxonuy Vertu e Jean François Philogene não hesitaram: de sunga, se jogaram debaixo da vertente, lavando-se com sabão. Opção melhor do que encarar os banheiros.

O abrigo fica na Chácara Aliança, sede de eventos que teve suas dependências alugadas pelo governo acriano. O imóvel está em área de preservação ambiental, na Estrada Raimundo Irineu Serra. Nas redondezas, também há um centro para celebrar o lugar onde foi criada, justamente por Raimundo Irineu Serra, a doutrina do Daime, manifestação religiosa conhecida pela ingestão de um chá alucinógeno.

Entre os dias 22 e 24 de maio, o abrigo estava com quase 600 pessoas, cerca de 450 haitianos e 80 senegaleses, além de porções menores de dominicanos, bengaleses, ganeses e nigerianos. A superlotação é um dos principais dramas. Eles são forçados a dormir empoleirados, sobre colchões rasgados, carcomidos, sujos e úmidos. À noite, são atacados por insetos.

Pelo vaivém de refugiados, o chão fica sujo de barro. Em um dos dormitórios mais lotados, não há paredes laterais, apenas telhado e muretas, deixando os imigrantes expostos a intempéries. Há pelo menos um lugar de pé direito baixo, que, combinado com a superlotação, traz sensação de sufocamento. O cheiro ruim está por todas as partes. E as doenças também.

São inúmeros os relatos de febre, dores na cabeça e no corpo e problemas estomacais. Era o caso de Alter Esmangat, 41 anos, haitiano que, debilitado, se encolhia pelos cantos. Um médico cubano atende uma vez por semana no abrigo, receitando remédios que são buscados pelas equipes do governo na farmácia pública. Mas é pouco diante do quadro de calamidade do local. Desabitutados ao cloro, os imigrantes também enfrentam dificuldades para ingerir água, que, aliás, é escassa. Em poucas torneiras, eles se amontoam com garrafas pet a mão.

Desde o início do abrigo – o atual, na Chácara Aliança, é o terceiro local diferente de funcionamento, sendo que mais de 38 mil imigrantes já passaram pelas estruturas desde 2011 –, três já morreram no local. O caso mais antigo foi consequência de câncer. Os mais recentes se deram por doenças adquiridas ou agravadas no alojamento.

A comida, distribuída três vezes ao dia, é outro problema. São vários que não se adaptam e reclamam da repetição de cardápio: carne, arroz, feijão e massa. Marmitas são abandonadas diariamente pelo chão. Um gatinho magro e jovem se aproximou de um recipiente cheio. Farejou o feijão, a carne, a massa. Refugou.

Para o haitiano Saludieu Rosalva, os imigrantes passam por "situação de calamidade". Para descansar durante o dia, os refugiados preferem duas áreas ao ar livre, distante da morrinha dos alojamentos. Uma em frente aos dormitórios e outra diante do prédio da chácara convertido em sede da coordenação. Ambas ficam sob sombras de frondosas

árvores, que protegem do escaldante sol acriano. Por ali sentam, conversam, cantam, discutem, mexem em celulares e aparelhos eletrônicos, se espreguiçam, não fazem nada.

A paisagem da chácara foi alterada. Qualquer lugar que possa sustentar roupas ao sol foi convertido em varal. No pátio, uma pequena réplica do Cristo Redentor teve os braços abertos transformados em sustentáculos para roupas, um pé de tênis All Star repousava sobre sua cabeça.

A comunidade acriana debate diariamente a questão da imigração, mas é gritante o pouco ou nenhum envolvimento dos cidadãos com a rotina do alojamento. Um dos motivos que ajudam a explicar é a distância da chácara em relação ao centro da cidade, mas há mais fatores.

– Algumas igrejas e empresas contribuem em ocasiões festivas, como o Natal, mas, em geral, a participação das pessoas na assistência social tem sido muito pequena. O Acre é um Estado pobre – destacou Carlos César Ferreira de Souza, servidor público que trabalha no abrigo.

Estudo de Letícia Mamed e Eurenice Lima, professoras da Universidade Federal do Acre, indica que 60% da população acriana – são 790 mil habitantes no Estado, 364 mil na capital Rio Branco – é dependente de algum programa de transferência de renda. Secretário estadual dos Direitos Humanos, Nilson Mourão afirma que a vizinhança da chácara está incomodada com a ininterrupta presença dos imigrantes, enquanto na área mais central de Rio Branco "há medo de disseminação de doenças". Embora não haja violência, a convivência não tem sido pacífica, com sinais de preconceito e xenofobia despertando.

– Esses pretos só vem para incomodar – disse, furioso, um morador da antes pacata rua do abrigo no dia em que o motorista do ônibus contratado pelo governo para levar imigrantes derrubou parte de sua cerca ao dar ré no veículo.

Reportagem 2.

Eu sou filha da rua (autora: Letícia Duarte)

Criada nos escombros do que seria um hospital, a Vila do Esqueleto é o palco da encruzilhada em que Felipe se encontra aos 14 anos. Sem banheiro, sem água encanada e com ligação irregular de energia elétrica, o novo endereço adotado pela família em Porto Alegre, após a tentativa frustrada de recomeço em Torres, é o retrato do desamparo que ameaça o destino do adolescente. Felipe segue vagando pelas ruas, com passos cada vez mais violentos. Sem conseguir tanta esmola – com quase 1m70cm, não parece mais criança – comete infrações em busca do crack. Em momentos de lucidez, diz querer parar com tudo. Na fissura, é capaz de qualquer desatino por mais uma pedra.

Os vizinhos são despertados pelos gritos que ecoam na Vila do Esqueleto, em Porto Alegre. Passa das 23h de domingo, 26 de fevereiro de 2012. O palco da briga é há dois meses o novo endereço da família de Felipe. Bêbado, o padrasto ameaça o enteado de 14 anos, que reapareceu em casa após três semanas nas ruas e tomou o seu lugar na cama de casal, dormindo ao lado de Maria.

– Pode arrumar as vela que eu vou matar esse guri – anuncia Pedro para a mulher, com um pedaço de pau na mão.

Os moradores ouvem tudo sem intervir. Não querem se intrometer na confusão dos recém-chegados à favela, que ganhou o nome de Esqueleto por ter crescido ao redor dos escombros de uma obra inacabada, diante da Avenida Protásio Alves, no caminho para Viamão. As vigas que deveriam sustentar um hospital do Montepio dos Funcionários do Município da Capital – uma entidade de poupança privada que quebrou no meio da construção – delimitam desde 2006 a ocupação irregular, alvo de disputa judicial.

Nessa noite, ao perceber que o companheiro chegou embriagado, Maria tenta impedir a sua entrada no lar, o que desencadeia a briga. Ao deparar com Felipe dormindo no seu lugar, o padrasto interpreta o gesto da mulher como uma preferência pelo filho, com quem sempre teve uma relação tumultuada.

– Tu prefere ficar com um ladrão e vagabundo do que comigo – berra Pedro, que nunca se conformou com a passividade de Maria em relação a Felipe.

Revoltado, o padrasto força a entrada e derruba a porta da casa com socos e pontapés. Sobe na cama pisoteando o corpo do enteado, que se vira e revida a agressão pisando no

peito de Pedro. Transtornada diante da luta, Maria pega uma faca e se mete no meio dos dois. Acerta um golpe no braço do companheiro, que foge urrando de dor. Ao buscar atendimento médico, recebe 10 pontos no ferimento.

– Meus filhos vão estar sempre em primeiro lugar. Eu não ia deixar ele matar o meu filho
– justifica Maria.

Por mais que a doméstica diga que os atos de violência do companheiro são esporádicos, suas irmãs cansaram de vê-la ostentando marcas de agressões.

– Que adiantou trocar um bêbado por outro? – questiona uma delas, lembrando do pai de Felipe.

O tumulto familiar é apenas mais um sintoma dos riscos a que o menino está cada vez mais exposto. Foi para tentar protegê-lo que a mãe decidiu voltar a Porto Alegre, após dois anos em Torres. Temia que o filho acabasse morto em represália pelos furtos cometidos no Litoral. A decisão foi selada no dia em que Maria chegou em casa, ao retornar do apartamento de cobertura onde trabalhava como doméstica, e foi cercada por mais de 20 pessoas. Cobravam que ela pagasse tudo o que o filho surrupiara de um vizinho, incluindo serras elétricas, máquinas de cortar grama e furadeiras.

Foi uma das raras vezes em que alguém apanhou Felipe. Como parte de sua rotina de peregrinação pelas ruas, movida a crack, o menino vigiava casas em suas madrugadas insones, aguardava os proprietários saírem, quebrava as janelas, furtava o que conseguia e saía sem que ninguém percebesse. Preferia notebooks, que são rentáveis e mais fáceis de levar numa mochila, mas carregava nos ombros até TV de plasma. Com os eletrônicos, conseguia “pelo menos R\$ 100” – cada cédula era convertida em pedras de crack. De casa, Felipe levou tudo. Quando não sobraram mais móveis e eletrodomésticos para vender, arrancou a porta e as janelas. Como sumiu até com o colchão, a família chegou a dormir no chão. Às vezes, levava o irmão mais velho para acompanhá-lo. Depois do ataque a uma obra, em 2010, seu irmão de 19 anos acabou preso, quando os dois fugiam com furadeiras nas costas. Por ser menor de idade, Felipe foi liberado. O adolescente conta a história rindo, como se tudo não passasse de uma brincadeira. Mas tem consciência de que seu período de imunidade está se esgotando.

– Agora eu já tenho 14, se assaltar vou preso. Por exemplo, se eu te matar, já vou pra Febem (hoje Fase). Se eu roubar já vou pra cadeia, e eu não quero – diz Felipe à repórter.

Apesar dos furtos praticados pelo filho e da angústia cotidiana por não saber quando ele vai aparecer em casa, Maria estava feliz ao chegar à Vila do Esqueleto, depois de seis meses morando de favor na casa da filha de 29 anos, na Vila Bom Jesus. Negociou com traficantes da quadrilha “Bala na Cara”, que chefia os negócios na favela, e pagou R\$ 200 pelo terreno. Avisou o filho de que ali ele não podia “mexer nas coisas de ninguém”, senão seriam expulsos da vila onde moram pelo menos 200 famílias.

A vizinha Márcia Adriana Gomes Corrêa, 33 anos, se queixa das condições de vida no lugar, dos ratos de até 30 centímetros que dividem o espaço com crianças, dos carrapatos que sobem pelas paredes no verão. Mas Maria se sente privilegiada por estar ali. Pela primeira vez na vida, tem um “pátio grande” para estender roupa, uma vista para um matagal que lhe faz pensar que mora em uma “fazenda”.

– Tomara que não me tirem do meu paraíso – torce, preocupada com a ação que pede a reintegração de posse do terreno e ameaça de despejo os moradores.

Só que o filho é apenas um visitante eventual do casebre de duas peças. Passou o aniversário de 14 anos longe de casa e, ao retornar, virou o pivô da briga familiar testemunhada pela vizinhança. Após as ameaças do padrasto, Felipe voltou às ruas.

– Enquanto eles são crianças, todo mundo fica com pena e dá esmola. Quando crescem, as mesmas pessoas que os acostumaram a receber dizem: vai trabalhar, vagabundo. Como não conseguem mais dinheiro, ficam violentos – analisa o sociólogo Ivaldo Gehlen, coordenador do Censo das Crianças e Adolescentes em Situação de Rua de Porto Alegre, publicado em 2008.

Para a rede, uma lenda

Com passos desconhecidos em suas andanças, Felipe é procurado desde janeiro por educadores sociais do programa municipal Ação Rua. Ao todo, 13 equipes percorrem a cidade à procura de crianças e adolescentes que perambulam pelas esquinas. A partir da mudança da família para a Vila do Esqueleto, o caso, que vinha sendo acompanhado pelo núcleo da Bom Jesus, na região Leste, foi repassado para a unidade da região Baltazar/Nordeste.

Os desencontros que se seguiram a partir daí são um exemplo de por que a rede de proteção não consegue proteger. Passados cinco meses, os educadores designados para acompanhar Felipe ainda não conseguiram encontrá-lo.

– A gente brinca que o Felipe é uma lenda. Estamos sempre atrás dele, mas nunca conseguimos encontrar. Ainda não o conhecemos – lamenta a coordenadora do núcleo do Ação Rua Baltazar/Nordeste, Paulina Gonçalves.

Entre 24 de janeiro e 5 de abril, os educadores foram nove vezes à casa de Maria. Lamentam pelo fato de a mãe, que só foi encontrada em três dessas ocasiões, não ter cumprido a combinação de avisar quando o filho aparecesse.

Isso não significa que Felipe esteja desaparecido: nesse mesmo período, foi visto duas vezes na Vila Bom Jesus por educadores sociais do Ação Rua que atuam nas redondezas.

– Foram contatos rápidos e não fomos avisados na hora. Mas agora nós reafirmamos que, assim que o pessoal do outro núcleo o enxergar, tente uma estratégia para manter o menino por perto, para que possamos encontrá-lo e uma terceira vez não aconteça – diz a psicóloga Claudiana Poerscke de Oliveira Freitas, que até maio estava ligada ao Ação Rua Baltazar/Nordeste.

Há quatro meses, o próprio Felipe pediu ajuda ao Conselho Tutelar. Na véspera de seu aniversário de 14 anos, em 14 de fevereiro, apareceu na sede da Bom Jesus pedindo para ser internado em uma fazenda terapêutica. Queria se libertar do crack. Foi atendido pela conselheira Ana Cristina Medeiros Lima, que entrou em contato com o Ação Rua. A equipe foi até a casa de Felipe, no mesmo dia, à tarde, mas não o encontrou. Conhecidas como “as cheirosas” pelos vizinhos da Vila do Esqueleto, as educadoras deixaram um

cartão de aniversário, escrevendo ao adolescente analfabeto que queriam conhecê-lo. Até o início de junho, continuavam sem notícias. A burocracia e a falta de estrutura fizeram Felipe sair outra vez do alcance da rede.

– Em uma semana, ele veio duas vezes aqui. Num dia, eu liguei para o Ação Rua e elas disseram que não tinham Kombi para o transporte, e a coisa acabou se perdendo – lamenta Ana Cristina, que explicou não poder encaminhar ela mesma a internação porque Felipe já não pertence a sua região.

As falhas de comunicação entre os serviços da rede são apenas um dos furos desta malha da qual Felipe costuma escapar. Responsáveis pelo acompanhamento de 98 crianças e adolescentes nas redondezas, os sete integrantes do Ação Rua na região Baltazar/Nordeste não conseguem dar atenção individual aos casos.

– Não é uma rede, são caniços. São demandas ultraurgentes e, se tu vais nos locais, nos abrigos, é tudo superlotado... Onde está o furo? Está na necessidade de mais equipes e vagas – avalia Claudiana.

Mesmo com as limitações, a Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) comemora a diminuição do número de crianças que dormem nas ruas da Capital: já chegou a 200 e atualmente é de 70.

– Temos conseguido reduzir o número todo mês com monitoramento sistemático, mas há casos mais complexos – pondera Júlia Obst, da equipe de coordenação deste setor na Fasc.

Entre abril e junho deste ano, ZH encontrou Felipe três vezes. No dia 19 de abril, ao lado da mãe, a repórter localizou-o depois de uma hora de buscas pela Vila Bom Jesus. Perambulava vestido de camiseta polo, calça e tênis que um dia foram brancos, encardidos com graxa e pó. Surgiu atrás de uma cortina de fumaça do lixo queimado na Rua Marta Franzen, em frente ao Clube Náutico. Seguiu em direção a um ferro-velho onde costuma vender o que cata na rua.

A mãe não sabe o que fazer

– Ô, meu filho, tu tá todo sujo – repreende-lhe a mãe ao abraçá-lo.

– Ah, eu tava trabalhando – responde Felipe, retribuindo sem jeito o carinho da mãe, que não via fazia quatro dias.

Explica que estava desmontando o motor de uma geladeira “lá no seu João”, o dono de outro ferro-velho na vizinhança. Responde às perguntas sem tirar as mãos do bolso, não mostra disposição para esticar a conversa. Está com o semblante fechado, escorado em um poste, em frente a um esgoto a céu aberto. Repete que quer ir para uma fazenda se livrar das drogas.

A mãe tenta uma aproximação.

– Não quer um colo? – pergunta.

– Não sou mais criancinha.

– Vem cá, meu filho. Não é mais nenezinho, né, já fez 14 anos... – insiste.

Felipe obedece ao chamado, dá mais um abraço. Mas diz que tem que ir embora. Precisa trabalhar. Despede-se apressado, como se a mãe atrapalhasse seu caminho.

– Vai com Deus – diz para a mãe no último abraço.

Na mesma noite, pega emprestada uma bicicleta do dono do ferro-velho para ir até o ponto de crack. Seu primo lhe deu R\$ 20 para comprar quatro pedras para os dois compartilharem. Felipe some com o dinheiro e com a bicicleta. Um de seus refúgios é um matagal perto de um posto de gasolina da Avenida Protásio Alves, mas o adolescente muda de esconderijo a cada vez que é descoberto.

Maria volta para a Vila do Esqueleto, onde tenta impedir que o neto de nove anos siga o mesmo destino do tio – o que parece improvável. Foi chamada na escola porque o menino começou a faltar aulas e a relaxar nos deveres de casa.

– Por que eu tenho que ir para a escola, se o Felipe não vai? – questiona.

Maria sabe que nunca conseguiu dar limites para os filhos. Aparenta estar resignada com as circunstâncias. Tem convicção de que tentou tudo para salvar Felipe.

– Eu não sei mais o que fazer – confessa.

Em abril, ela se preparava para a chegada do segundo neto – a namorada do filho de 20 anos estava grávida, mas a família não tinha certeza se o filho é dele ou de Felipe, que também teve um relacionamento com a mulher, de 29 anos. A dúvida permanecerá para sempre: aos sete meses de gravidez, a gestante sofreu duas paradas cardíacas e morreu antes de dar à luz.

Embora todos tenham lamentado, ninguém na família pareceu se espantar. Felipe já perdeu um irmão assassinado e outra irmã de tuberculose. Em março, ele mesmo foi ameaçado com um revólver 38 por um vizinho, depois de derrubar uma criança de dois anos no chão ao tentar tirar de suas mãos um par de tênis. O tio do menino foi tirar satisfações e só baixou a arma porque Maria apareceu de repente. Felipe diz não temer mais nada.

– Depois que me queimaram na rua, perdi o medo de tudo.

A criança virou um moço

Em fevereiro deste ano, ao chegar a um supermercado na Avenida Protásio Alves para fazer compras, acompanhada pelos dois filhos, a ex-conselheira tutelar Lúcia Kümmel é surpreendida por um dos pedintes, que levanta da calçada apressado e atravessa seu caminho.

– Oi, lembra de mim?

Lúcia demora para reconhecer o rosto que não vê há quase três anos. Quando Felipe se identifica, percebe que o guri mirrado que tentou tirar da rua durante dois mandatos como conselheira na Vila Bom Jesus virou um moço de quase 1m70cm, a face salpicada de cravos e espinhas. Antes de cabeça raspada, agora ostenta um cabelo castanho crespo, com reflexos alourados.

Apesar dos tantos casos que atendeu nos seis anos em que trabalhou no Conselho Tutelar, a socióloga que hoje integra o Conselho Municipal dos Direitos da Infância e da Adolescência não se esqueceu de Felipe. Foi um dos casos que mais a marcaram. Lembra bem da incursão que fez para tirá-lo de baixo da ponte e do dia em que ele bateu à porta do conselho para pedir tratamento contra o crack. Mesmo ao ver que o adolescente continua nas ruas, Lúcia não acha que seu trabalho foi em vão. Se a rede não tivesse tentado tudo o que tentou, o quadro hoje seria pior.

– Para mim, a boa notícia é ele estar vivo. É inédito – avalia.

Uma notícia ruim é o que a mãe de Felipe mais teme. Maria costuma acordar no meio da noite assustada com barulho de automóveis. Pressente que chegará o dia em que um deles vai parar diante de sua casa para lhe comunicar uma tragédia envolvendo seu filho caçula. Reza por um milagre para que Felipe escape das duas únicas opções de futuro que Maria vê para ele, caso continue sua peregrinação pelas ruas: a cadeia ou a morte.

ANEXO 10 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Sou membro do Grupo de Pesquisa de Neurociência Afetiva e Transgeracionalidade (GNAT) do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPG-PUCRS) e sou responsável pela pesquisa “O Papel

das Narrativas Ficcionais e da Empatia no Julgamento Moral” sob orientação da Profa. Dra. Adriane Xavier Arteche e estou fazendo um convite para você participar como voluntário nesse estudo. Esta pesquisa pretende compreender como a leitura de narrativas ficcionais influenciam a empatia e o julgamento moral, pois acreditamos que compreender melhor esta relação pode ajudar no desenvolvimento de novas teorias que procuram entender se a empatia realmente influencia nossa moralidade.

Para sua realização será feito o seguinte: Primeiro, serão coletados alguns dados pessoais. Depois, será necessário preencher uma escala, realizar uma tarefa no computador e por último solucionar alguns dilemas morais. Nosso segundo encontro será realizado dois dias após o primeiro e começará com uma leitura específica realizada no computador e depois respondendo novamente algumas escalas e dilemas morais. Cada um dos encontros terá uma duração média de uma hora e meia. Portanto, sua participação constará de dois encontros que garantirão três horas complementares somente e apenas após a conclusão dos dois encontros previamente combinados.

É possível que você sinta algum desconforto na hora de responder alguns dos dilemas morais, mas essa dificuldade é normal para todas as pessoas. No entanto, você tem o direito de pedir uma indenização por qualquer dano que resulte da sua participação no estudo. Os benefícios diretos para você são restritos e se limitam aos resultados que serão obtidos e analisados após a pesquisa. Desta forma, indiretamente você estará colaborando para o avanço da ciência psicológica com novos dados que esclarecerão como a leitura influencia nossa vida.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de esclarecer qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato com algum dos professores responsáveis Bruno Parada Y Dalpiaz ou Adriane Xavier Arteche, pelo telefone do GNAT, (51) 3320-7739. Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelos pesquisadores responsáveis em horário e local a serem combinados por você. Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão de livre e espontânea vontade, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Atenciosamente,

Bruno Parada Y Dalpiaz
Matricula: 17190408-9
CRP: 07/26267

Local e Data

Profa. Dra. Adriane Xavier Arteche
Matrícula:10083974
CRP:07/10538

CONSENTIMENTO DO(A) PARTICIPANTE

Eu, _____, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do(a) participante da pesquisa



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br